

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em
Memória Social e Patrimônio Cultural



Dissertação

A festa da Bicharada do Ari: um patrimônio da comunidade de Piratini -
RS

Gisele Dutra Quevedo

Pelotas, 2017

Gisele Dutra Quevedo

A festa da Bicharada do Ari: um patrimônio da comunidade de Piratini -
RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Juliane Conceição Primon Serres

Pelotas, 2017

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

Q3f Quevedo, Gisele Dutra

A festa da bicharada do Ari : um patrimônio da comunidade de Piratini - RS / Gisele Dutra Quevedo ; Juliane Conceição Primon Serres, orientador. — Pelotas, 2017.

175 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

1. Festa popular. 2. carnaval. 3. Bicharada do Ari. 4. identidade. 5. Memória e patrimônio. I. Serres, Juliane Conceição Primon, orient. II. Título.

CDD : 363.69

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

A festa da Bicharada do Ari: um patrimônio da comunidade de Piratini - RS

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 16/05/2017.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Juliane Conceição Primon Serres (Orientadora)
Doutora em História pela UNISINOS

Profa. Dra. Carla Rodrigues Gastaud
Doutora em Educação pela UFPEL

Prof. Dr. Eduardo Roberto Jordão Knack
Doutor em História pela PUCRS

**Dedico este trabalho ao meu marido Bruno,
aos meus filhos Ana Carolina e Conrado e
a todos os participantes e em especial ao
seu Ari Fabião Valente (*in memoriam*)
fundador da festa da Bicharada do Ari.**

Agradecimentos

Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a concretização deste trabalho. De forma especial, agradeço:

Aos meus filhos Ana Carolina e Conrado, que são minha inspiração, por terem suportado minha ausência, compreendendo e sabendo me esperar.

Ao Bruno por estar ao meu lado me auxiliando e incentivando a alcançar meus sonhos.

À toda minha família, em especial: aos meus pais Alvaro e Enilda, irmãos Gilvan e Karine, madrinha Araci, cunhados Neide e Anderson e sogros Júlio César e Fabiana pelas palavras de carinho e incentivo.

À minha orientadora, Juliane Conceição Primon Serres, pelos ensinamentos, pelo apoio, atenção, confiança e carinho dispensados durante esses dois anos de percurso.

Aos professores Carla Rodrigues Gastaud e Eduardo Roberto Jordão Knack pelas contribuições na minha qualificação e defesa.

À Universidade Federal de Pelotas, instituição universitária pública, gratuita e de qualidade e ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, pela oportunidade em concretizar esta pesquisa.

Aos entrevistados desta pesquisa por dedicarem parte do seu tempo à consecução deste trabalho, compartilhando suas lembranças sobre a festa da Bicharada do Ari e, também, por me receberem de forma sempre solícita e carinhosa.

Aos colegas do curso de mestrado, pelos momentos de discussão, reflexão e pelas trocas de experiências proporcionadas nesses dois anos de convívio. Em especial a Luciana de Castro Neves Costa e o Darlan De Mamann Marchi pelas incansáveis vezes em que me “socorreram” com sugestões, textos e trocas de experiências.

Aos professores do programa pelos ensinamentos, em especial: Maria Leticia Mazzucchi Ferreira, Francisca Ferreira Michelin, Jorge Eremites de Oliveira, Juliane Conceição Primon Serres, Lúcio Menezes Ferreira e Renata Ovenhausen Albernaz pelas temáticas trabalhadas em aula que contribuíram para a realização desta pesquisa.

Aos funcionários da Secretaria Municipal de Cultura da cidade de Piratini por me receberem sempre de forma solícita.

À colega Marlise Buchweitz Klug que fez as correções necessárias para finalização desta pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação busca investigar a relação entre a comunidade da cidade de Piratini, no Rio Grande do Sul e a festa popular intitulada Bicharada do Ari, evento realizado desde o final da década de 1940, no período que antecede o Carnaval. Utilizando fotografias e, sobretudo, a História Oral, essa dissertação procura construir a história da festa, até então não registrada oficialmente. Além disso, procura descrever os rituais da festa, seus significados e discute seus valores patrimoniais, utilizando categorias como memória, identidade e patrimônio e questiona também a viabilidade/necessidade e impacto da candidatura dessa festa como patrimônio imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Partiu-se da premissa de que a festa não corre riscos de esquecimento, uma vez que é reproduzida anualmente pela comunidade e, embora tenha passado por significativas transformações durante as décadas, até apresentar o formato atual, mantém algumas das principais características originais do período de sua criação. Entretanto, como uma manifestação efêmera, não é possível, nem desejável, congelar as dinâmicas e as interpretações dessa manifestação popular viva da comunidade piratiniense. Para fins de registro, análise e quiçá uma instrumentação, foi empreendido um esforço nesse trabalho resultando na dissertação.

Palavras-chave: Festa popular, Carnaval, Bicharada do Ari, Identidade, Memória, Patrimônio.

ABSTRACT

This dissertation intends to research the relation between Piratini city community, in Rio Grande do Sul/Brazil, with the "Bicharada do Ari" popular festival. This event has been carried out since the end of the 1940's, in the pre-Carnival time of year. Through the use of photographs and, above all, oral histories, this dissertation aims to trace the history of this festival, which, up to this point, had not been officially documented. The dissertation aims to describe the rituals of the festival, explore their meanings, and discuss the festival's cultural heritage values. In doing so, various concepts are utilized, such as: Memory, Identity, and Cultural Heritage. This work questions the viability and necessity of this expression's candidacy to be considered as national intangible cultural heritage by Brazil's Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (National Historic and Artistic Heritage Institute). The premise of this dissertation holds that this festival does not run the risk of being forgotten if it is practiced annually by the local community. Even though, it has gone through significant transformations throughout the years to become what it is today, the festival maintains some of the original primary characteristics present since its beginning. However, as an intangible expression, it is neither possible nor desirable to petrify the various dynamics and interpretations that the community of Piratini has surrounding this popular cultural expression, for the purposes of documentation and analysis.

Key words: Popular festivals, Carnival, Bicharada do Ari, Identity, Memory, Cultural Heritage.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Exposição nas Lojas Flagra, no ano de 2017	22
Figura 2	Bicharada em 2010.	30
Figura 3	Bicharada no ano de 1952.	32
Figura 4	Bicharada na década de 1940/50.	34
Figura 5	Bicharada na década de 1940/50.	35
Figura 6	Esposa e o filho do Seu Ari (à esquerda).	40
Figura 7	Entorno da casa em que viveu o senhor Ari.	41
Figura 8	Casa em que viveu o senhor Ari.	41
Figura 9	Senhor Ari com amigos.	43
Figura 10	Senhor Ari (à direita) e o amigo João de Deus Citrine Pereira (à esquerda).	44
Figura 11	Senhor Ari e amigos em dia de caçada.	45
Figura 12	Exposição Embala Piratini no Museu Municipal Barbosa Lessa.	49
Figura 13	Caretos de Podence.	60
Figura 14	Grupo “As fogosas do 5º”, Bicharada do Ari na década de 1980.	62
Figura 15	Senhor Deloni Sandi Madruga (Madruga) na Bicharada em 2013.	63
Figura 16	Darlan Madruga na Bicharada em 2016.	64
Figura 17	Cordão dos Bichos.	66
Figura 18	Foto da Banda na primeira fase da Bicharada.	70
Figura 19	Foto de Gretta Chamby na Bicharada de 2016.	72
Figura 20	Mascarados na Bicharada em 2016.	74
Figura 21	Menina fantasiada na Bicharada em 2016.	75
Figura 22	Foto da Banda Xangrilá.	77
Figura 23	Foto da Banda Xangrilá.	78
Figura 24	Senhor Nei Lopes e senhor Valdo Garcia em 2015.	80
Figura 25	Bicharada em 1988.	84
Figura 26	Homenagem ao tio Ari nos 40 anos de Bicharada.	85
Figura 27	Recibo do valor pago a Prefeitura de Piratini no ano de 1991.	86
Figura 28	Desfile da Bicharada em 2016.	89

LISTA DE ABREVIATURAS

IPHAE	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MHF	Museu Histórico Farroupilha
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. O ESPAÇO, A MEMÓRIA E A IDENTIDADE DA BICHARADA DO ARI	27
1.1 A origem da festa.....	27
1.2 O Senhor Ari: uma pequena biografia do fundador do bloco da bicharada	37
1.3 Relação dos piratinienses com a festa: a memória e a identidade da comunidade	50
2. A BICHARADA DO ARI E OUTROS CARNAVAIS	59
2.1 A Bicharada do Ari e uma festa tradicional de carnaval em Portugal.....	59
2.2 A Bicharada do Ari e o Cordão dos Bichos na cidade de Tatuí/ SP	65
2.3 Como os distintos grupos se apropriam da festa	68
2.4 Representação dos fantasiados, os significados	73
2.5 Criação da Banda Xangrilá	76
2.6. Os promotores da festa.....	81
2.6.1. Da década de 1940 a década de 1980 – a Bicharada e o tio Ari.....	81
2.6.2. De 1985 a 1987 – A Bicharada e o Bloco Garra	82
2.6.3. De 1988 até 1998 – A Bicharada e o senhor Niltinho	83
2.6.4. De 1999 até 2004 – a Bicharada e o Museu Histórico Farroupilha	86
2.6.5. De 2004 aos dias atuais – a Bicharada e a Secretária de Cultura de Piratini	88
2.7. Algumas reflexões – permanências, adaptações e rupturas	90
3. A PATRIMONIALIZAÇÃO DA FESTA É IMPORTANTE?	94
3.1 – A Bicharada do Ari: um patrimônio não instituído.....	94
3.2 – Os narradores da festa: Tesouros Humanos Vivos	97
3.3 – Potencial de patrimonialidade da Bicharada do Ari	101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108
FONTES	113
APÊNDICES.....	116

APÊNDICE A –	117
APÊNDICE B –	122
APÊNDICE C –	123
APÊNDICE D –	124
APÊNDICE E –	125
APÊNDICE F –	126
APÊNDICE G –	127
APÊNDICE H –	128
APÊNDICE I –	130
APÊNDICE J –	131
APÊNDICE K –	132
APÊNDICE L –	133
APÊNDICE M –	134
APÊNDICE N –	135
APÊNDICE O –	136
APÊNDICE P –	142
APÊNDICE Q –	147
APÊNDICE R –	149
APÊNDICE S –	157
APÊNDICE T –	164
APÊNDICE W –	174

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda uma tradicional festa popular de carnaval, que é um elemento cultural importante na comunidade da cidade de Piratini, Rio Grande do Sul/Brasil, a chamada Festa da Bicharada do Ari. Algo que nos motiva na busca por investigar a origem de tão importante referência cultural, de modo a documentá-la, para que seja melhor conhecida e não venha a ser apagada com o passar dos anos, é o fato de eu ter nascido e sempre residido na cidade de Piratini, tendo desta forma contato direto com a festa desde a infância, acompanhando *in loco* os detalhes contemporâneos do evento e do que este representa para a comunidade do município. Ainda quando estudante de Graduação no curso de História, realizei o trabalho de conclusão intitulado “Levantamento histórico cultural da cidade de Piratini (RS)”, dedicando um subcapítulo para pesquisar a festa, e desde então nasceu o desejo de conhecer mais sobre ela, o desejo de que a mesma fosse documentada, preservada, transmitida. Dessa forma, surgiu o projeto de pesquisa para realizar esta dissertação.

Salientamos que esta pesquisa trata-se do primeiro trabalho de fôlego sobre essa importante festa popular do município de Piratini, que anteriormente foi abordada como tema de estudo apenas duas vezes, e em ambos os casos não foi o foco principal das investigações. O primeiro estudo foi do antropólogo Miguel Arturo Chamorro Vergara, no ano de 1997, em sua dissertação “Cotidiano e memória na cidade de Piratini RS”, tendo o foco principal da pesquisa uma visão sócio antropológica, tratando da “memória e do cotidiano da cidade de Piratini (RS)”, e o autor apenas dedicou um capítulo de sua pesquisa para descrever a festa e analisar o imaginário popular. A segunda pesquisa, que tratou da festa, foi da própria autora dessa dissertação em sua monografia de graduação no ano de 2007, como já mencionado. Nesse sentido, torna-se importante esta pesquisa, pois a festa não possui registros documentais escritos, sendo que sua memória é preservada e transmitida oralmente, contando cada vez menos com narradores dos períodos mais remotos.

Inicialmente, vale destacar um pouco da história da própria cidade onde ocorre a festa. A cidade de Piratini localiza-se na região Sul do Estado, limitando-se ao norte com os municípios de Santana da Boa Vista, Encruzilhada do Sul e Canguçu; ao Sul, com os municípios de Herval e Pedro Osório; e a Oeste com Pinheiro Machado. Atualmente, a área do município é de 3.539,688 km², segundo o IBGE, embora tenha sido bem mais extensa, mas foi desmembrada ao final da Revolução Farroupilha (1835-1845) como uma das formas de castigo imposto pelo Império, por sua adesão ao projeto dos revoltosos. De acordo com o último censo, realizado pelo IBGE em 2010, a população total da cidade era de 19.841 habitantes; e a população estimada em 2015 somava 20.712 habitantes.

Em relação à festa da Bicharada do Ari, esta é promovida desde o final da década de 1940, pelo Bloco Carnavalesco da Boa Vontade, criado por Ari Fabião Valente¹. O nome é devido ao fato de utilizar fantasias de animais para divertir a comunidade nas semanas que antecedem a data do Carnaval nacional.

A proposta inicial de pesquisa tinha como objetivo buscar informações sobre essa festa com a intenção de verificar se ela possuía os requisitos definidos pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) para ser reconhecida como patrimônio imaterial² e instruir um processo de patrimonialização da mesma para registrá-la no Livro das Celebrações³.

Entretanto, no transcorrer da pesquisa observamos que a patrimonialização ou a criação de um “lugar de memória” não seria uma condição indispensável para sua preservação, pois a festa mantém-se por mais de sete décadas e, até o presente, não apresenta risco iminente de perda e desaparecimento,

¹ Ari Fabião Valente nasceu em 24/10/1914, na cidade de Piratini. Descendente de uma tradicional família seu bisavô, o comendador José Moreira Fabião foi um influente político e comerciante da região. Fundou o Bloco Carnavalesco da Boa Vontade, para o qual, com a ajuda da comunidade confeccionava os Bichos.

²De acordo com o IPHAN: os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas e nos lugares, tais como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas. Em: <http://portal.iphan.gov.br/bcrE/pages/conPatrimonioE.jsf?tipoInformacao=1>

³Segundo o Decreto nº3.551/2000 o Livro de Registro das Celebrações é onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social. O Registro de um bem nada mais é do que a identificação e produção de conhecimento sobre o bem cultural pelos meios técnicos mais adequados e amplamente acessíveis ao público, permitindo a continuidade dessa forma de patrimônio.

uma vez que a comunidade a sustenta, é envolvida. Portanto, se mostrou necessário antes investigar essa relação da comunidade com a festa, os valores que lhes são atribuídos e questionar as políticas públicas a partir dela.

Nora (1993) afirma que a memória precisa de lugares quando ela não existe mais, mas, se é viva não precisa ser fixada. Foi nesse sentido que percebemos que não seria necessária sua patrimonialização nesse momento, mas uma investigação de modo a compreender seus vínculos ou sua dinâmica com a comunidade piratinense, ao longo dos anos em que vem sendo realizada. Além disso, segundo Hugue de Varine (2012), o patrimônio é um recurso para as comunidades e deve ser gerido por elas. Por este motivo, optamos por relatar a história da festa da Bicharada e investigar a origem desta festa popular, para que a comunidade possa conhecê-la melhor e ter os recursos necessários para preservar e manter este patrimônio, não instituído oficialmente, mas vivenciado e, assim, transmitido às gerações seguintes.

Nesse sentido, concordamos com Bosi A. (1987) sobre o fato de que

[...] a cultura popular não morre, não necessita de injeções aqui, injeções lá. Se ela for, de fato popular, enquanto existir povo ela não vai morrer. Cultura popular é a cultura que o povo faz no seu cotidiano e nas condições em que ele a pode fazer. (...) Entenda-se: o importante, o fundamental aqui, são os agentes culturais. Se o sistema social é democrático, se o povo vive em condições – digamos “razoáveis” - de sobrevivência, ele próprio saberá gerir essas condições para que a sua cultura seja conservada. (BOSI. A. 1987, p. 44)

A cidade de Piratini é conhecida pelo peso da sua História política relacionada à Revolução Farroupilha (1835-1845), tanto que seu centro histórico e os bens tombados nas esferas federal, estadual e municipal são a materialização deste período. Possui três edificações com características marcantes desse tipo de tombamento realizado pelo IPHAN, e quinze bens tombados pelo IPHAE, além de vários outros protegidos pelo município⁴.

O prédio que atualmente abriga o Museu Histórico Farroupilha é um exemplo. Foi construído em 1819, e pertencia a um tio de Bento Gonçalves, Manoel

⁴<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista%20Bens%20Tombados%20Dez%202015.pdf>; <http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosAc&Clr=1>; Câmara Municipal de Piratini / RS.

Gonçalves Meireles, e a sua esposa Antônia. Durante o período em que Piratini foi capital da República Rio-Grandense (1836–1839), o local abrigou o Ministério da Guerra e, em 1837, na sua parte térrea foi fundada por Domingos José de Almeida a primeira escola pública para meninos da República Rio-Grandense. É tombado pelo IPHAN⁵ e abriga, desde 1953, o Museu Histórico Farroupilha, o órgão representativo do período e criado com a missão de preservar e valorizar a memória da Revolução Farroupilha no Estado do Rio Grande do Sul.

O peso deste passado histórico é muito referenciado e possui grande relevância na produção historiográfica do Rio Grande do Sul, tendo sido objeto de estudos por diferentes correntes e autores como: Alfredo Varela (1933), Dante de Laytano (1983), Sandra Jatahy Pesavento (1985), Moacyr Flores (1990), e José Plínio Guimarães Fachel (1994). Todos esses autores destacam o papel da cidade durante a Revolução Farroupilha.

A construção da memória farroupilha na historiografia da cidade ocorre não apenas pelos acontecimentos durante a Revolução Farroupilha, mas principalmente pelas representações construídas ao longo do tempo sobre esses acontecimentos por forças e/ou agentes (políticos, gestores do patrimônio, elites letradas ou econômicas etc.) que atuam na construção de uma memória coletiva. Esses agentes interferem na vida (e memória) da cidade e atribuem valor ao que entendem como importante, esquecendo de outros eventos que não se enquadram naquilo que é valorizado por seu grupo, assim, o passado farroupilha torna-se “o evento” fundador da identidade dos piratinenses.

Parte deste passado encontra-se ainda materializado pelas ruas da cidade, preservado pelos tombamentos realizados desde 1941 pelo IPHAN, que incluem o Palácio Farroupilha, a Casa de Garibaldi e o Quartel General Farroupilha. Percebemos que o elemento material da história de Piratini encontra abrigo em políticas de preservação patrimonial já em 1938, quando foi aberto o processo de tombamento dos referidos bens, porém as referências culturais imateriais mantêm-se ainda em caráter de invisibilidade, sem ter recebido a devida atenção tanto por órgãos

⁵ Através do Processo 450 – T, inscrição nº 296, livro histórico, fls.50, de 25 de novembro de 1952, Decreto – Lei nº25, de 30 de novembro de 1937.

patrimoniais como por pesquisas acadêmicas. É parte deste universo cultural que buscamos investigar, a partir da Festa da Bicharada do Ari.

O objetivo da pesquisa é apresentar outras tradições, ou outras manifestações populares, como as festas de Carnaval, que são elementos culturais importantes e que singularizam a cidade de Piratini, ampliando assim a conotação da cidade farroupilha para uma cidade de múltiplas manifestações, que incluem as tradições farroupilhas, mas a extrapolam. Desse modo, essa pesquisa buscou preencher uma lacuna bibliográfica e historiográfica sobre o tema.

Essa valorização do patrimônio material, ou de pedra e cal, marcou por muito tempo as políticas patrimoniais brasileiras, desde a criação do Decreto-Lei 25, de 1937, que cria o então Sphan (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), atual Iphan, e institui o tombamento como instrumento de preservação do patrimônio cultural brasileiro. Já a noção de patrimônio imaterial é institucionalizada no Iphan a partir do Decreto-Lei nº 3.551, de 04 de agosto de 2000, que cria o Registro de Bens de Natureza Imaterial. Se em função das características do patrimônio material, recorria-se ao tombamento como principal medida de proteção, visando a evitar sua descaracterização, no caso do patrimônio imaterial optou-se por um instrumento mais adequado às características do universo simbólico (e, como tal, dinâmico) do patrimônio imaterial. Desse modo, como principal instrumento de salvaguarda, adotou-se o registro de tais bens, buscando documentar suas principais características, porém evitando seu congelamento ou prática desvinculada aos contextos dos grupos e comunidades aos quais determinado bem imaterial se refere.

Foram criados, assim, 04 livros de registro⁶, segundo a natureza de cada bem imaterial: Livro de Registro dos Saberes, onde são inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; Livro de Registro das Celebrações, onde são inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social; Livro de Registro das Formas de Expressão, onde são inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; e Livro de Registro dos Lugares, onde são inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram

⁶<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/122>

e reproduzem práticas culturais coletivas. Atualmente, existem aproximadamente 40 bens registrados⁷ como patrimônio imaterial brasileiro.

Dentro desta concepção, inicialmente procuramos analisar a festa da Bicharada do Ari, com o objetivo de obter seu registro no Livro de Registro das Celebrações como patrimônio imaterial brasileiro. Entretanto, tendo em vista a manutenção da festa por tantas décadas, mesmo independentemente de qualquer política de estímulo a sua salvaguarda, e a vinculação da mesma com a comunidade piratinense, optamos por mudar o foco da pesquisa, procurando analisar a festa, documentá-la, e compreender suas principais características, questionando e investigando os valores atribuídos pela comunidade piratinense à Bicharada do Ari, além de questionar as políticas públicas a partir deste estudo de caso.

No que se refere à metodologia, utilizamos nesta pesquisa fundamentalmente os pressupostos da História Cultural, tendo como principais categorias de análise a memória, a identidade e o patrimônio. Dentre os principais referenciais trabalhados, no campo da História Cultural, destacamos Chartier (1988 e 2002), Ginzburg (1989), Le Goff (1996), Bakhtin (2002) e Burke (2010). Questões relativas à memória serão analisadas em diálogo com autores como Candau (2012), Nora (1993), Halbwachs (1990). No que tange ao uso da fotografia como recurso de investigação de memória visual do passado, utilizamos os seguintes autores para este embasamento: Barthes (1984), Dubois (1993) e Kossoy (1999, 2001). Para o trato da História Oral destacamos a influência de Thompson (1992), Bosi E. (1987), Alberti (2004), Amado e Ferreira (1996), Meihy (2007) e Portelli (1997). Nas discussões sobre Carnaval, analisamos as pesquisas dos seguintes autores: Burke (2010); Matta (1987) e Pereira de Queiroz (1982). As discussões referentes à patrimônio abordamos através dos conceitos de Prats (2005), Choay (2006), Pelegrini e Funari (2008), Fonseca (2009), Poulot (2009), Castriota (2009) e Chuva (2012).

No campo da História Cultural, é importante salientar o posicionamento de Chartier (2002) que estuda a capacidade do grupo de fazer com que se reconheça sua existência a partir da exibição de uma unidade instrumentalizada pela representação. O autor lança o olhar para a capacidade que o grupo tem de se fazer

⁷[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista%20Bens%20Registrados%20por%20estado%202017%20\(3\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista%20Bens%20Registrados%20por%20estado%202017%20(3).pdf)

reconhecer como unidade e identidade. Nesse sentido, percebemos que é fundamental que a comunidade piratiniense, embora formada por vários grupos e cada um atribuindo valor diferente à festa, a reconheça como parte de sua identidade:

[...] primeiramente, as operações de recorte e de classificação que produzem as configurações múltiplas graças às quais a realidade é percebida, construída, representada; em seguida, os signos que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma identidade própria de estar no mundo, a significar simbolicamente um estatuto, uma ordem, um poder; enfim, as formas institucionalizadas através das quais “representantes” encarnam de modo visível, “presentificam”, a coerência de uma dada comunidade, a força de uma identidade, ou a permanência de um poder. (CHARTIER, 2002, p. 169)

Assim como as representações estão calcadas sobre símbolos e “presentificam” a coerência de uma dada comunidade, a memória coletiva assim se manifesta. É através dos depoimentos, e das memórias da Bicharada do Ari, que observamos os diferentes olhares da comunidade em relação à festa. Acreditamos estar sistematizando um conhecimento que talvez nem a própria comunidade possua com clareza, uma vez que ela vivencia a festa, não a analisa, como buscamos fazer.

A metodologia que utilizamos é a história oral temática através dos relatos dos organizadores, participantes e simpatizantes da Bicharada. Realizamos entrevistas com representantes de cada grupo (todos organizadores ou pessoas que participaram do período, participantes de vários momentos da festa e pessoas que contribuem para que a festa aconteça) com o objetivo de termos uma visão ampla, de como cada grupo vivencia a festa. De acordo com Paul Thompson (1992), a história oral é uma história construída em torno das pessoas. “[...] Ela lança vida dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo [...]” (THOMPSON, 1992, p.44). Portanto, a coleta de dados orais é fundamental para o estudo de memória e das representações que se tem do passado.

Embora a história oral não sirva apenas para preencher lacunas, mas demonstrar uma versão pessoal dos entrevistados sobre os fatos, na ausência de documentos escritos ela se torna imprescindível. Em nosso caso de estudo, por exemplo, não há registros que contem a origem da festa, o início da festa tem se mantido vivo na memória dos antigos moradores de Piratini. Para ilustrarmos a importância de realizar tais registros, um dos mais importantes entrevistados, que

seria o senhor Nei Mota Lopes, de 84 anos, contemporâneo do fundador Ari Fabião Valente e membro da banda Xangrilá, faleceu na data de 15/02/2016. Um fato triste que ajuda a ilustrar o risco da história ser apagada por falta de sua documentação. E, principalmente, o próprio senhor Ari, falecido em 03/03/1991, sobre o qual é importante destacar que o acesso a ele se deu por depoimentos de outros, são visões de seus contemporâneos e de outras gerações sobre ele. Dessa forma, ficam diversas lacunas e questionamentos que não encontramos respostas.

Sobre como proceder com a metodologia de História Oral, Portelli (1997) nos mostra a importância de sermos honestos e do compromisso que precisamos ter de “não usar o material da entrevista de formas que possam prejudicar a pessoa de quem obtive a entrevista”, e também de que não somos depositários de uma verdade única e incontestável.

Nesse contexto, compromisso com a honestidade significa, para mim, respeito pessoal por aqueles com quem trabalhamos, bem como o respeito intelectual pelo material que conseguimos: compromisso com a verdade, uma busca utópica e a vontade de saber “como as coisas realmente são”, equilibradas por uma atitude aberta as muitas variáveis de “como as coisas podem ser”. Por um lado, o reconhecimento da existência de múltiplas narrativas nos protege da crença farisaica e totalitária de que a “ciência” nos transforma em depositários de verdades únicas e incontestáveis. (PORTELLI, 1997, p. 15)

No uso da história oral é fundamental para o estudo e a compreensão da memória como ela se processa nos depoimentos dos entrevistados. É por isso que analisamos as discussões entre diversos autores que tratam essa temática para compreendermos alguns pressupostos.

A definição de marcos sociais da memória, presente no livro “Antropología de la Memoria” de Joel Candau (2006) nos afirma que completamos nossas recordações a partir da memória dos outros. A reconstituição de uma recordação passa pela reconstrução das circunstâncias do acontecimento passado e, por conseguinte, dos marcos sociais ou coletivos. Para Halbwachs (1990), assim como para Candau (2006), a memória individual sempre tem uma dimensão coletiva, já que a significação dos acontecimentos memorizados pelo sujeito se dá pela sua cultura.

Halbwachs (1990) e Candau (2012) passam a definir as identidades através de aspectos simbólicos que permeiam a memória coletiva. Sabemos que a

festa da Semana Farroupilha contribuiu para a formação de uma identidade na cidade de Piratini, que de certa forma se estendeu para todo o Estado do Rio Grande do Sul, principalmente pelo peso da História da Revolução Farroupilha. Conforme já evidenciamos anteriormente, grande parte da patrimonialização da cidade é de pedra e cal e referente a esse período. Outro exemplo dessa formação de identidade é o Caminho Farroupilha, um caminho turístico que evidencia as cidades⁸ da Revolução Farroupilha.

No entanto, percebemos que esta festa de Carnaval, a Bicharada do Ari, também contribui para a criação de uma identidade local em Piratini. Um exemplo bastante significativo foi que, neste ano de 2017, a proprietária de uma loja no centro da cidade comemorou o período da festa com uma exposição na vitrine de sua loja, evidenciando que para a alegria de todos essa tradição continuou até nossos dias. Divulgou a exposição na página da loja (<https://www.facebook.com/lojasflagra.flagra>) no Facebook e teve inúmeras “curtidas” e diversos comentários em que era parabenizada pela iniciativa e a comunidade demonstra o quanto está feliz porque “a Bicharada se mantém ativa alegrando ainda mais o carnaval de Piratini”. Na sequência apresentamos a Figura 1 que apresenta a exposição.



Figura 1 Exposição nas Lojas Flagra, no ano de 2017

Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=851980664940611&set=pcb.852132981592046&type=3&theater>

⁸ As cidades contempladas no Caminho Farroupilha, são: Porto Alegre, Guaíba, Camaquã, São Lourenço do Sul, Rio Grande, São José do Norte, Pelotas, Piratini, Pinheiro Machado, Candiota, Bagé, Dom Pedrito, Santana do Livramento, Alegrete, Rosário do Sul, São Gabriel e Caçapava do Sul.

De acordo com Candau (2012):

[...] a necessidade de recordar é, portanto, real, mesmo que apenas para que não nos tornemos seres “pobres e vazios”. Mas, na realidade, mais do que necessidade de memória, o que parece existir é uma necessidade metamemorial, ou seja, uma necessidade da ideia de memória que se manifesta sob múltiplas modalidades nas sociedades modernas [...] (CANDAU, 2012, p. 126)

Observamos que uma destas modalidades de metamemória se dá pelas práticas culturais e pelos rituais e festas que se promovem como a festa da Bicharada do Ari.

Nesse contexto, Candau (2012) nos afirma que a perda de memória é irremediável em nossas vidas desde o nascimento até o fim, e isso nos faz compreender que os indivíduos consideram-se depositários de uma “memória-dever” e justifica a boa vontade dos envolvidos com a Bicharada do Ari em participar e conceder entrevistas.

Atualmente, em razão da “atomização de uma memória geral em uma memória privada”, é sobre o indivíduo apenas que pesa de maneira insistente e indiferenciada a obrigação da memória. Cada homem particular se considera depositário de uma “memória-dever” que obriga a recordar e recobrir de pertencimento o princípio e o segredo da identidade. (CANDAU, 2012, p. 184)

Segundo Halbwachs (1990), a memória coletiva é uma corrente de pensamento contínuo que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. A memória está situada principalmente na categoria de tempo e de espaço, ou seja, não podemos acessar uma memória sem que ela se situe em tempo e espaço. Depois vêm as categorias: da família, da linguagem, das tradições, da religião e da nação. A autora Aleida Assmann (2011), ao falar sobre a memória dos locais, diz que é impossível pensar memória sem espaço. Para ela, assim como para Halbwachs (1990), é preciso pensar o espaço como modulador da memória. A festa da Bicharada tem vários espaços presentes nos depoimentos: o percurso percorrido pela festa, que geralmente tinha pontos estratégicos muito lembrados, como, por exemplo, os bares que

distribuíam cachaça aos participantes, e o depósito onde colocam os bichos, que geralmente é também a oficina onde confeccionam novos e restauram os antigos.

Nesse sentido, observamos que é comum os entrevistados envolvidos na Festa da Bicharada do Ari ficarem sempre situando as suas lembranças em determinados locais, e períodos, ou seja, o entrevistado sempre se situa em tempo e espaço. Os entrevistados que participavam da festa quando ela surgiu e era organizada pelo seu Ari, por exemplo, sempre lembram e falam da festa naquela época. Mesmo quando se tenta perguntar algo do presente, o entrevistado volta a falar do passado. Nesse trabalho, realizamos entrevistas com 24 pessoas, entre elas, 12 foram contemporâneas ao senhor Ari, ao passo que 12 não o conheceram, contudo, ao longo dos anos, integraram-se à festa.

Também pretendemos refletir sobre a memória através de fotografias, possibilitando identificar intenções e compreender processos de construção memorial como sendo também processos de legitimação de identidades. A pesquisa fotográfica foi realizada a partir de imagens de vários períodos, para ser possível comparar as mudanças que ocorreram ao longo destas sete décadas.

Algumas imagens da pesquisa são parte do acervo dos próprios entrevistados, que as apresentam durante as entrevistas, sendo que estas estão, muitas vezes, atuando como evocadoras de memórias, e outras, mais atuais, fazem parte do acervo da própria autora, que vem acompanhando e registrando a festa desde meados de 2003⁹. A intenção principal de observar esses registros é comparar as mudanças que ocorreram ao longo destas sete décadas, e analisá-las para compreender a festa através do que as fotografias expressam.

As fotos analisadas, referentes à festa, expressam o modo como as pessoas vestiam-se, os instrumentos musicais que usavam, os locais em que costumavam passar, os grupos que participavam, os bichos representados, entre outros pontos importantes que precisam ser analisados sobre a Bicharada do Ari. Além desses conteúdos, a fotografia pode, ainda, nos revelar diferentes formas de olhar a festa.

⁹ Possui um acervo com cerca de 350 imagens, entre fotografias antigas e atuais da festa.

Para poder conceituar a festa, estudamos as práticas e as representações do carnaval, e o carnaval em si, através do diálogo com diversos autores. Os principais são: Burke (2010); Bakhtin (2002); Matta (1987) e Pereira de Queiroz (1982). Esses autores analisaram as festas populares, e mais especificamente o carnaval, em diferentes períodos e contextos, nos auxiliando assim a pensar a Bicharada do Ari como uma manifestação festiva arraigada, de modo geral, na tradição da cultura popular. A festa da Bicharada precede o carnaval e é lembrada pela comunidade dessa forma, como algo que prepara para as festividades de Carnaval.

A partir dessa definição e do estabelecimento das linhas da pesquisa, a dissertação é organizada em três capítulos. No capítulo 1 denominado “O espaço, a memória e a identidade da Bicharada do Ari” apresentamos a origem da festa, uma pequena biografia do senhor Ari, fundador da festa, a relação da comunidade piratiniense com a festa e as memórias e identidade da comunidade relacionadas ao evento. No capítulo 2, “A Bicharada do Ari e outros carnavais”, pretendemos discutir as diferenças e semelhanças da Bicharada do Ari com outras festas do Brasil e de Portugal; analisamos como os diferentes grupos se apropriam da festa e investigamos as representações e os significados dos fantasiados. Na sequência, cumprindo com um dos propósitos da pesquisa, que é o de historiar a festa, descrevemos a criação e a importância da banda Xangrilá para a Bicharada do Ari. Dando continuidade, apresentamos os promotores (organizadores) que a festa teve ao longo das quase sete décadas e, finalizando o capítulo, buscamos desenvolver algumas reflexões sobre as permanências, adaptações e rupturas que o evento presenciou até os dias atuais. No Capítulo 3, pretendemos discutir sobre a patrimonialização da festa da Bicharada do Ari. Pois, mesmo não sendo um patrimônio instituído oficialmente, de acordo com as entrevistas realizadas, observamos que parte da comunidade piratiniense considera a festa uma tradição que precisa ser preservada e transmitida às gerações futuras.

Neste sentido, mesmo que a festa da Bicharada do Ari neste momento não apresente risco de desaparecimento, uma vez que está sendo praticada e possui a participação da comunidade piratiniense, em vários períodos de sua trajetória observamos que esta precisou ter o envolvimento do poder público para garantir sua

manutenção. Por isso, mesmo que atualmente o melhor não seja buscar este reconhecimento, não quer dizer que no futuro não seja necessário. Dessa forma, o último capítulo tem por finalidade avaliar os pontos positivos e negativos de uma possível patrimonialização.

1. O ESPAÇO, A MEMÓRIA E A IDENTIDADE DA BICHARADA DO ARI

Nesse capítulo apresentaremos a origem da festa Bicharada do Ari, suas características e os personagens envolvidos. Posteriormente, apresentaremos uma pequena biografia do senhor Ari, fundador da festa. Na sequência, discutiremos a relação da comunidade piratiniense com a festa, elementos de sua memória e a identidade.

1.1 A origem da festa

De acordo com a memória dos nossos entrevistados, a festa surgiu no final da década de 1940, quando veio para Piratini um Policial Militar que ficou conhecido na cidade por “Cabo Caburé”, quem teria começado, junto com os colegas, o desfile do Bloco do Boi no Carnaval. Provavelmente, por ser uma pessoa que viajava bastante e conhecia as festas de bumba meu boi. Quando ele foi embora, Ari Fabião Valente, junto com outros piratinienses, criaram o Bloco Carnavalesco da Boa Vontade, que se mantém até os dias atuais, tendo sido rebatizado como A Bicharada do Ari ou Bloco da Bicharada.

De acordo com o depoimento de João Carlos Rocha:

O que eu vou te passar foi contado pelo tio Davi... É uma pena que não ficou registro nenhum... Porque o tio Davi... Ele confeccionava os bichos junto com a mãe dele, a minha avó Biqueta... Ele sempre nos contava as histórias da Bicharada... Nas reuniões de família, ele sempre contava a história da Bicharada... [...]Mas a Bicharada surgiu quando veio para cá e trouxe essa ideia o Cabo Caburé... Ele era um brigadiano destacado do Pelotão da Brigada de Pelotas para cá... E trouxe com ele... Como gostava muito de Carnaval, criou aqui o Bloco do Boi... Que eu calculo e o tio Davi também falava para nós... Que teria trazido das festas do Nordeste de bumba meu boi... E começou a incentivar os jovens que começaram a participar da festa do Boi... E, quando ele foi embora, o tio Ari assumiu o Bloco do Boi e, por incentivo do tio Davi e do seu Bastos, que era gerente da agência dos Correios aqui, na época... E então começaram a criar outros bichos e aí que criaram a Bicharada [...] (informação verbal)¹⁰.

¹⁰ João Carlos Almeida da Rocha. Entrevista concedida a autora em 12/04/2017. Piratini – RS

Os “Bichos do Seu Ari” surgem na memória dos depoentes como um momento de forte sociabilidade e “apaziguamento de conflitos”, uma espécie de suspensão do cotidiano e imersão no mundo da festa.

Nesse sentido, Mary Del Priore (1994) define o tempo da festa, como um tempo de utopias:

[...] o tempo da festa tem sido celebrado ao longo da história dos homens como um tempo de utopias. Tempo de fantasias e de liberdades, de ações burlescas e vivazes, a festa se faz no interior de um território lúdico onde se exprimem igualmente as frustrações, revanches e reivindicações dos vários grupos que compõem uma sociedade. (Del Priore, 1994, p. 9)

Do mesmo modo, Pereira de Queiroz (1992) fala sobre a tradição e as transformações que ocorrem no carnaval:

[...] como admitir que o Carnaval seja ao mesmo tempo uma tradição de raízes antigas, mas tome formas novas inteiramente diversa das de outrora, com um conteúdo também muito dessemelhante? De que maneira qualidades mutuamente exclusivas podem conter a natureza de um fato? A festa do Reinado de Momo seria formada de duas vertentes – a vertente da continuidade e a vertente da transformação? Como podem se associar, não seria elas totalmente incompatíveis? Ou tal definição não será senão uma ilusão tanto daqueles que vivem a festa quanto daqueles que a estudam? (PEREIRA DE QUEIROZ, 1992, p.160)

Nesse sentido, a Bicharada do Ari também possui estas duas vertentes – a vertente da continuidade, pois a festa se mantém por mais de sete décadas, e a vertente da transformação, pois observamos que a mesma teve muitas mudanças do período em que surgiu até o presente.

No entanto, todos os anos, nas semanas que antecedem o carnaval, os “bichos” saem às ruas de Piratini para alegrar e distrair as noites de crianças, jovens e adultos. O percurso é na mesma rua principal de outrora (Av. Gomes Jardim, no centro histórico de Piratini), a diferença é que hoje esta se encontra totalmente pavimentada, enquanto no passado era de chão batido. Os bonecos foram substituídos por mascarados (pessoas da comunidade que preferem ficar no anonimato, sem ser identificadas) e que acompanham a “Bicharada” brincando e chamando a atenção dos espectadores. Por volta dos anos 1980, mais um grupo passou a participar da brincadeira, os “fantasiados” (geralmente homens que se vestem de mulher) e por algumas noites invertem a sua relação de gênero para

representarem diversas identidades femininas, através da maquiagem e performance corporal.

Peter Burke (2010) discute tanto a categoria dos mascarados como a troca de roupas entre homens e mulheres e os ritos de inversão, em que as mulheres mandavam e os homens obedeciam nos Carnavais do século XVII, em seu livro “Cultura Popular na Idade Média”. Observamos que essas práticas são identificadas na Bicharada do Ari, mas provavelmente as motivações das pessoas de hoje, em pleno século XXI, são distintas daquelas que frequentavam o Carnaval da Europa em meados do século XVII.

Segundo Peter Burke (2010, p. 274): “[...] o uso de máscaras ajudava as pessoas a se libertar dos seus eus cotidianos, conferindo a todos um senso de impunidade como o manto da invisibilidade dos contos folclóricos”.

Será essa a intencionalidade dessa categoria que participa tão ativamente da festa? Na Figura 2, temos um típico representante que, conforme registro de Nauro Júnior (fotógrafo da sucursal da Zero Hora em Pelotas, no ano de 2010, responsável pela cobertura dos municípios do sul do Estado), em seu blog Retratos da Vida, que em 11/02/2010 publicou “Carnaval à moda antiga em Piratini” destacando a figura do mascarado no bloco da Bicharada: “[...] o senhor que estava por detrás da máscara não me disse seu nome, somente que já sai no Bloco da Bicharada há mais de sessenta anos e que, segundo ele, é bem mais feio sem máscara”.

Do ponto de vista de Paula Godinho (2010), as máscaras narram uma realidade, quer pelo que escondem, quer pelo que desvendam:

[...] segundo os códigos reconhecidos por um dado grupo, as máscaras narram uma realidade, através de uma representação que as transcende. Surgem dessemantizadas para os estranhos a esse idioma social. Quer pelo que escondem, quer pelo que desvendam, tornam decifráveis processos ou episódios, situações de facto e ocorrências que se reportam a um contexto, encaminham para o riso e a folia, ao mesmo tempo que sob elas se desvela o que circulara puramente em surdina, em modalidades de crítica e passagem ao conhecimento público. (GODINHO, 2010, p. 55-56)



Figura 2 Bicharada em 2010.

Fonte: <http://wp.clicrbs.com.br/retratosdavidia/2010/02/11/carnaval-a-moda-antiga-em-piratini/>

Em síntese, as máscaras e o anonimato são peças fundamentais dessa festa. Por isso dedicaremos um subcapítulo para tratar esse tema, no qual abordaremos mais detalhadamente os aspectos que compõem esse processo.

Ao analisarmos a trajetória desta festa e a noção de tradição, logo percebemos que é fundamental compreendermos estes conceitos para que possamos empreender este estudo. Segundo Gerard Lenclud (2005), a noção de tradição associa três ideias bem diferentes e nem sempre coerentes entre si: a conservação no tempo, a de mensagem cultural e a de modo particular de transmissão. A primeira refere-se à permanência do passado no presente “o legado ainda vivo de uma época”, a segunda é a “representação de um conteúdo que expressa uma mensagem importante”, e por fim, a terceira diz respeito ao ato de transmitir, de passar de geração em geração. Para este autor, todos os objetos culturais sofrem transformações: “a realização de uma tradição não é jamais a cópia idêntica de um modelo”. Conforme Lenclud (2005), somos nós que determinamos o que lembrar do passado, ou seja, é o presente que molda o passado, e não o contrário.

Nesse sentido, podemos afirmar que a festa da Bicharada do Ari associa estas três ideias. A primeira de manter o passado no presente, pois desde a criação até os dias atuais a festa se caracteriza por manter diferentes estratos sociais (alto,

médio, baixo) que participam da festa. A segunda, com a mensagem cultural através da apropriação da festa, uma vez que houve uma ressignificação da mesma após o desaparecimento de seu fundador. E a terceira pela transmissão dessa prática cultural por várias gerações.

Nesse sentido, Halbwachs (1990) também afirma que a memória tem relação com o presente, pois é no presente que reconstruímos as memórias. Para o autor:

[...] a lembrança é, em larga medida, uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifestou já bem alterada. (HALBWACHS, 1990, p. 71)

De acordo com Hobsbawn, (1984) existem práticas de natureza simbólica que visam a internalizar certos valores e normas de comportamento por meio da repetição, implicando automaticamente em uma continuidade em relação ao passado. A continuidade é observada na Bicharada, visto que durante mais de sete décadas a festa ainda se mantém anualmente, por vezes com grande número de seguidores, outras com um pouco menos, mas, durante todo esse período, somente quando o seu Ari estava já muito doente o Bloco da Bicharada fez um recesso (mais ou menos três anos) e não saiu às ruas durante o carnaval.

Após esse recesso, a Bicharada do Ari voltou às ruas junto com o Bloco Garra¹¹ e permaneceu com as mesmas características do período em que ela era organizada pelo *tio Ari* com bichos pesados e bois que atropelavam¹². Por volta de 1988, o senhor Nilton Cardoso, o *Niltinho*, como é conhecido, assume a organização da festa e começa um novo ciclo, tornando-a mais voltada ao público infantil. Os bichos, que antes eram feitos de madeira e tecido, e os bois que possuíam cabeças de verdade (cabeças de bois que haviam morrido, eram fixadas em estruturas de madeiras) e eram extremamente pesados e carregados apenas por adultos, passaram

¹¹ O Bloco Garra foi fundado em 1980 e existe até os dias atuais, um grupo de amigos (alguns desde o período que organizavam a Bicharada) reúnem-se nas noites de Carnaval (geralmente na casa de Paulo Taddei, que foi nosso entrevistado)

¹² Conforme os depoimentos de representantes de cada um desses períodos: Valdo Garcia, Paulo Taddei e Nilton Cardoso.

a ser confeccionados com materiais mais leves para que as crianças começassem a participar da brincadeira.

Nesse momento, quando Nilton assume, houve uma tentativa de controlar algo que era marcado pelo descontrole. A ideia de impedir o consumo de bebidas alcoólicas significou um paulatino aumento no controle de uma festa que era caracterizada pela folia, pela tomada das ruas, do espaço público por foliões. De acordo com Nilton, o que o motivou a fazer essa alteração foi a violência do boi e a ideia de trazer mais famílias para a rua, de acordo com suas palavras:

E o que me revoltou foi um ano que o boi... Eles tinham mania de atropelar e atropelaram uma senhora com criança no colo de frente a escola Ponche Verde (sic)... Aí o que [...] eu fiz... Aí eu comecei a modificar os bichos para as crianças... Que criança a gente tem melhor domínio... Aí que eu fui modificando[...] (informação verbal)¹³.

Na Figura abaixo, podemos observar a Bicharada do Ari, quando foi criada na década de 1940:



Figura 3 Bicharada no ano de 1952.
Fonte: Emir Almeida Gaspar

Na Figura 3, podemos observar o Bloco da Bicharada na década de 1940, sendo uma fotografia em preto e branco. No primeiro plano, observamos os bichos, bonecos e os músicos que acompanhavam o desfile. No centro da foto,

¹³ Nilton Dieguez Cardoso. Entrevista concedida a autora em 09/09/2016. Piratini – RS

destacamos a placa com o nome do “Bloco da Boa Vontade”, ao lado a primeira boneca, “Mamãe Dolores” e o urso coberto com “barba de pau”¹⁴, que, de acordo com relatos orais, carregava uma caneca na qual as pessoas colocavam dinheiro, que era depois usado para reforma e manutenção dos “bichos”. Em segundo plano, as casas históricas do centro histórico.

Sobre a primeira boneca da festa da Bicharada, a “Mamãe Dolores”, que aparece nesta fotografia, o nosso entrevistado João Carlos nos conta que existem duas versões distintas e que ambas possuem lógica, mas que não sabe qual é a verdadeira. No entanto, conta que a sua mãe, a qual era filha da vó “Biqueta”, quem, por sua vez, era responsável por confeccionar as bonecas, sempre diz que a versão certa da criação dessa boneca foi uma música tradicional existente naquela época:

E as bonecas surgiram e tem duas versões, e as duas tem lógica... Que a minha vó fez porque na época tinha uma música antiga, chamada nega maluca [o entrevistado canta]: **“tava jogando sinuca uma nega maluca me apareceu vinha com filho nos braços e dizia para o povo que o filho era meu”**,¹⁵ E a vó fez e era uma negra com filho nos braços mesmo... Mas, também tem a versão que era baseada na novela “Direito de Nascer”, que tinha a Mamãe Dolores que criou Albertinho Limonta... Têm essas duas versões... A mãe diz que é a versão da música, mas também tem a da novela e aí eu não sei dizer qual é a versão certa (informação verbal)¹⁶.

Ao encontrar estas fotografias percebemos que elas são memórias desta festa, que elas são os registros e, portanto, o arquivo da história da Bicharada. Dessa forma, concordamos com Etienne Samain (2012), que nos diz:

[...] as fotografias são memórias, histórias escritas nelas, sobre elas, de dentro delas, com elas. É por essa razão, ainda, que as fotografias se acumulam como tesouros, dentro de pastas, de caixinhas, de armários, que elas se escondem dentro de uma carteira. Elas são nossos pequenos refúgios, os envelopes que guardam nossos segredos. As pequenas peles, as películas, de nossa existência. As fotografias são confidências, memórias, arquivos. (SAMAIN, 2012, p. 160)

¹⁴A Barba de pau (*Tillandsia usneoides*) é uma planta epífita (apóia-se em outras plantas se ser parasita) encontrada em ambientes úmidos e ensolarados. Nas Matas de Galeria, aquelas que se formam nas margens de rios e arroios ou outros locais com abundância de água, seja de chuva ou umidade do ar, são os locais preferidos desta planta. Como não se fixam ao solo, toda a água que necessitam é extraída do ar, seja da umidade ou da chuva. Em: <http://cliqueambiental.blogspot.com.br/2010/02/discreta-flor-da-bromelia-barba-de-pau.html>.

¹⁵A música foi criada no Carnaval de 1950, conforme: <http://blogdomouzar.revistaforum.com.br/2014/02/27/cantando-nos-blocos-sucesos-do-carnaval/>

¹⁶ João Carlos Almeida da Rocha. Entrevista concedida a autora em 12/04/2017. Piratini – RS

É provavelmente por essa razão que as pessoas, que participaram do período inicial da festa, ainda tenham várias fotografias dessa época e as guardem como se fossem tesouros, pois são arquivos e a memória de um período do qual não querem esquecer.

Por outro lado, todos os depoimentos desse período referem-se à festa como uma verdadeira folia, com a bicharada solta nas ruas. Porém, todas as fotografias as quais tivemos acesso, desse período, mostram as pessoas paradas, algumas sentadas, todas bem comportadas posando para a foto. Talvez isso possa ser explicado pelo nível tecnológico disponível naquele momento, o qual não permitia fotografias em movimento com uma qualidade boa. No entanto, é importante pensar o que aquelas pessoas queriam lembrar, o que insere a imagem nesse jogo de visibilidade/invisibilidade, de memória/esquecimento. Será que elas queriam “guardar” uma imagem da festa em que todos posam para a foto, bem comportados, e que toda aquela folia, regada de muita bebida alcóolica e marcada pela desordem ficasse invisível?

Na sequência, apresentamos mais uma imagem do final da década de 1940, a Figura 4.



Figura 4 Bicharada na década de 1940/50.
Fonte: Acervo da Secretaria de Cultura de Piratini

Na Figura 4, também uma fotografia em preto e branco da década de 1940, observamos que a forma como as pessoas se posicionam na foto é bastante semelhante à primeira, e dessa forma questionamos qual a verdadeira intenção: seria preservar a memória dessa festa, pois o registro fotográfico permite guardar a memória do tempo e da evolução cronológica como afirma Jacques Le Goff (1985, p.39): “[...] a fotografia [...] revoluciona a memória: multiplica-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica”. Ou seria tornar invisível o que dizem as narrativas sobre uma folia dinâmica, com foliões desfilando pelas ruas, com o boi derrubando pessoas. Será que o olhar do fotógrafo, o qual é socialmente construído, tinha a intenção de que essa fase da festa fosse esquecida? Ou era apenas porque o nível tecnológico naquele período não permitia fotografar o movimento?

Dando continuidade na análise das imagens do final da década de 1940, apresentamos a Figura 5:



Figura 5 Bicharada na década de 1940/50.
Fonte: Acervo da Secretaria de Cultura de Piratini

Na Figura 5, a fotografia foi feita em ângulo mais fechado, possibilitando a identificação das pessoas presentes, embora a qualidade da fotografia não seja boa. Entre os bonecos, no centro da foto, podemos ver a boneca grande, a qual, segundo relatos orais, era, juntamente com o boi, o qual está no chão com uma criança montada, preferida de vários membros do bloco. Em segundo plano, podemos ver

parte da casa onde viveu Bento Gonçalves da Silva, durante sua passagem pela cidade, na época da Revolução Farroupilha. Hoje a casa se encontra em ruínas, conservando apenas parte do muro original. Um temporal atingiu o prédio, destruindo grande parte de suas estruturas e paredes. Outro fato interessante é que, de acordo com relatos orais, este era um dos pontos onde a Bicharada encerrava as atividades, isso porque, em frente ao local onde foi feita esta foto, existia um bar, que, nesse período, assim como outros bares daquela época, distribuía garrafas de cachaça aos integrantes do grupo que brincavam nos bichos para alegrá-los.

De acordo com o depoimento do senhor Valdo Garcia, o boi que observamos na fotografia, com uma criança montada na cabeça, era o personagem mais importante da festa, sendo o preferido daqueles que o transportavam e “temido” pelos que assistiam o desfile, os quais precisavam fugir para não serem atropelados:

[...] o mais importante era o boi que chamava a atenção de todo mundo, porque o boi atropelava e as crianças disparavam e os adultos também tinham medo, também disparavam. A intenção era brincar, e era uma brincadeira sadia. A criançada fazia fila para transportar o boi e os adultos também... Coisa que hoje já não tem mais[...]Saía dali onde é o cinema hoje e ia até a ponta da avenida... Nós [saíamos] de tardezinha... Na parte da tarde, mas quando terminava já era noite... Porque o pessoal gostava muito, e aproveitava tudo que dava... Era muito maior! Isso agora sai daqui e vai ali.... Nós [tocávamos] as marchas [tradicionais]. Quando nós formamos, a banda [eram só marchas tradicionais], que hoje já não se entende mais nada... não se sabe se é marcha, se é samba, se é o quê... [...](informação verbal)¹⁷.

A cidade de Piratini, ainda hoje, tem na pecuária uma das mais importantes bases de sua economia, e, na época em que a festa da Bicharada do Ari foi criada, a principal atividade econômica era a de bovinos, o que contribui para a importância da festa e da figura do boi no município.

Embora a importância da figura do boi, na festa da Bicharada do Ari, não possa ser comparada a um culto à figura do boi, é interessante a descrição de Joseph Campbell (1992), que afirma que o culto à figura do boi acompanha a pecuária há milênios:

[...] e quando o culto do rei-touro morto e ressuscitado foi levado da Síria ao delta do Nilo, no quarto ou terceiro milênio a.C., esses símbolos o acompanharam. [...] Das montanhas Tauro, as montanhas do deus-touro, que já podem ter sido identificadas com a lua em forma de chifre, que morre e ressuscita três dias depois, o culto foi difundido, com a própria arte da criação do gado, praticamente até os confins do mundo, e até hoje, nós celebramos

¹⁷Valdo de Souza Garcia. Entrevista concedida a autora em 29/06/2014. Piratini – RS

o mistério daquela morte e ressurreição mitológica como uma promessa de nossa própria eternidade. (CAMPBELL, 1992, p. 123-124)

É importante salientar que a figura do boi está presente em todos os depoimentos e em todas as fotografias. Os fotógrafos e as pessoas que participavam da festa, nesse período, sempre o deixaram visível, uma forma de assegurar que essa memória fosse preservada.

1.2 O Senhor Ari: uma pequena biografia do fundador do bloco da bicharada

Para escrever esta pequena biografia do senhor Ari Fabião Valente, buscamos compreender o que deve ser priorizado quando escrevemos sobre uma vida e como deve ser a relação entre biógrafo e biografado, nesse caso os seus descendentes. Para isso, analisamos e discutimos com autores que estudam o tema.

Após a leitura de alguns textos sobre o assunto, percebemos que o primeiro ponto que deve ser priorizado é a ética, a qual, segundo Schmidt (2014), deve pautar as relações entre biógrafo e biografados (ou seus representantes):

[...] éticas são sempre encarnadas em relações humanas, dizem respeito a maneiras de viver em sociedade. No caso das biografias históricas, aquelas que buscam falar algo da vida real de determinados personagens concretos (e aqui não vou entrar nas controvérsias suscitadas pelos termos “real” e “concreto”), parece-me adequado começar pela ética que, acredito, deve pautar as relações entre biógrafos e biografados (ou seus representantes). (SCHMIDT, 2014, p. 137)

Ainda de acordo com Schmidt (2014), é preciso compreender o sentido histórico da vida que se estuda. O autor salienta que historiadores profissionais não visam a revelar detalhes antes desconhecidos, mas, sim, compreender historicamente o percurso dos personagens:

[...] é importante termos claro que as biografias praticadas por historiadores profissionais não visam a fazer vir à tona segredos antes escondidos, mas sim compreender historicamente os percursos de certos personagens, de modo a entender, por exemplo, o funcionamento de determinados mecanismos sociais e sistemas normativos, a pluralidade existente em grupos e instituições vistas normalmente como homogêneas, a construção discursiva e não-discursiva dos indivíduos, as margens de liberdade disponíveis às pessoas em diferentes épocas históricas, entre outras questões. (SCHMIDT, 2014, p. 140)

O segundo ponto que avaliamos foi sobre a ilusão biográfica, a partir de Pierre Bourdieu (1996), que nos traz a ideia de que uma história de vida não pode ser reconstituída como um caminho coerente e linear. De acordo com Bourdieu (1996, p. 185): “[...] produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos, com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica”. Embora o autor tenha nos alertado sobre os riscos da ilusão biográfica, o fato é que, apesar dessa advertência, por vezes caímos nessa armadilha (tanto os que escrevem, quanto os que lembram). Portanto, quem escreve uma história de vida deve estar alerta e não buscar apenas o personagem idealizado ou “predestinado”, mas buscar as rupturas, as crises e as incoerências na vida do biografado, aspectos presentes na vida de qualquer pessoa. Mas, esse aspecto não invalida a importância desse tipo de reconstituição, que muitas vezes lança luz sobre alguns pontos pouco perceptíveis em uma análise macro, que por vezes desconsidera o indivíduo.

O terceiro ponto que julgamos importante, encontrado na visão de Sabina Loriga (2009), relaciona-se ao fato da autora considerar as entrevistas e os depoimentos como importantes fontes de pesquisa. Nas palavras da autora, logo “[...] a ideia de que um documento técnico tenha mais valor do que a memória de milhões de sobreviventes contém algo de intolerável [...]” (LORIGA, 2009, p. 25).

É importante destacar que o acesso que tivemos ao senhor Ari se deu por depoimentos de outros, são visões de seus contemporâneos e de outras gerações sobre ele. Ao total foram 7 entrevistados, entre eles pessoas muito próximas que foram contemporâneas a ele, como a esposa Otália, o filho João de Deus, o vizinho Paulo Cardoso (que passou grande parte da sua infância ao lado do senhor Ari), o senhor Valdo Garcia (que acompanhou a festa da Bicharada desde o início, fazendo parte do grupo de músicos que animava a festa), Angélica Panatieri que ainda tem presente em sua memória elementos de uma lembrança olfativa em relação a ele. E aquelas pessoas que não são contemporâneas ao senhor Ari, mas que tiveram acesso as suas memórias através de antepassados (pais ou avós que contavam as suas histórias); é o caso das funcionárias da Secretária de Cultura do Município de Piratini, que atualmente organizam a festa da Bicharada, Franciele Domingues e Silvia Garcia.

Ari Fabião Valente nasceu em Piratini / RS, em 24 de outubro de 1914. Filho de João de Deus Dias Valente e Anacleta Belarmina Fabião, era descendente de uma tradicional família de Piratini. Ressalte-se que dentre os 15 bens tombados pelo IPHAE, no centro histórico da cidade, quatro pertenceram à família Fabião, tal como o comércio “Fabião e Irmãos”, um dos mais importantes estabelecimentos da região. O bisavô de Ari, o comendador José Moreira Fabião, foi um influente político e comerciante da região. A casa que Ari Fabião Valente herdou de seus antepassados e onde viveu sua vida, foi construída em torno de 1821 para ser depósito da firma Fabião e Irmãos; e por volta de 1903, funcionou nela o estabelecimento comercial da Antiga Farmácia Caridade e no final do século XIX e início do século XX para apresentações artísticas de companhias de teatro itinerante. Provavelmente, Ari herdou de sua família o amor à “cultura”, além dos bens materiais.

De acordo com os relatos dos entrevistados, o senhor Ari teve várias profissões, sendo a mais importante a de pintor. No entanto, ele também trabalhava como corretor, vendendo terrenos e também todo tipo de objetos que as pessoas levavam para ele. Ele também aplicava injeções e fazia curativos.

Era casado com Otália Carvalho Bueno, com quem teve dois filhos, João de Deus Bueno Valente e Nei Bueno Valente. Conforme depoimento de Paulo Cardoso, que era vizinho e cresceu ao lado do *tio Ari*, como costuma chamá-lo:

Na realidade, o estádio do Guarani o nome dele é Nei Fabião Valente, era um irmão do tio Ari e aquela rua lado da Ponche Verde é João de Deus Valente... Então, o tio Ari colocou o nome dos dois filhos com o nome dos irmãos, Nei Valente e João de Deus Valente (informação verbal)¹⁸.

O filho primogênito do senhor Ari, João de Deus Bueno Valente, nasceu em 21/02/1965 e o irmão, Nei Bueno Valente, nasceu em 1966. João de Deus destaca que o pai criou essa festa para alegrar a comunidade piratiniense e que percorria toda a cidade, inclusive o bairro Cancelão¹⁹:

[...] o pai andava por tudo que era lugar em Piratini, e depois subia todo mundo no caminhão e iam pro Cancelão lá... Pro pai agradar os que moravam no Cancelão. [...] o pai dizia assim “temos que ir pro Cancelão”... Eu e meu irmão Bolinha sempre [o ouvíamos] dizer “temos que ir pro Cancelão pra agradar o povo de lá do Cancelão”... Enchia de gente (informação verbal)²⁰.

¹⁸Paulo Crespo Cardoso. Entrevista concedida a autora em 24/06/2016. Piratini – RS

¹⁹O bairro Cancelão é um bairro afastado do centro da cidade em torno de 10 Km e com uma comunidade com menor poder aquisitivo.

²⁰João de Deus Bueno Valente. Entrevista concedida a autora em 07/08/2016. Piratini - RS

Na Figura 6, em uma fotografia em preto e branco, cuja data não sabemos precisar, observamos, no primeiro plano, a senhora Otália (esposa do senhor Ari), provavelmente com o filho primogênito e outra criança, provavelmente vizinha, e, no segundo plano, a casa onde residiam.



Figura 6 Esposa e o filho do Seu Ari (à esquerda).
Fonte: Paulo Cardoso

Na Figura 7, apresentamos duas fotografias. A primeira é uma foto panorâmica em preto e branco que foi feita, provavelmente, da torre da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição. Nela podemos ver a casa onde o seu Ari residiu com sua família, bem como a praça, quando ainda possuía um muro ao seu redor, e as casas do entorno. É uma fotografia do período em que o senhor Ari residia ali. A segunda fotografia é atual, sendo que ambas foram colocadas lado a lado, propositalmente, para analisarmos as mudanças que ocorreram no local nestes dois períodos.



Figura 7 Entorno da casa em que viveu o senhor Ari.
Fonte: Paulo Cardoso (primeira); Foto da autora (segunda)

Embora, não se tenha uma fotografia exatamente do mesmo ângulo, por não se poder atualmente subir na torre da igreja, podemos observar que o entorno da casa teve muitas alterações. Na primeira imagem, as ruas, mesmo localizando-se numa área central, não eram pavimentadas. Além disso, a própria praça da Matriz, na primeira fotografia, tinha muros ao redor e era muito arborizada, e, na segunda fotografia, observamos que a praça foi revitalizada, tendo sido retirados os muros, bem como algumas árvores, e foram acrescentados piso, escadas, bancos e luminárias.

Na Figura 8, observamos uma fotografia atual da casa onde morou o senhor Ari.



Figura 8 Casa em que viveu o senhor Ari.
Fonte: Mara Tunes

O senhor Ari, conforme os depoimentos de Paulo Cardoso e de Angélica Panatieri, era uma pessoa carismática e conhecida por todos, e também

extremamente brincalhão, levava a vida da melhor forma possível, sempre brincando e rodeado de amigos. Destacava-se, segundo os entrevistados, pelo amor e pela dedicação à organização da festa da Bicharada, pelo gosto em colecionar coisas antigas, pelas caçadas e pescarias. Na sequência, trecho da entrevista de Paulo Cardoso:

Mas era um santo... Era uma pessoa que nunca fez mal para ninguém e nem sabia fazer mal... Era bom demais, era brincalhão, parecia uma criança grande... Na realidade, ele parecia uma criança, sempre rindo... Ele tinha fumo em rama, fumo em rama e eu ia pra lá para fumar com ele [risos]... Os pais da gente não deixavam a gente fumar... Fumo em rama, cortava e [mostra como fazia], mas ele não sabia fumar, ele não tragava... [...] era mais um brinquedo... 'tava sempre com o cigarro nos beiços, um cigarro molhado, adorava um cigarro em palha...

Sabe o que é fumo em rama? Fumo em rama é uma corda... é uma corda, um rolo, um troço enrolado... uma corda preta melosa por fora, era coisa mais boa! [Risos] Aquilo tirava... Dava uma descascada naquele melado preto por fora e cortava com canivete... Me lembro do canivete que cortava (sic). E tu te levantava da cadeira e quando sentava de novo tinha uma pedrinha na cadeira. Dava risada, [Risos] gostava de fazer uma sacanagem para um...

E quando ia sair para as pescarias e as caçadas, ele ia colocando as coisas em cima do caminhão e os outros iam tirando e colocando de novo para dentro de casa...

Todo mundo gostava dele, todo mundo conhecia ele... Não tinha quem não conhecesse o tio Ari (informação verbal)²¹.

Angélica Panatieri também lembra do senhor Ari dessa forma, como uma pessoa atenciosa com todos e que gostava muito de fumar, nas palavras de Angélica Panatieri:

A respeito do seu Ari eu o conheci, eu o conheci na Bicharada... Mas, também, prestava serviço na comunidade... Na minha casa, eu lembro dele (sic) colocando os vidros em casa... E ele fazia... Conversava muito com as crianças e eu lembro de (sic) sentar do lado dele enquanto ele preparava o cigarro... Então pegava um rolo de fumo, cortava e depois sovava... Sovava a palha e fazia o cigarrinho dele e fumava... E fumava muito. [Risos]

[...] eu lembro do cheiro dele (sic)... Ele tinha o cheiro do cigarro... E o cigarro de palha... Tem algumas coisas que de vez em quando eu sinto esse cheiro eu lembro dele (sic), remete esse cheiro a ele... O seu Ari era uma pessoa que tinha... Que tem imagem e tem cheiro na minha memória (informação verbal)²².

A memória sentida através de cheiros foi apresentada por Joel Candau (2014)²³. O autor afirma que os odores têm um poder muito forte de evocação e esse poder de evocação estabelece uma estreita associação entre lembrança olfativa e o

²¹Paulo Crespo Cardoso. Entrevista concedida a autora em 24/06/2016. Piratini – RS

²² Angélica Barroso Panatieri. Entrevista concedida a autora em 18/07/2016. Piratini – RS

²³, Apresentada em entrevista concedida ao Museu das Coisas Banais, disponível no site: <https://www.youtube.com/watch?v=MNb7xM60HEM>

sistema límbico, que é a região do cérebro que gera e controla as emoções. Por isso, os odores tornam-se sociotransmissores em potencial.

Na Figura 9, uma fotografia em preto e branco, observamos o senhor Ari com amigos, filhos e uma bicicleta antiga, que fazia parte dos objetos que colecionava. Nessa fotografia, ele estava com o fumo em rama na boca, um dos elementos que marcou a memória de pessoas que conviveram com ele. O “cheiro do fumo”, que se associava à figura de Ari, constitui uma memória olfativa e igualmente afetiva, presente em alguns grupos.



Figura 9 Senhor Ari com amigos.
Fonte: Paulo Cardoso

Na Figura 10, uma fotografia em preto e branco, em primeiro plano observamos o senhor Ari, de terno escuro, sentado ao lado do amigo João de Deus Citrine Pereira. No segundo plano, ressaltamos o muro que cercava a praça da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição naquele período e que hoje faz parte dos muros do Instituto Estadual de Educação Ponche Verde.

A grande incidência de imagens fotográficas sobre Seu Ari, em diversas situações sociais, deve-se, em parte, ao fato de ser ele próprio proprietário de uma câmera fotográfica, o que, neste período de anos 1950-60, o distinguia na cidade. Além disso, era uma figura pública circulando em diferentes meios sociais.



Figura 10 Senhor Ari (à direita) e o amigo João de Deus Citrine Pereira (à esquerda).
Fonte: Paulo Cardoso

Na Figura 11, imagem em preto e branco, observamos o senhor Ari já com mais idade em mais um momento de diversão, em um dia de caçada. Na fotografia, ele está rodeado por crianças e isso nos faz lembrar as palavras de Angélica Panatieri:

[...] ele dava atenção para as pessoas... Eu era criança e eu lembro dele (sic) conversar comigo... Ficar ali trabalhando e eu perguntando como é que fazia e ele me dava massinha para brincar... Então, era uma pessoa que dava atenção para as outras pessoas... Esse era o seu Ari... E no Carnaval, mesmo na Bicharada, eu não lembro muito da figura dele, mas a gente sabia que era do seu Ari... A minha memória de infância era o boi e o urso porque eu morria de medo. Então, passou a minha vida...Durante todo o tempo... Eu vendo essa história da Bicharada... (informação verbal)²⁴.

²⁴Angélica Barroso Panatieri. Entrevista concedida a autora em 18/07/2016. Piratini – RS



Figura 11 Senhor Ari e amigos em dia de caçada.
Fonte: Paulo Cardoso

As pessoas que conviveram com o ‘Seu Ari’, como era conhecido, o descrevem como uma pessoa humilde e extremamente humano, que não tinha hora para sair de casa para ajudar aqueles que necessitavam. Naquela época, era incomum médicos e enfermeiros, por isso era comum solicitarem a ajuda do “Seu Ari” que, de acordo com relatos orais, tinha conhecimentos na área de farmácia e aplicava injeções, não cobrando e não aceitando pagamento pelos serviços prestados. Ajudar ao próximo era um de seus lemas; por isso, quando mais tarde fundou o Bloco Carnavalesco da Boa Vontade, era com imensa alegria que a comunidade colaborava para que pudesse confeccionar os Bichos.

Segundo Silvia Garcia e Franciele Domingues, funcionárias da Secretaria de Cultura e Turismo de Piratini, o senhor Ari mantinha, através da Bicharada, um projeto social de inclusão social de toda a sociedade piratiniense. Conforme as palavras das entrevistadas:

Na verdade, eu não conheci o seu Ari...Na verdade, o meu pai conheceu... O meu avô... E assim eu imagino que essa iniciativa dele, como eu já falei anteriormente, foi uma maneira de inclusão social de toda a sociedade participar do evento na rua...Eu ouvi falar muitas coisas boas sobre ele... O meu avô falava que ele era uma pessoa muito criativa e inteligente, era tipo um conselheiro... Ele começava a trabalhar com os grupos, ele levava os guris para a montagem dos bichos, adolescentes, trabalhava com eles... Era uma maneira deles participar[em], né?! Da Bicharada, eu sempre soube que

ele era uma pessoa muito caridosa e inteligente...Na maneira dele, ele ajudava a todos...Na verdade, o Bloco levou o nome de Boa Vontade, pois ele só existia da “boa vontade” das pessoas... Ele vivia de doações, né?! De doações de serviços, de doação financeira... Ele se mantinha disso, então por isso que surgiu o nome Boa Vontade (informação verbal)²⁵.

[...] principalmente no período de Carnaval, se lembra (sic) muito dele... Porque dizem que, meses antes da data do Carnaval, ele já se empenhava para organizar, né?!, para arrumar os bichos, renová-los e criar novos bichos para a Bicharada... E fala-se muito que ele era uma pessoa humilde, mas que se empenhava ao máximo para ser filantropo... Tanto que a própria Bicharada, ela é um movimento ligado à filantropia, que recebe doações, como a colega falou... Então, a gente sabe isso dele, que era uma pessoa muito empenhada em fazer acontecer e se empenhava... Acho que... Acredito que queria ver também a nova geração bem encaminhada, tanto que era preciso que esses alunos tivessem boas notas na escola para poder participar da Bicharada (informação verbal)²⁶.

Em seu depoimento o senhor Valdo Garcia relembra como o senhor Ari iniciou a festa e como ele coordenava a Bicharada:

Ele iniciou a Bicharada em 1946... Existia um boi só e um urso, e o resto era[m] os mascarados... era tudo mascarado e era[m] feito[s] uns bonecos... a minha tia fazia uns bonecos, confeccionava uns bonecos... bonecão... e andavam na rua... E o mais eram os mascarados e um boi, e essa cabeça de boi era emprestada pela dona Fifi...

Terminava a Bicharada, o Ari tirava a cabeça do boi e entregava para a dona Fifi. E quem conduzia, quem guiava o boi era o Dinarte, irmão do Daqui, e quem manobrava com o boi... então tinha uma “guiada” e o boi tinha um descanso e quando o boi ia levantar ele tinha uma música: **“Levanta-te boi deste frio chão, a viagem é longa vamos para o Sertão”**... (Grifo nosso)

Tinha a “muíña”, tinha o urso, a finalidade do urso era para tirar dinheiro... era um mascarado vestido com a máscara e todo forrado de barba de pau... era o tema do urso... então o urso vivia numa corda e quem mandava no urso, que era preso numa corda, era um velho sapateiro que tinha aqui, o Seu Pedro Stett..., e arrecadava muito dinheiro, era um cofre daqueles antigos que tinha que colocar a moeda na língua do urso e arrecadava muito dinheiro.

[...] então o Ari saía a pedir tecido nas lojas para fazer os bichos, levava para a tia Biqueta confeccionar as bonecas, e quase todos os anos tinha que reformar... Mas, depois, no decorrer dos anos, começou vir a girafa... Era uma girafa grande do tamanho de uma girafa mesmo... Tinha um carneiro, tinha um galo e diversas bonecas... E então o Ari caminhava e olhava para trás e olhava para as bonecas... E tinha uma que era vesga... E então ele olhava para trás e dizia “mas essa Quequeta é de morte”... Ele era muito engraçado e ele conduzia tudo por apito... Ele apitava para parar e o boi descansar (informação verbal)²⁷.

Observamos, no depoimento do senhor Valdo Garcia, contemporâneo do senhor Ari, que a festa da Bicharada era um grande divertimento para o senhor Ari e era ele quem coordenava toda a festa, desde os preparativos como: arrecadar o

²⁵Silvia Valéria Furtado Garcia. Entrevista concedida a autora em 23/02/2016. Piratini – RS

²⁶Franciele dos Santos Domingues. Entrevista concedida a autora em 23/02/2016. Piratini – RS

²⁷Valdo de Souza Garcia. Entrevista concedida a autora em 29/06/2014. Piratini – RS

dinheiro, levar o tecido para a *tia Biqueta*²⁸ confeccionar os bichos e os bonecos, conseguir as cabeças para os bichos, e, durante a festa, ele ordenava tudo por apito, tanto o momento de descanso quanto o de dar sequência à brincadeira.

É importante salientar que foi através de um pequeno trecho da entrevista do senhor Valdo que nos despertou curiosidade de buscar a origem do verso que o senhor Ari cantava quando os bois levantavam: “Levanta-te boi deste frio chão, a viagem é longa vamos para o Sertão”. Ao pesquisarmos este verso, descobrimos tratar-se de um verso cantado para ressuscitar o boi do Boi de Reis Paraibano. Conforme Pimentel (1987, p. 47), o bumba meu boi, embora diferente em cada parte do país, é fortemente baseado na narrativa da morte e ressurreição de um boi. Isso nos faz pensar que provavelmente a festa da Bicharada inspirou-se mesmo nas festas de Bumba-meu-boi.

Francisca Marques (1999) nos fala sobre a diversidade das festas de Bumba-meu-boi salientando que elas se diferenciam por pequenos detalhes que se confundem sob o olhar do expectador. Nas palavras da autora:

[...] os grupos estandardizados, apesar da aparência homogeneizadora delimitam-se uns dos outros e dos grupos originais apostando numa tradição parcializada, numa autonomia serial ao diferenciarem-se por pequenos detalhes que se confundem sob o olhar do espectador. [...] Assim, a tradição é lembrada como artifício artístico de produção, como argumento para enfatizar ou descaracterizar este ou aquele detalhe em favor de uma modernidade inconsciente e acrítica. (MARQUES, 1999, p.193)

Embora seja notável que a festa possui variação tanto no nome do boi, como no dos demais personagens, em todas as festas de alguma forma se conta sobre a morte e a ressurreição do boi que é seu personagem central.

A Bicharada do Ari apresenta várias características destas festas, como o grande consumo de aguardente, o fato de o boi atropelar os presentes e o verso cantado para o boi levantar. No entanto, não pode ser considerada uma variação do Bumba-meu-boi, por não possuir os demais personagens cômicos — Mateus,

²⁸Seu nome era Albertina de Sousa Almeida. Era a costureira responsável pela confecção dos bichos e bonecas para o Bloco da Bicharada do Ari. No ano de 2015, foi feita uma boneca grande e uma enquete através das redes sociais para saber qual nome a boneca seria batizada, entre inúmeras sugestões, entre elas Mamãe Dolores por exemplo que foi a primeira boneca, a mais votada foi “Quequeta” (em homenagem a Tia Biqueta, como é conhecida pelos contemporâneos ao surgimento da festa)

Catirina, Birico ou Bastião etc., e não se desenvolver em forma de teatro. Podemos afirmar que a festa da Bicharada teve forte influência de alguns aspectos ligados às tradicionais festas de Bumba-meu-boi, entretanto, possui características próprias.

De acordo com o depoimento de Paulo Cardoso, a relação da comunidade piratiniense com a festa da Bicharada do Ari, no período em que era organizada pelo senhor Ari, era diferente da relação nos dias atuais:

[...] a Bicharada deve ter iniciado em 1950, por aí... Quando começou, tinha bem pouquinhos bichos... Era o boi Fortaleza e, na minha época, já tinha a vaca Bordalesa e o tocador... Era bem diferente naquela época... A Bicharada andava na rua, assim... E as pessoas ficam na volta em cima das calçadas esperando a Bicharada passar... E os bichos, atropelavam... Ficava o Edinho, com uma cordinha, segurando bem pertinho da cabeça da vaca... Porque nós éramos danados... Aí entrava eu e o Adão, que chamam Porquinho, embaixo da vaca e nós só [fazíamos] o movimento da cabeça dela e o Edinho dava corda e nós [subíamos] na calçada e [atropelávamos] todo mundo, [Risos]! E as pessoas saíam fora... Era engraçado de ver (informação verbal)²⁹.

A Bicharada do Ari atual está tentando recuperar os personagens dessa época. A Secretaria de Cultura, desde 2015, organiza uma exposição, denominada Embala Piratini, que conta um pouco da trajetória da festa em banners que ficam em exposição durante o período da festa (15/janeiro a 05/fevereiro em 2016), no Museu Municipal Barbosa Lessa; também, voltaram a confeccionar animais com cabeças originais, e personagens como a boneca e o urso da época em que o senhor Ari organizava a festa. A exposição pode ser considerada um lugar de memória da festa da Bicharada do Ari.

Podemos considerar os “lugares de memória” como um misto de história e memória, lugares híbridos, em que não há mais como se ter somente memória, há a necessidade de identificar uma origem, um nascimento, algo que relegue a memória ao passado, fossilizando-a de novo: “[...] o passado nos é dado como radicalmente outro, ele é esse mundo do qual estamos desligados para sempre”. Assim, “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga a continuidades temporais, às evoluções, e às relações das coisas. A memória é o absoluto e a história o relativo” (NORA, 1993 p. 8).

Dessa forma, observamos a Figura 12 da exposição Embala Piratini, a qual consideramos um lugar híbrido, onde relegamos a memória ao passado.

²⁹Paulo Crespo Cardoso. Entrevista concedida a autora em 24/06/2016. Piratini – RS



Figura 12 Exposição Embala Piratini no Museu Municipal Barbosa Lessa.
Fonte: Acervo da Secretaria de Cultura de Piratini

O senhor Ari faleceu no dia 03 de março de 1991, aos 76 anos de idade. Nesse período, já não organizava mais a festa. Por volta de 1985, provavelmente já se sentindo bastante cansado, entregou os bichos para o bloco carnavalesco Garra e pediu que não deixassem a Bicharada morrer.

Tornou-se importante conhecer um pouco da história de vida do seu Ari para compreender a festa e investigar a memória sobre esse importante personagem, dentro do contexto de uma cidade marcada por um passado de relevância histórica e problemas sociais de igual importância.

Um dos motivos, da festa ser importante para a cidade, é o fato de minimizar os problemas sociais. Pois a intenção do senhor Ari era levar à festa “a alegria” (como ele dizia) a toda a comunidade, a todos os bairros sem distinção de classes sociais.

Portanto, percebemos que essa memória precisa ser preservada e transmitida às gerações futuras. Isso justifica, dessa forma, nossa intenção de historiar a festa e investigar a memória de seu fundador.

Nesse sentido, continuaremos a discussão sobre a relação da comunidade piratiniense com a festa da Bicharada do Ari em diversos períodos no próximo subcapítulo.

1.3 Relação dos piratinienses com a festa: a memória e a identidade da comunidade

Para refletir sobre as possibilidades da metodologia da história oral em nossas pesquisas é fundamental compreender como a memória se processa e a forma como nós pesquisadores devemos nos posicionar. Pois, como afirma Portelli (1997, p. 35), o conteúdo das fontes orais “[...] depende largamente do que os entrevistadores põem em termos das questões, diálogos e relações pessoais”.

Para Portelli (1997), a memória deve ser um processo ativo de criação de significados:

[...] realmente importante é não ser a memória apenas um depósito passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações. Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forçadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico. (PORTELLI, 1997, p. 33)

Mais importante do que buscar verdades absolutas, nas narrativas dos informantes da Bicharada do Ari, é compreender os significados que a festa representa para cada um.

Lacot (2011) apresentou um estudo através dos testes Top 10 e Top 12³⁰, no qual comprova que, no campo da neurociência, a memória social modula a memória individual. De acordo com as respostas obtidas nestes testes, existe uma

³⁰O TOP 12 é um teste destinado a avaliar memória coletiva de forma rápida e fácil. Ele se baseia em oito perguntas sobre a vida de 12 celebridades que são nomeados (apresentação verbal). Objetivos do estudo: Verificar a correlação entre os escores médios dos diferentes grupos de indivíduos e a gravidade da doença (Doença de Alzheimer); para determinar um limiar de modo que o estado de cada sujeito (doente ou não) pode ser prevista com base no seu desempenho no teste. A amostra é constituída por 145 indivíduos, e destes 32 são pacientes com Doença de Alzheimer.

correspondência, um compartilhamento, no qual mesmo em nível individual as pessoas tendem a responder de forma semelhante.

Nas entrevistas sobre a Bicharada do Ari, comprovamos esse método em diversas entrevistas, mesmo em nível individual. Diversas perguntas foram respondidas de forma semelhante, ou seja, as lembranças da festa, embora individuais, têm muitos elementos coletivos.

Os resultados destes testes vão ao encontro do pensamento de Halbwachs (1990), que afirma que nossa memória se completa com a de outros indivíduos:

[...] para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 1990, p. 39)

Alessandro Portelli (1997) contrapõe as ideias de Halbwachs, pois para ele “não se deve esquecer que a elaboração da memória e o ato de lembrar são sempre individuais: pessoas, e não grupos se lembram” (PORTELLI, 1998, p. 127).

Na sequência, Portelli deixa claro que os discursos são sempre individuais, ou seja, o aspecto social da memória só se manifesta nas representações que fazemos das lembranças que se manifestam em discursos:

[...] se toda memória fosse coletiva, bastaria uma testemunha para uma cultura inteira; sabemos que não é assim. Cada indivíduo, particularmente nos tempos e sociedades modernos, extrai memórias de uma variedade de grupos e as organiza de forma idiossincrática. Como todas as atividades humanas, a memória é social e pode ser compartilhada (razão pela qual cada indivíduo tem algo a contribuir para a história “social”); mas do mesmo modo que langue se opõe a parole, ela só se materializa nas reminiscências e nos discursos individuais. (PORTELLI, 1998, p. 128)

Realizamos diversas entrevistas com pessoas envolvidas na festa, e, nesse sentido, concordamos tanto com Portelli (1997) como com Halbwachs (1990), pois, mesmo muitos entrevistados tendo diversos pontos em comum em suas lembranças, a forma de contar é sempre diferente. Percebemos também que só é possível compreender as transformações da Bicharada do Ari através da memória de cada indivíduo, mesmo que existam muitos pontos compartilhados da memória destes indivíduos.

Buscamos descobrir qual a importância da festa para as pessoas que ainda participam, por isso realizamos uma série de 14 entrevistas com pessoas de várias idades, durante a festa em 2016, e descobrimos que o motivo nem sempre é o mesmo, mas que para muitos entrevistados alguns traços são fundamentais, como a tradição que deve ser mantida e passada para as gerações futuras.

De acordo com Darlan Madruga, 50 anos, a Bicharada do Ari é importante porque:

Muito importante...Eu acho que a cultura é feita da nossa história, é aquilo que tu lê, é aquilo que a gente aprende e aquilo que já passou, e que nossos antepassados nos ensinam...Nós estamos aqui para ensinar nossas crianças... E isso é que é importante: ensinar as novas gerações, trazer nossos filhos e colocar embaixo dos bichos...Que eles saibam o que isso significa... (informação verbal)³¹.

Segundo João Manuel Silveira Manetti, 57 anos, a festa é uma tradição da cidade, e a comunidade precisa se unir para mantê-la:

Ela é importante porque é uma tradição da cidade... Sempre teve a Bicharada, há mais de 60 anos atrás (sic). Eu acho que não pode deixar morrer, tem que ter mais incentivo da comunidade, mais ajuda... O problema é que é só a Prefeitura que ajuda, nem um comércio ajuda em nada... Se tu pede[s] ajuda no comércio, dizem que isso é marketing político, mas não é não, é uma tradição da cidade... Eu não penso assim, eu penso que é uma tradição...Então, eu acho que teria que manter mais a cultura porque isso é muito bom, um incentivo para a cidade... O dia [em] que morrer a Bicharada, não vai ter mais nem um Bloco na rua... A não ser o Bloco da Gambada... E a Bicharada tem uma característica que é única: ela sai desde o dia 15/01 agora e vai até o dia 05/02... Antes de iniciar o carnaval é o último dia dela... (informação verbal)³².

Gumercindo Garcia, 57 anos, faz uma reflexão positiva em relação às transformações da festa, do período em que foi fundada para os dias atuais:

A Bicharada foi se reorganizando e hoje ela está bem mais organizada... Ela melhorou muito... Hoje ela é um movimento popular mais responsável, as crianças podem participar e antes tinha muita bebida, violência (os bois atropelavam) e agora não, podemos trazer as crianças que é tranquilo. É um movimento das crianças (informação verbal)³³.

Nesse sentido, percebemos que o movimento atualmente possui regras bem distintas de quando foi criado. Podemos afirmar que, no princípio, era mais próximo das festas populares de Bumba-meu-boi, pelo grande consumo de bebidas

³¹Darlan Madruga. Entrevista concedida a autora em 21/01/2016. Piratini – RS

³²João Manuel Silveira Manetti. Entrevista concedida a autora em 17/01/2016. Piratini – RS

³³Gumercindo Cardoso. Entrevista concedida a autora em 23/01/2016. Piratini – RS

alcoólicas e a violência do boi, como afirmou Gumerindo Garcia, ou mesmo, de como são as festas de Carnavais descritas por Roberto da Matta (1997) em que “os limites entre o lícito e o ilícito tornam-se mais tênues” e ocorre uma inversão da ordem. Com o passar dos anos, no entanto, os organizadores foram imprimindo uma ressignificação e um crescente controle sobre a festa. A partir de 1980, especialmente no período em que o Niltinho começa a organizar a festa, essa desordem passa a ser controlada, e a festa deixa de ser uma inversão, um momento em que o ilícito pode emergir.

De acordo com Silvia Garcia, funcionária da Secretaria de Cultura, objetivo é torná-la mais voltada para o público infantil:

[...] hoje ela é voltada mais para criança, como eu falei... A gente voltou ela mais para criança (sic)...Ela sai mais cedo, não tem bebida, nem a banda bebe, só bebe água... A gente fornece água, porque hoje tudo é muito complicado, né?! Como é que os adultos vão estar bebendo (sic) com as crianças junto, né?! Então, não é permitido...Hoje ela é mais voltada para a Bicharada infantil, hoje a Bicharada é família (informação verbal)³⁴.

O depoimento de Silvia, bem como o de Nilton e Angélica, deixa claro o controle da festa nas ruas. Todos eles falam sobre o corte de bebidas alcoólicas, o enfoque nas crianças para exercerem um maior controle e até mesmo, a proibição dos bois atropelarem. As festas não são apenas uma espécie de mundo cultural à parte, são também constituídas de negociações, tensões, conflitos entre os sujeitos envolvidos na sua organização e mesmo entre os diversos participantes. É nesse processo de disputa, de luta simbólica, que ocorre a atribuição de valor, que se firmam os códigos do que pode ou não pode ser realizado, das práticas e performances instituídas.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011) define as festas como campo de lutas simbólicas, onde a disputa entre os distintos agentes determina os códigos que a regerão e as fronteiras entre o que pode ser permitido e o que deve ser excluído, e também como momentos de inversão da vida social, da ordem social e da própria festa e seus agentes. Em suas palavras:

[...] estamos longe, aqui, de tomar as festas como manifestações autênticas do povo, como espaços de um mundo cultural à parte, paralelo ou resistente à dominação, mas aqui as festas são espaços de negociação, de tensões, de conflitos, de alianças e de disputas entre distintos agentes, que se conflitam

³⁴Silvia Valéria Furtado Garcia. Entrevista concedida a autora em 23/02/2016. Piratini – RS

e se debatem em torno não só dos sentidos e significados a serem dados à festa, como também em torno das práticas que as constituirão, dos códigos que as regerão, das regras que estabelecerão permissões e proibições, que definirão limites e fronteiras entre o que pode ser admitido e o que deve ser excluído. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 147 – 148)

Embora a Bicharada do Ari mantenha esses campos de luta simbólica, concordamos com Albuquerque Júnior (2011) quanto a ela ser um momento de inversão da vida social, da ordem social e da própria festa e seus agentes, e, principalmente, observamos que ela está fortemente ancorada na memória coletiva da comunidade piratiniense.

A memória coletiva das pessoas envolvidas na festa da Bicharada do Ari está ancorada na memória da vida de cada um, pois, como afirma Halbwachs (1990), a história de nossa vida faz parte da história em geral. O autor ainda contrapõe memória histórica e memória coletiva, sendo a primeira a memória da nação, enquanto a segunda passa pelas nossas experiências e, portanto, estas são significadas por nós. A memória não se apoia na história aprendida, mas na vivida:

[...] memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e denso. (HALBWACHS, 1990, p. 55)

Em contraponto, Pierre Nora (1993) questiona esses princípios de Halbwachs quando se refere ao fim da história-memória, pois se remete a uma ruptura do paradigma de equilíbrio e do que chama de aceleração da história – para o autor o passado vai perdendo espaço e o presente vai ganhando lugar. Segundo ele, estamos vivendo um momento particular da nossa história, no qual há um desmoronamento central da memória devido à mundialização, à democratização, à massificação e à mediatização.

Assmann (2011), ao falar sobre a memória dos locais, diz que é impossível pensar memória sem espaço. Para ela, assim como para Halbwachs, é preciso pensar o espaço como modulador da memória. A autora nos fala sobre a aura dos locais de memória:

[...] a memória não conhece a norma corpulenta e incorruptível da medida temporal cronológica. Pode mover o que há de mais próximo até uma distância indeterminada e trazer o que está distante até muito próximo, as

vezes próximo demais. Ao passo que os livros de história ordenados cronologicamente são úteis quando se trata de elucidar a consciência histórica de uma nação, a memória de uma nação se materializa na paisagem memorativa de seus locais de recordação. O vínculo peculiar entre proximidade e distância confere aura a esses locais e neles se procura um contato direto com o passado. (ASSMANN, 2011, p. 359)

Nesse sentido, Joel Candau (2012) também se refere à memória como estruturante de tempo e espaço. Para o autor:

[...] através da memória o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em ordem (tanto no tempo como no espaço) conferindo-lhe sentido. (CANDAU, 2012, p. 61)

Observamos que a Bicharada do Ari está estruturada no tempo e no espaço, pois ela ocorre em um local específico e num determinado período. Dessa forma, podemos dizer que a memória desta festa está ancorada tanto no tempo, como no espaço.

As atividades culturais e os significados a ela atribuídos se relacionam, no entanto, com a memória compartilhada sobre os grupos. Portanto, podemos afirmar que o patrimônio cultural, em certo grau, é decorrente da memória social. Tanto que é fundamental a transmissão da memória social para a manutenção dos valores que os grupos atribuem às manifestações culturais.

Nesse sentido, Prats (2005) afirma que a memória compartilhada, antes que coletiva, é uma construção social, que constitui os discursos, cambiantes, da comunidade sobre a comunidade:

[...] um recurso permanente ao passado para interpretar o presente e construir o futuro, de acordo com ideias, valores, interesses, compartilhados em maior ou menor grau. Nos achamos bem no coração da reprodução social. (PRATS, 2005, p. 26)

Na mesma direção de Prats (2005), Candau (2012) afirma que a memória coletiva não é o conjunto de memórias individuais. Ele acredita que as sociedades e os indivíduos podem compartilhar algumas memórias, mas, mesmo quando existem várias recordações essenciais de memória coletiva de uma sociedade, as sequências das evocações destas recordações seriam obrigatoriamente diferenciadas, até mesmo porque os indivíduos não pensam todos a

mesma coisa no mesmo momento, semelhante ao que Portelli (1998) também defende.

Ainda segundo Portelli (1998), pode-se dizer que existem configurações da memória características de cada sociedade, mas no interior destas configurações, cada indivíduo impõe seu próprio estilo, estreitamente dependente por uma parte de sua história, e por outra, da organização de seu cérebro, que é sempre único. Assim, Portelli (1998) vai dizer que toda memória é social, mas não necessariamente coletiva. Para ele, não há nem memória estritamente individual – que não se alimente da memória de outros ou fora dos marcos sociais – nem memória estritamente coletiva. Para Portelli (1998), a noção de memória coletiva é mais expressiva do que explicativa; isso porque ela “expressa” adequadamente uma realidade: como acontecimentos parecem memorizados ou esquecidos por uma determinada sociedade, como existem capacidades de memória diferentes entre gerações, classes sociais, sexos etc. Mas “não explica” de que maneira as memórias individuais, que são as únicas verificadas desde o ponto de vista biológico (somente os indivíduos memorizam efetivamente, nunca uma sociedade), podem aparelhar-se para constituir uma memória coletiva. De que maneira está memória coletiva pode se conservar, transmitir, modificar?

Em nosso objeto de pesquisa, a Bicharada do Ari, indo ao encontro das ideias de Prats (2005), Portelli (1998) e Candau (2012), temos uma memória social, pois, mesmo que cada indivíduo imponha seu próprio estilo, que depende de sua história e da organização de suas lembranças, podemos analisar uma série de acontecimentos em relação à festa que são lembrados pelos participantes de forma bem semelhante. Através de relatos orais, percebemos as transformações que ocorreram ao longo destas sete décadas e o sentimento de cada um em relação a estas.

Nesse sentido, observamos que um dos pontos mais marcantes das narrativas é a parte afetiva, a forma como os entrevistados lembram a festa, e a forma como, muitas vezes, lembranças comuns se relacionam com essa dimensão afetiva da festa, e a vontade de perpetuá-la.

Um exemplo, no qual podemos observar que a festa é muito mais do que diversão, é esse trecho da entrevista de João Carlos Almeida, de 62 anos, que lembra a festa como parte da sua infância:

Eu nasci e me criei naquela casa ao lado do Clube, e ela tem um pátio grande e os bichos o tio Davi moldava lá em baixo e depois levava para o tio Ari. [...] a minha vó (Biqueta) me ensinou muita coisa, para mim e para os outros netos [...] eu nasci em 1955 e a Bicharada já existia há muito tempo, por isso eu nasci e me criei vendo, vivenciando a festa [...] a nossa época de Carnaval, de dezembro e janeiro quando começava a função da Bicharada nós a vivenciávamos, participávamos sempre da festa (informação verbal)³⁵.

Do mesmo modo como a memória de cada um desses participantes se relaciona na questão ao reconhecimento à “obra” do tio Ari, há a emoção quando falam sobre ele, sobre como ele conduzia a festa e principalmente como fez parte de suas infâncias:

[...] eu lembro uma vez que foi muito emocionante... Eu dizendo para o pessoal: “nós temos que fazer uma homenagem enquanto as pessoas vivem, pois homenagem póstuma é para a família”... Bem, mas eu queria fazer aquela homenagem para o seu Ari... E nós, então... E eu lembro que nunca tinha visto tanta gente junta, ali entre a rua Comendador Freitas que desce a Prefeitura e a rua Bento Gonçalves... Eu nunca tinha visto tanta gente junta... E aí nós paramos a percussão e eu ensaiei um discurso e o seu Ari estava na calçada e se emocionou muito... E eu também me emocionei muito... Enfim, colocando ali a grandeza dele como ser humano... Que isso é praticamente incontestável... E pela grandeza da obra dele, que a Bicharada é obra do tio Ari, [de] onde ele tirou, como ele criou...Enfim, uma vez ele me falou... Eu tenho uma breve lembrança... Que tinha relação com as festas de bumba meu boi... Agora, como eu não sei, porque ele não era uma pessoa de muitas letras, mas de uma sensibilidade... Ele coordenava aquilo... Eu nunca vi alguém coordenar todo aquele pessoal... Porque, no início, era muita gente... E ele não precisava usar autoridade, autoritarismo, ele cativava... Era o tipo paz e amor... Chamava atenção, era disciplinador, mas cativava as pessoas.

[...] era uma festa, a marca fundamental é que era um momento [em] que se percebia uma diminuição das classes sociais, não só das classes sociais como raciais... Era uma coisa mágica, e na época do tio Ari era mais mágico ainda. Pra mim e para o grupo da Garra era muito especial, pois fomos aquele grupo de crianças que tínhamos aquele misto de curiosidade e medo, a festa fez parte da nossa infância. Principalmente o Boi Bordalessa e o seu tocador, e os Ursos, davam muito medo e curiosidade de participar. Essa festa é uma coisa única, eu cheguei a pesquisar, muito superficialmente, quando nós organizávamos, mas embora ela possa se inspirar nas festas de bumba meu boi, ela é uma coisa única...Para defini-la: é a Bicharada do tio Ari. (informação verbal)³⁶.

³⁵ João Carlos Almeida da Rocha. Entrevista concedida a autora em 12/04/2017. Piratini – RS

³⁶ Paulo Eduardo Dias Taddei. Entrevista concedida a autora em 06/09/2016. Piratini – RS

Dessa forma, observamos, tanto nas falas dos entrevistados como nas ações de lembrar a festa, como a exposição organizada por uma comerciante da cidade demonstra que a comunidade, além de gostar da festa, acredita que ela se relaciona com a identidade deles e da cidade.

2. A BICHARADA DO ARI E OUTROS CARNAVAIS

Neste capítulo abordaremos os seguintes temas: as semelhanças e diferenças entre a Bicharada do Ari e outras festas tradicionais de Carnaval no Brasil e em Portugal; como diferentes grupos se apropriam da festa; as representações e os significados dos fantasiados; a banda Xangrilá e a sua importância; os promotores (organizadores) que a festa teve ao longo das quase sete décadas; e por fim, as permanências, adaptações e rupturas que o evento presenciou até os dias atuais. O objetivo principal deste capítulo é também um dos principais da pesquisa, ou seja, investigar a história da festa e compreender seus significados.

2.1 A Bicharada do Ari e uma festa tradicional de carnaval em Portugal

Neste subcapítulo analisaremos as semelhanças e diferenças entre a Bicharada do Ari e uma festa tradicional que acontece em Portugal, uma vez que grande parte da comunidade piratiniense é descendente de portugueses – a cidade foi colonizada por casais de açorianos.

Portugal destaca-se pelas inúmeras festas tradicionais de carnaval, mas uma delas chama a atenção pelo fato de ser patrimônio imaterial daquele país e por ter tido sucessivas tentativas de se tornar Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, através de inúmeras candidaturas à UNESCO, a festa de Caretos, em Podence.

Peter Burke (2010) descreve a palavra Carnaval e seu sentido no livro *Cultura Popular na Idade Moderna* da seguinte forma:

[...] havia três temas principais no Carnaval, reais e simbólicos: comida, sexo e violência. A comida era o mais evidente. Foi a carne que compôs a palavra Carnaval. O maciço consumo de carne de porco, de vaca e outros ocorria de fato e era representado simbolicamente. (BURKE, 2010, p. 253)

O autor também faz referência à palavra “carne” com sentido de “carnalidade”, pois o sexo era mais interessante simbolicamente do que a comida. O

carnaval, no século XVIII francês, por exemplo, era uma época de atividade sexual intensa, muitos casamentos se realizavam nesse período e o pico de concepções era nestes meses. Vale lembrar que o carnaval continua ainda hoje, sendo a época da luxúria e da vivência da sexualidade, ligado, muitas vezes a esta ou mesmo à fertilidade.

Esse fato pode ainda hoje ser observado em festas tradicionais como a de Caretos de Podence. Um dos rituais da festa é ligado à questão da fertilidade, os “caretos”, que são rapazes solteiros, (a tradição é transmitida de pai para filho), vestem roupas que geralmente são confeccionadas na própria aldeia, feitas de colchas antigas, de lã ou de linho, tecidas em teares caseiros, cortadas depois ao jeito de fato e transformadas em calças e casaco com gorra ou capuz. As três peças são quase totalmente recobertas com fileiras de franjas de lã de carneiro, tingidas de diversas cores, ao gosto de quem as faz ou veste, embora as cores tradicionais sejam o vermelho, o amarelo e o verde. Assim vestidos, e com uma máscara no rosto, esses jovens saem pelas ruas, correm atrás das mulheres, principalmente das novas e solteiras, para “chocalhá-las”, isto é, para abraçá-las literalmente e com movimentos rápidos de semi-rotação da cintura fazer com que os chocalhos que transportam à cinta lhes batam repetidamente nas nádegas. Essa é uma forma, segundo a tradição dos Caretos de tornar as mulheres mais fecundas.

Na Figura 13, observamos uma fotografia do desfile dos Caretos de Podence, em Portugal.



Figura 13 Caretos de Podence.
Fonte: <http://sarrabal.blogs.sapo.pt/99774.html>

Os elementos aproximadores entre a Bicharada do Ari e a festa de Podence envolvem, entre outros, a questão da tradição, pois ambas se mantêm por várias décadas, inclusive a festa de Caretos³⁷, a qual, segundo relatos orais, existe há mais de um século, tendo começado a ter registros escritos a partir de 1960. De acordo com Luís Filipe Rodrigues da Costa (2015), em sua dissertação de Mestrado “Caretos de Podence: história, património e turismo”, entre os personagens que vemos presentes nos sermões Medievais estavam aqueles que faziam “uso de disfarces femininos” que “alterados com um gesto delicado, efeminam a fisionomia viril”. Segundo o autor, estas personagens serão os antepassados das atuais Matrafonas³⁸ que saem às ruas no Entrudo³⁹ em Podence, como par dos Caretos. Na Bicharada do Ari também temos o grupo de homens que se vestem com trajes femininos, inclusive já na década de 1980 existem fotografias que comprovam a existência do grupo.

Nesse sentido, Peter Burke (2010) afirma que o Carnaval é o período dos rituais de inversão, que permitem que homens e mulheres troquem seus papéis. Segundo o autor:

[...] as fantasias de Carnaval permitiam que os homens e mulheres trocassem seus papéis. [...] O Carnaval, em suma, era uma época de desordem institucionalizada, um conjunto de rituais de inversão. Não admira que os contemporâneos o chamassem de época de “loucura” em que reinava a folia. (BURKE, 2010, p. 259)

³⁷De acordo com o site oficial dos Caretos de Podence (<http://www.caretosdepodence.pt/traje.html>): Os Caretos usam máscaras rudimentares, onde sobressai o nariz pontiagudo, feitas de couro, madeira ou de vulgar latão, pintadas de vermelho, preto, amarelo, ou verde. A cor é também um dos atributos mais visíveis das suas vestes: fatos de colchas franjados de lã vermelha, verde e amarela, com enfiadas de chocalhos à cintura e bandoleiras com campainhas. Da sua indumentária, faz também parte um pau que os apoia nas correrias e saltos. A rusticidade do ambiente é indissociável desta figura misteriosa.

³⁸De acordo com o site oficial do Carnaval de Torres Vedras (<http://www.carnavaldetorres.com/p/tradicoes>): As matrafonas, sendo hoje uma imagem de marca do Carnaval de Torres não são outra coisa senão um elemento sempre presente nas manifestações tradicionais do Entrudo em qualquer ponto de Portugal. Resultam duma sociedade que minimiza o papel social da mulher, especialmente numa época dada a exageros como é o Carnaval, e que, além disso, é escassa em recursos. Fácil era, então, recorrer ao baú das velharias das vestes femininas preservadas na família. As “matrafonas” persistem no Carnaval de Torres porque se tornaram num dos seus ícones mais fortes e atualizam a sua sátira. A imagem da mulher socialmente “mal comportada” é um papel recorrentemente retomado por muitas “matrafonas”.

³⁹De acordo com o site oficial do Carnaval de Torres Vedras (<http://www.carnavaldetorres.com/p/tradicoes>): [...] o Entrudo em Portugal, do latim *introitus*, “entrada”, referindo-se ao período de três dias que precedia a entrada na Quaresma. Tratava-se de uma festa popular resultante de comportamentos espontâneos onde se lançavam pelas ruas baldes de água, ovos, laranjas, farelos entre outros produtos.

Mikhail Bakhtin, em seu livro “Problemas da poética de Dostoiévski” (1997), apresenta a inversão carnavalesca. Para o autor, o carnaval representa “uma vida desviada da sua ordem habitual, em certo sentido uma ‘vida às avessas’, um ‘mundo invertido’” (Bakhtin, 1997, p. 123). Segundo Bakhtin, dessa forma surge o “riso carnavalesco” dirigido à divindade e ao poder como forma de ridicularizá-los, obrigando-os a renovarem-se; portanto, o riso estava ligado à transformação. “Na forma do riso resolvia-se muito daquilo que era inacessível na forma do sério” (Idem, p. 127), surgindo, dessa forma, a paródia ligada ao Carnaval. Nas palavras do autor:

[...] diferentes imagens se parodiavam, umas às outras de diversas maneiras e sob diferentes pontos de vista, e isso parecia constituir um autêntico sistema de espelhos deformantes: espelhos que alongam, reduzem e distorcem em diferentes sentidos e em diferentes graus. (BAKHTIN, 1997, p. 127)

Podemos associar a troca de papel de homens que se vestem de mulher a essa forma de paródia carnavalesca definida por Bakhtin (1997).

Na Figura 14, no primeiro plano observamos um grupo de homens com trajes femininos que se divertiam no carnaval de 1984 em frente ao clube Sociedade Recreio Piratiniense, onde acontecem, ainda hoje, os bailes de Carnaval na cidade de Piratini.



Figura 14 Grupo “As fogosas do 5º”, Bicharada do Ari na década de 1980.
Fonte: Carlo Luiz Grilo Almeida

Na Figura 15, Deloni Sandi Madruga, o *Madruga*, como era conhecido o popular comerciante que atuou por 25 anos no camelódromo de Piratini e sempre se sobressaiu na festa da Bicharada, se destacava pelas fantasias que usava, quase sempre com roupas de mulher, e assim divertia aqueles que à noite prestigiavam a festa, principalmente as crianças para quem distribuía balas e pirulitos. Em 2015, com sérios problemas de saúde, infelizmente, o senhor Madruga faleceu, e deixou um vácuo na história, pois, como não foi entrevistado, conforme havíamos planejado inicialmente, não sabemos o que o inspirava. Será que ele sabia da existência das Matrafonas, grupo de homens que se vestem de mulher nas tradicionais festas de Carnaval em Portugal? Ou será que era apenas uma coincidência?



Figura 15 Senhor Deloni Sandi Madruga (Madruga) na Bicharada em 2013.

Fonte: <http://testenativapiratini.blogspot.com.br/2013/01/um-foliao-com-25-anos-de-bicharada.html>

O único registro que temos foi um depoimento, no dia 22 de janeiro de 2013, uma entrevista ao blogueiro Nael Rosa, no blog “Eu Falei”, na qual o senhor Madruga disse:

[...] Este carnaval é especial pra mim. Voltei a conviver e brincar com os amigos e com as crianças nesta festa que, junto com o futebol, permite que

todos, negros, brancos, pobres e ricos, participem juntos sem diferenças sociais [...] (informação verbal)⁴⁰.

Através deste depoimento, percebemos que o fato da Bicharada do Ari ser uma festa popular colabora para que pelo menos nesse período exista uma maior interação na comunidade piratiniense, independente de raça, credo ou classe social e, de acordo com esse depoimento do senhor Deloni, era esse o fator que o movia a querer sempre participar dessa festa.

Na Bicharada de 2016, durante todas as noites, foi carregada uma placa em homenagem a este grande folião, e Darlan Madruga, que coincidentemente possui o mesmo sobrenome, ocupou carinhosamente o lugar deste personagem que por mais de 25 anos alegrou a Bicharada do Ari com sua presença, para que a sua memória permaneça viva na Bicharada do Ari. Na Figura 16, Darlan Madruga fazendo essa merecida homenagem.



Figura 16 Darlan Madruga na Bicharada em 2016.

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/1560195097583933/>

De acordo com Darlan Madruga, em entrevista concedida durante a Bicharada de 2016:

⁴⁰ Baseado em <http://eufaleipiratinirs.blogspot.com.br/2013/01/um-foliao-com-25-anos-de-bicharada.html>

E [existiram] ao longo desse tempo aí alguns personagens peculiares da Bicharada... Nesses últimos anos, foi o Madruga... E por eu também ser Madruga, hoje estou fazendo uma homenagem a ele... Fui lá na casa (sic) dele e pedi para a esposa o cachorro que ele usava na cabeça...(informação verbal)⁴¹.

De acordo com Roberto da Matta (1997), o “povo” se transforma e as ruas se tornam um grande palco, onde todos dançam, brincam e divertem-se, ou seja, um período curto onde os limites entre o lícito e o ilícito tornam-se mais tênues. A promoção dessa sensação de liberdade permite, por exemplo, que as pessoas se vistam de forma mais livre ou exótica. Para alguns, é o tempo da “libertinagem”, da luxúria, em que os prazeres da “carne” do corpo tornam-se preeminentes. Essa é provavelmente a sensação que os fantasiados e os mascarados experimentam na Bicharada do Ari.

2.2 A Bicharada do Ari e o Cordão dos Bichos na cidade de Tatuí/SP

Buscamos outras festas de Carnaval no Brasil que possuem blocos carnavalescos com bichos. Dentre as festas pesquisadas, encontramos no Brasil o “Cordão dos Bichos”, um bloco carnavalesco tradicional da cidade de Tatuí, interior de São Paulo. A escolha da análise desta festa reside no fato de que assim como a Bicharada do Ari, o “Cordão” utiliza um Bloco de bichos que desfilam na época do Carnaval.

A festa analisada também é tradicional, ocorrendo há vários anos e mantendo os principais elementos que a caracterizam, assim como a Bicharada do Ari. Dessa forma, pretendemos descobrir quais as semelhanças e mesmo as diferenças que esta festa possui em relação à Bicharada do Ari. Nesse sentido, podemos descobrir prováveis origens da referida festa, pois como mencionamos no primeiro capítulo, embora tenhamos constatado que o senhor Ari inspirou-se em alguns elementos das festas de Bumba-meu-boi, a Festa da Bicharada do Ari não tem todos os elementos para ser considerada uma variação desta festa.

⁴¹ Darlan Madruga. Entrevista concedida a autora em 21/01/2016. Piratini – RS

Na Figura 17, observamos o desfile do Bloco Cordão dos Bichos, nas ruas da cidade de Tatuí, SP. Essa fotografia está disponível no site oficial da festa.



Figura 17 Cordão dos Bichos.
Fonte: <http://www.tatuifacil.com.br/cordaodosbichos/>

A festa Cordão dos Bichos, de São Paulo, surgiu em 1928, de acordo com Maria Isaura Pereira de Queiroz (1994):

[...] um grupo de figuras variadas em papier-maché - girafas, ursos, elefantes, grandes sapos, grandes borboletas, cavalos, bois, cabeçorras e gigantes - organizado por um modesto comerciante e seus parentes. O Cordão abre o desfile; as investidas dos animais contra o público e a musiquinha de charanga lembram os antigos bumba-meu-boi tradicionais e são saudadas com palmas, com risos, com fugas e gritos das crianças. (QUEIROZ, 1994, p. 36)

No bloco Cordão dos Bichos não encontramos os personagens que se vestem com trajes femininos, mas temos outras semelhanças com a Festa do Ari, que são significativas. A primeira delas é o fato de ser um bloco formado por adultos e crianças que desfilam sobre fantasias de animais e bonecos gigantes. A segunda é o fato de também ter a figura do boi que faz investidas contra o público, semelhante às antigas festas de “bumba meu boi”. E a terceira semelhança entre as duas festas reside no fato de ambas terem sido fundadas por alguém da comunidade, que no início contavam apenas com o apoio de parentes e amigos para manter a festa.

De acordo com o artigo publicado por Maria Isaura Pereira de Queiroz (1994), sobre a festa de Carnaval da cidade de Tatuí – SP, observamos muitos pontos

semelhantes na histórias das duas festas. Podemos afirmar que A Bicharada do Ari e o Cordão dos Bichos possuem trajetórias parecidas.

Uma delas é o fato da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, assim como a do Rio Grande do Sul ter necessitado incrementá-las com subvenções⁴², para que estas manifestações não desaparecessem. Conforme Queiroz (1994):

[...] no início dos anos 60, a Secretaria da Cultura do Estado preocupou-se com o desaparecimento de várias manifestações do folclore paulista e resolveu incrementá-las inclusive com subvenções. O Cordão dos Bichos era então quase que a única manifestação carnavalesca de Tatuí; alguns blocos desfilavam também; mas as escolas de samba só surgiram mais tarde. A partir desse ano, o Cordão dos Bichos teve assegurada a sua sobrevivência. Esta, no entanto, está ameaçada por uma nova circunstância: tempos atrás, muita gente vinha se oferecer para sair no Cordão, envergando uma das fantasias de bichos, cuidadosamente guardadas numa velha garagem, mas desde o aparecimento das escolas de samba e o aumento dos blocos, não há mais quase interessados; para que nenhum dos trajes fique de lado, os organizadores pagam modestas gratificações a gente da roça, que se esmeram mas que não tem a desenvoltura e a graça dos cidadãos. O “inventor” do Cordão dos Bichos, que até hoje o dirige, prevê que, se não forem aumentadas as subvenções do governo do Estado e da prefeitura local, o Cordão dos Bichos estará fadado a desaparecer. (QUEIROZ, 1994, p. 36)

Outra semelhança, que, de certa forma, pode nos ajudar a compreender o motivo do baixo número de participantes que se inscrevem para andar nos bichos em relação ao passado, é o fato de antigamente não ter uma escola de samba em Piratini e hoje existir a Escola de Samba Gambada. Observamos em vários depoimentos que as pessoas percebem essa mudança, mas não sabem explicar o motivo e, comparando as festas, surge esta hipótese. Outro fator é que ambas as festas são totalmente gratuitas para o público que participa e prestigia.

No entanto, o ponto em que as festas se diferenciam é que a Bicharada do Ari até o presente não precisou pagar nenhum valor para que os bichos sejam carregados, embora nem todos os bichos tenham crianças dispostas a carregá-los todos os dias da festa, aqueles que saem as ruas é porque as crianças se dispõem a carregá-los e divertirem-se.

Em sua entrevista em 17/01/2016 João Manuel Silveira Manetti, de 57 anos, nos fala sobre isso:

⁴² Subvenção é um auxílio pecuniário, em geral concedido pelo poder público. É uma modalidade de transferência de recursos financeiros públicos, para instituições privadas e públicas, de caráter assistencial, sem fins lucrativos, com o objetivo de cobrir despesas de seus custeios. Referência: [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L4320.htm Lei Federal nº 4.320 de 17 de março de 1964]

[...] publicamos para ver se vem gente e, olha aí, não têm crianças suficientes para sair nos bichos... Sobra bicho e não tem ninguém pra sair... Antigamente, nós íamos lá pra Bicharada, que era ali na casa do seu Ari, e, se a Bicharada fosse sair as dez da noite, às sete horas nós já [estávamos] pronto[s] para sair... Esperava três horas para sair na Bicharada... Agora hoje não... A gente marca para sair às nove horas, e pode ver aí são nove horas e ainda não tem gente suficiente para sair. (informação verbal)⁴³.

Observamos, portanto, que, em ambas as festas, houve uma diminuição do número de participantes que querem carregar os bichos. No entanto, tanto o Cordão dos Bichos como a Bicharada do Ari ainda sobrevivem até os dias atuais, sendo provavelmente umas das poucas manifestações culturais de Carnaval nesse estilo a manterem-se vivas por tanto tempo aqui no Brasil.

2.3 Como os distintos grupos se apropriam da festa

A festa do Ari mudou ao longo do tempo, como constatamos na pesquisa, pois vem sendo reinventada, como são as tradições de acordo com Lenclud (2005): “a realização de uma tradição não é jamais a cópia idêntica de um modelo”; para o autor, todos os objetos culturais sofrem transformações. A Bicharada do Ari transformou-se, ressignificou-se após o desaparecimento de seu fundador; isso fez com que parte da comunidade, principalmente aqueles que participavam das fases iniciais da festa, não se identifiquem atualmente com a mesma. No entanto, outros grupos passam a participar, fazendo com que a festa seja vivenciada de modo diferente pelos diferentes grupos da comunidade.

O autor Tornatore (2009), ao descrever uma pesquisa sobre o incêndio no Castelo de Luneville, em Lorena, França, enfatiza que a comunidade, diante do incêndio não “chorava pelas mesmas razões” (TORNATORE, 2009, p. 9), alguns sentiam pela perda do monumento histórico, enquanto que para outros o castelo era o lugar onde estavam as memórias de suas vidas, pois havia sido nos salões do castelo que haviam celebrado seus casamentos, bar-mitzvá etc. Nas palavras do autor, tratava-se de uma: “emoção patrimonial [...] suscitada por um incêndio accidental, em janeiro de 2003” (TORNATORE, 2010, p. 8).

⁴³ João Manuel Silveira Manetti. Entrevista concedida a autora em 17/01/2016. Piratini – RS

Nesse sentido, Tornatore (2010) descreve o que ele define como emoção patrimonial:

[...] duas formas de ligação com o castelo e, portanto, duas formas de emoção patrimonial, duas posturas emocionais. Para alguns, [...], choravam pelo testemunho da História, as pedras e os objetos danificados, ao mesmo tempo em que a perda de uma riqueza cultural; ao passo que para outros, [...], choram pelas lembranças que se foram com a fumaça e seus suportes materiais. (TORNATORE, 2010, p. 10)

Para compreendermos como os diferentes grupos apropriam-se da Bicharada do Ari, primeiramente procuramos identificar os principais grupos, que foram divididos em três períodos e assim definidos: a) Período inicial da Bicharada: organizador (Ari Fabião Valente e Bloco Garra), membros da banda, participantes, fantasiados, donos dos bares etc. b) Período intermediário da Bicharada: organizador (Niltinho), próprio organizador, crianças e participantes. c) Período atual da Bicharada: organizador (poder público – Angélica e Secretária de Cultura), artesãos, membros da banda, comércio local, crianças, participantes (que acompanham o trajeto com os Bichos) e fantasiados.

Na sequência, entrevistamos participantes de cada grupo. Foram feitas várias perguntas, mas uma em específico foi feita para todos os entrevistados, que foi a seguinte: Qual a importância da Bicharada do Ari para ti?

No trabalho com fontes orais, não mais estamos lidando com fatos concretos, mas com elementos mutáveis, como a subjetividade, a memória. Desta forma, devemos sempre respeitar os indivíduos e estar cientes de que uma entrevista não é melhor do que outra. Elas se tornam importantes justamente pela diferença (PORTELLI, 1997).

Do primeiro período, foi entrevistado o senhor Valdo Garcia, na época com 83 anos, que havia participado desde o início da Bicharada e formado a Banda Xangrilá, por volta de 1952. Para ele, a festa era melhor no período inicial, quando ele participava, deixando claro, em vários momentos da entrevista, mas principalmente quando perguntamos para ele qual a importância da Bicharada do Ari para o Carnaval piratiniense, e ele responde no passado:

É porque animava, era um divertimento... Já quando iniciava a Bicharada, o pessoal já começava a se entusiasmar para os bailes de Carnaval... Quando iniciava[m] os bailes de Carnaval, também não tinha sopro... Os bailes de Carnaval aqui custaram muito a ter sopro... Lá um dia é que apareceu um

músico que tocava trombone o seu Osório tocava trombone e começou a tocar no Clube com sopro... Antes, era gaita e tudo cantado... (informação verbal)⁴⁴.

Para ele, destaca-se como o momento mais importante da Bicharada quando foi introduzido o instrumento de sopro, pois o mesmo formou a primeira banda com esse tipo de instrumento que tocou na festa da Bicharada. Na figura 18, observamos membros da banda da Bicharada quando ela já possuía instrumentos de sopro.



Figura 18 Foto da Banda na primeira fase da Bicharada

Fonte: Emir Almeida Gaspar

O senhor Nilton Cardoso, que é o representante do período intermediário, chama a atenção para a forma como ele organizava a festa, separando os grupos de mascarados, músicos e crianças que brincavam nos bichos. Para ele, esse era o segredo para o sucesso da festa neste período, pois (de acordo com seu depoimento) dava liberdade aos diferentes grupos para se divertirem:

[...] na minha época os bichos andavam num local livre de mascarados no meio, as crianças tinham liberdade para andar e hoje quando não é os mascarados atrapalhando, são as mães que colocam as crianças e ficam segurando... As crianças não tem liberdade de brincar, perde a graça...[...] E

⁴⁴Valdo de Souza Garcia. Entrevista concedida a autora em 29/06/2014. Piratini – RS

então era o pessoal que queria se divertir e sambar bem na frente... Depois vinham os músicos e, por último, os bichos... Para ficar mais fácil de controlar e as crianças, assim, tinham espaço para brincar (informação verbal)⁴⁵.

A festa, para os participantes do período atual, conforme entrevista e outras fontes e análises mencionadas, representa uma forma de inclusão social, como diz Franciele dos Santos Domingues, que trabalha na Secretaria de Cultura, Turismo, Desporto e Lazer e Museu Municipal Barbosa Lessa:

Eu acho que a Bicharada é o coração do Carnaval piratiniense... Eu acho que ela não tem um reconhecimento ao nível estadual, embora ela seja um diferencial, uma peculiaridade, porque a nossa região sul, o estado do Rio Grande do Sul, ele não é propriamente um estado que vê o Carnaval como uma festa principal... Isso vai mais para a região do Rio de Janeiro, Salvador... E essa cultura da Bicharada ela justamente traz nela algo mais reservado, que o gaúcho é muito familiar, isso traz na Bicharada... E a Bicharada provavelmente começou como uma maneira de inclusão social e se manteve assim, são diversas etnias, diversas idades, e, como a colega falou, ela é uma festa que hoje é uma forma de lazer para as crianças, pois não é comum as crianças irem em bailes de carnaval (sic), somente bailes infantis e ela é justamente uma festa popular... Que as pessoas vêm até aqui e não têm nenhum custo... Enquanto os bailes de carnaval têm o ingresso, bebida, comida, e aqui eles se divertem sem nenhum custo. As crianças vêm... Se quiserem, andam nos bichinhos e tudo isso sem nenhum custo... Esse é o diferencial (informação verbal)⁴⁶

Segundo Gretta Marianny Garcia Chamby, 65 anos, aposentada e de nacionalidade uruguaia, participante da festa há cinco anos, a importância da Bicharada é o exemplo cultural que transmite para o mundo inteiro e a igualdade social e racial que está presente na festa:

[...] a alegria, dar o coração e sentir a folia e aquela mistura de preto com branco, para que não exista nunca mais aquela coisa de diferença social ou racial... Isso é um culto muito importante para o mundo inteiro... Tem que dar o exemplo cultural. (informação verbal)⁴⁷.

⁴⁵ Nilton Dieguez Cardoso. Entrevista concedida a autora em 09/09/2016. Piratini – RS

⁴⁶ Franciele dos Santos Domingues. Entrevista concedida a autora em 23/02/2016. Piratini – RS

⁴⁷ Gretta Marianny Garcia Chamby. Entrevista concedida a autora em 21/01/2016. Piratini – RS

A Figura 19 é do acervo pessoal da autora e demonstra a participação de Gretta Marianny na festa durante o desfile no ano de 2016.



Figura 19 Foto de Gretta Chamby na Bicharada de 2016

Fonte: Foto da autora

Também nesse sentido, o depoimento de Alex Cardoso, participante da festa de 2016, de 32 anos, morador da cidade de Piratini, destaca:

[...] é uma manifestação cultural que se mantém viva há mais de 50 anos na cidade e de certa maneira manifesta também uma identidade própria da comunidade de Piratini... Têm os populares, o pessoal do centro, de classe média interagindo numa festa popular, isso é muito importante (informação verbal)⁴⁸.

De acordo com Heloína Avila, participante de 88 anos que estava acompanhando a festa da Bicharada de 2016, afirma que a Bicharada do Ari é importante, pois: “precisa ser preservada porque é uma herança que devemos deixar para as nossas crianças”⁴⁹.

De acordo com estes relatos orais sobre a Bicharada do Ari, embora a memória destes participantes possua muitos pontos de contato, observamos que para cada um dos grupos a festa é importante por um motivo diferente. Enquanto para o senhor Valdo Garcia, membro da banda Xangrilá, do período inicial da Bicharada, ela

⁴⁸ Alex Cardoso. Entrevista concedida a autora em 23/01/2016. Piratini – RS

⁴⁹ Heloína Avila. Entrevista concedida a autora em 23/01/2016. Piratini – RS

é importante somente naquela época, pois a música era melhor, a festa era mais animada. Já o senhor Nilton, que representa o período intermediário, acredita que no período em que ele organizou havia mais liberdade para os diferentes grupos se divertirem. No entanto, os representantes do período atual, representado pelas servidoras da Secretaria de Cultura (atualmente organizadora da festa), ela é importante por ser um chamamento para o Carnaval e uma forma de inclusão social. Já os participantes, alguns destacam que é uma identidade própria da comunidade de Piratini e uma forma de interação social, pois todas as classes interagem na mesma festa. Outra participante já destaca que a Bicharada precisa ser preservada como uma herança para as crianças.

Ao analisarmos esses depoimentos, constatamos que, assim como no incêndio no Castelo de Luneville, a Bicharada do Ari desperta diferentes sentimentos e memórias na comunidade, diferentes emoções.

2.4 Representação dos fantasiados, os significados

Neste subcapítulo pretendemos discutir o poder conferido pelo disfarce, uma vez que, em toda a história da Bicharada do Ari, os fantasiados sempre ocuparam um lugar de destaque. Embora percebamos que anteriormente havia um número maior de pessoas que buscavam na fantasia uma forma de anonimato sem serem reconhecidas pelos demais participantes, atualmente ainda encontramos alguns fantasiados que se divertem na festa.

De acordo com Peter Burke (2010), abre-se uma válvula de segurança, pois numa sociedade fortemente estratificada e respeitadora da moral e dos bons costumes durante o ano inteiro, é preciso que, no período de Carnaval, haja uma vazão de tudo o que foi abafado durante esse período. Segundo Burke (2010):

[...] o “mundo de cabeça para baixo” era regularmente reapresentado. Por que as classes altas o permitiam? É como se elas tivessem consciência de que a sociedade em que viviam, com toda sua desigualdade de riqueza, status e poder, não pudessem sobreviver sem uma válvula de segurança, um meio para que os subordinados purgassem seus ressentimentos e compensassem suas frustrações. (BURKE, 2010, p. 273)

Nesse sentido, Peter Burke (2010) afirma que, mais do que uma válvula de escape, o Carnaval possibilita uma vasão controlada da energia. Segundo o autor:

[...] a expressão dos impulsos sexuais e agressivos era estereotipada e assim, canalizada. As máscaras não só liberavam os mascarados dos seus papéis cotidianos, mas impunham-lhes novos papéis. (BURKE, 2010, p. 274)

Dessa forma, observamos que, provavelmente, estas pessoas que usam máscaras e fantasias durante a Bicharada do Ari estão buscando além de se libertar dos seus eus cotidianos, assumir um novo papel.

Na Figura 20, fotografia feita pela autora, durante a festa da Bicharada do Ari em 2016, observamos que esse grupo de três indivíduos participou ativamente durante todas as noites da festa, no entanto, nunca aceitou dar entrevistas, provavelmente com medo de que reconhecêssemos suas vozes, mostrando que o desejo era divertirem-se no anonimato.



Figura 20 Mascarados na Bicharada em 2016.

Fonte: Foto da autora

Esse grupo, provavelmente, deseja manter a tradição de quando a Bicharada foi criada, diferenciando-se de um número significativo, principalmente de crianças, que usam fantasias por estética, como comenta Franciele Domingues em seu depoimento:

Anteriormente, havia uma preocupação de quem estava fantasiado não ser descoberto... É uma coisa que ficou marcada na Bicharada... Eram os macacões, todo mundo usava macacões... Usava aquelas botinas, fronhas no rosto, para não serem descobertos e nem pelas mãos... E hoje não se preocupam. Hoje a fantasia ela é mais estética, digamos assim, é para vir bonito para o Carnaval e não para vir fantasiado e não ser reconhecido... Acho que alterou isso aí (informação verbal)⁵⁰.

Na Figura 21, podemos observar uma fotografia de uma criança fantasiada, da forma como Franciele mencionou em seu depoimento.



Figura 21 Menina fantasiada na Bicharada em 2016.
Fonte: Foto da autora

Ao apresentar o contexto da cultura popular na Idade Média, em seu livro “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais”, o autor Bakhtin (2002) observa que o uso da máscara registra uma explicação histórica. Nas palavras de Bakhtin (2002):

[...] a máscara traduz a alegria das alternâncias e das reencarnações, a alegre relatividade, a alegre negação da identidade e do sentido único, a negação da coincidência estúpida consigo mesmo; a máscara é a expressão das transferências, das metamorfoses, das violações das fronteiras naturais, da ridicularização, dos apelidos; a máscara encarna o princípio de jogo de vida, está baseada numa peculiar inter-relação da realidade e da imagem, característica das formas mais antigas dos ritos e espetáculos. (BAKHTIN 2002, p. 35)

⁵⁰Franciele dos Santos Domingues. Entrevista concedida a autora em 23/02/2016. Piratini – RS

Compreendemos, dessa forma, que o uso de máscaras e fantasias faz parte da História do Carnaval, e está ligado a uma série de expressões e, provavelmente por isso, sempre esteve presente na Bicharada do Ari.

2.5 Criação da Banda Xangrilá

Por volta de 1952, com o objetivo de animar a festa da Bicharada do Ari, o senhor Valdo Garcia e um grupo de amigos formaram a banda Xangrilá, que, durante longos anos, animou as festas de Carnaval da cidade de Piratini/ RS tocando as tradicionais marchas de Carnaval.

Em seu depoimento, o senhor Valdo Garcia nos fala como formou a banda Xangrilá:

[...] inclusive depois que nós começamos a tocar, eu inventei que eu podia tocar, que eu tinha condição de tocar, eu gostava muito de trombone, eu ouvia o trombone e eu inventei que eu tinha que tocar. Eu fui em Venâncio e comprei um trombone a prestação pra tocar na Bicharada, tinha o João Carlos que já tocava pistão e depois trouxemos o Júlio Nogueira pra cá e então nós formamos a bandinha para tocar na Bicharada, aí sim ficou bonito, aí eu tenho a fotografia (informação verbal)⁵¹.

Seu Valdo ainda recorda o nome de alguns membros da banda: “João Carlos Pinheiro, Júlio Nogueira, Djalma Souza (que era baterista e cantor), Jorge Rosa (gaiteiro), Suéde (baterista) e Nei Lopes”.

⁵¹Valdo de Souza Garcia. Entrevista concedida a autora em 29/06/2014. Piratini – RS

Na Figura 22, temos uma fotografia em preto e branco; no primeiro plano observamos os músicos da banda Xangrilá, conforme foram descritos pelo senhor Valdo Garcia. Ao fundo, as pessoas assistem a Bicharada passar, algumas acompanham enquanto outras ficam como espectadores assistindo da janela de suas casas.



Figura 22 Foto da Banda Xangrilá.

Fonte: Valdo Garcia

Na Figura 23, temos uma fotografia também em preto e branco, provavelmente tirada no mesmo dia, pelas roupas que os integrantes da banda Xangrilá estão usando, mas de um ângulo diferente. Nessa fotografia, todos os músicos estavam de frente para a câmera, enquanto na anterior eles estavam de lado. É interessante salientar que alguém se preocupou em colocar os nomes de cada participante. Este é um “desejo de memória”, ou seja, que esse momento e aquelas pessoas não fossem esquecidas. De acordo com Nora (1997), a memória é sempre carregada por grupos vivos, e dessa forma está suscetível tanto às lembranças, quanto ao esquecimento. E, por isso, ela se enraíza no concreto, a imagem, o objeto. Isso explica essa necessidade de registrar o nome daquelas pessoas em algo concreto, para que não fossem esquecidas. Devido a esse cuidado, podemos identificar, da esquerda para a direita, o grupo composto por: Djalma, Nequinho,

Aguinha, Milton, Eu (Emir Gaspar), Valdinho, Bolinha, Júlio Nogueira, Antoninho, Paconha e Valdo. Nas palavras de Nora (1997):

[...] a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. [...] a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências de cenas, censuras ou projeções. [...] A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. (NORA, 1997, p. 25)



Figura 23 Foto da Banda Xangrilá.

Fonte: Emir Almeida Gaspar

A banda formada pelo senhor Valdo Garcia é, na verdade, a que está na memória de muitas pessoas da comunidade. Angélica Panatieri descreve como era a banda que ela tem em suas lembranças da Bicharada:

Eu não lembro porque quando eu começo a lembrar já era a do seu Valdo... **na minha época de medo** (refere-se ao período em que suas lembranças da Bicharada são relacionadas ao medo que tinha do boi), já era deles... Tinha o seu Nezinho, o outro Valdo... Tinham dois, um tocava cavaquinho e o outro tocava violão e instrumento de sopro... Eu já lembro deles (sic)... Depois até montaram [...] outro grupo chamado de Chorões, os Chorões [Risos]... Porque eles eram um grupo de músicos na cidade. (informação verbal)⁵² (Grifo nosso).

⁵² Angélica Barroso Panatieri. Entrevista concedida a autora em 18/07/2016. Piratini – RS

As músicas que a banda tocava ficaram tão presentes na memória de muitos participantes daquele período que, para alguns, música de Carnaval é sinônimo das antigas marchas de Carnaval. Observamos que mais de três entrevistados mencionaram a importância das antigas marchas de Carnaval, o senhor Valdo Garcia (fundador da banda Xangrilá), Silvia Garcia, Franciele Domingues e Angélica Panatieri. Segundo Angélica:

Sempre tocavam aquelas, “mamãe eu quero” [Risos]. E pra mim Carnaval ainda continua sendo isso... Eu lembro que [n]esse Carnaval eu estive em outro lugar... Muita música, muito trio elétrico... Muita música... E aí, daqui a pouco, eu cheguei em um barzinho e tinha alguém tocando isso... Aí eu disse “agora é Carnaval”... Pois, na minha infância, Carnaval era isso (informação verbal)⁵³.

A autora Maria Angélica Brasil Gonçalves Madeira (2011) fez uma análise da história do Carnaval em seu artigo “Carnaval: festa utópica e pagã”, e apresentou como surgiram os blocos de rua e, conseqüentemente, a criação das famosas bandas e as clássicas e inesquecíveis marchas de carnavais dos “velhos tempos”:

[...] com a inauguração do sambódromo, a Passarela do Samba, em 1984, onde acontecem os desfiles e a competição entre as Escolas, instalou-se um estilo de carnaval que não entusiasmava muito os jovens que, no entanto, queriam Carnaval. Daí a surpresa de ver ressurgir, pipocando por todos os bairros, praças e esquinas, os blocos de rua, blocos livres, abertos à participação, em que os foliões pulam fantasiados atrás de uma banda – em geral metais, bumbos, tambores e taróis – cantando as marchas clássicas e inesquecíveis dos carnavais dos velhos tempos. Você pensa que cachaça é água? Mamãe eu quero, Sassaricando, Oh Seu Romeu! Mesclando-as a novos ritmos e versos, atualizando essa poética do riso, trazendo a para o seu próprio tempo. (MADEIRA, 2012, p. 2)

E foram essas clássicas marchas de carnavais que tornaram a Banda Xangrilá inesquecível, ou seja, estão presentes na memória da comunidade piratiniense que participou da Bicharada do Ari nesse período.

Em 1999, quando Angélica Panatieri iniciou o projeto de revitalização (termo como ela refere-se ao projeto de sua autoria) da Bicharada, chamou os integrantes da antiga banda que ainda estavam vivos para novamente animar a Bicharada. Angélica descreve como foi essa participação:

Aí a velha banda retornou, né?! Eles reorganizaram, com os que ainda estavam vivos, né?! O seu Nezinho ainda tocava... O seu Valdo... Acho que o Paconha também tocou... Enfim, eles reorganizaram o grupo que era a

⁵³ Angélica Barroso Panatieri. Entrevista concedida a autora em 18/07/2016. Piratini – RS

entrada, a primeira banda... Que participaram daquele ano puxando a Bicharada... Foi muito bom!!! (informação verbal)⁵⁴.

Em 2015, a Secretaria de Cultura de Piratini fez uma homenagem na última noite de Bicharada daquele ano. Os antigos membros da banda, senhor Valdo Garcia⁵⁵ e senhor Nei Lopes, puderam novamente tocar as antigas marchas de carnaval da velha banda da Bicharada.

Na Figura 24 a fotografia onde registramos esse momento, nela o senhor Valdo Garcia e a senhor Nei Lopes tocando as inesquecíveis marchas de carnaval que alegraram a Bicharada do Ari por longos anos.



Figura 24 Senhor Nei Lopes e senhor Valdo Garcia em 2015

Fonte: Foto da autora

⁵⁴ Angélica Barroso Panatieri. Entrevista concedida a autora em 18/07/2016. Piratini – RS.

⁵⁵ De acordo com o senhor Valdo Garcia, em entrevista concedida em 29/06/2014, ambos só tocavam juntos ultimamente, uma vez que utilizavam os mesmos métodos, ou seja, tocavam de ouvido.

2.6. Os promotores da festa

Ao longo da festa, identificamos que ela passou por cinco períodos diferentes, cada um deles contou com um promotor. A seguir vamos apresentar cada um deles e as características do período sobre sua organização:

2.6.1. Da década de 1940 a década de 1980 – a Bicharada e o tio Ari

No final na década de 1940, o seu Ari Fabião Valente fundou um bloco de Carnaval na cidade de Piratini/RS, chamado de Bloco da Boa Vontade, que tinha por característica principal o desfile de adultos sobre fantasias de animais e bonecos gigantes. A festa acontecia durante as semanas que antecedem a data do Carnaval nacional. Segundo o filho do senhor Ari, João de Deus Valente, o pai criou essa festa para trazer alegria à comunidade. Desde que surgiu, uma das características principais da festa foram os diferentes estratos sociais que participam da mesma. Por ser extremamente carismático, Seu Ari logo conseguiu apoio de vários setores da sociedade: o comércio e membros da própria comunidade faziam doações em dinheiro e dos materiais utilizados na fabricação dos bichos; uma costureira, a dona Biqueta, costurava os tecidos dos bichos e bonecas; crianças ajudavam a fazer a estrutura dos bichos (feita com madeira, arame e outros materiais da época). E assim, surgia a festa da Bicharada, com bichos extremamente pesados, com bois que costumavam atropelar e que causavam medo nas crianças. Nesse período, quem carregava os bichos eram geralmente adultos, que comumente bebiam cachaça distribuída gratuitamente aos participantes quando paravam em frente aos bares da cidade. Era um hábito, os donos dos bares distribuírem cachaça para alegrar os participantes da Bicharada do Ari.

2.6.2. De 1985 a 1987 – A Bicharada e o Bloco Garra

No período entre 1985 e 1987, a Bicharada do Ari passou a ser organizada pelo bloco Garra, que havia sido fundado em 1981, e era o único bloco que possuía instrumentos de percussão. Foi então que o seu Ari entregou os bichos ao Bloco Garra e pediu que os responsáveis não deixassem a festa morrer.

Paulo Taddei, que é um dos responsáveis pelo Bloco Garra, lembra o momento em que seu Ari passou a “guarda” da Bicharada para o Bloco Garra:

[...] entre o período de 1985, 1986, 1988, foi nesse período... Não foi fora dele... Que nós montamos a Bicharada e o seu Ari pediu... Eu nunca mais esqueço... Ele nos deu todas as fantasias que ele tinha e pediu que nós não [deixássemos] morrer... E aí o “nós” que eu falo era o Bloco Carnavalesco Garra, que foi fundado em 1980...

E o Bloco Carnavalesco Garra era o único bloco de Piratini, que eu lembre, que tinha bateria, percussão... nós [saíamos] na rua... E aí nós resolvemos então adotar a Bicharada [...] (informação verbal)⁵⁶.

Durante esse período, a Bicharada manteve ainda as características de quando o seu Ari organizava, os bichos extremamente pesados, os adultos carregando os bichos e os bois atropelando a plateia. Conforme as palavras de Paulo Taddei:

E [neste] período a Bicharada ainda tinha em termos de desfile uma semelhança com a Bicharada tradicional, que era boi atropelando, inclusive invadindo até pátio com o portão aberto... Era muito engraçado... Subindo pra calçada... Só uma coisa que, aí sim, nós tínhamos cortado, pelo menos durante o desfile, que era ingerir bebida alcoólica... Mas acho que o pessoal já chegava meio tocado...

Teve um ano que até eu me surpreendi na frente da casa do meu pai e da minha mãe... O número de pessoas que chegou foi uma coisa assim fantástica... Aguardando nós abrímos o portão para [saírem] os bois e os bichos de uma forma geral... Então assim, era muita gente e eu lembro uma presença... Nunca mais esqueço... Uma presença maciça de professores do estado, do município, enfim, todos fantasiados, aguardando sair o boi ali pelo portão... E aí o urso colhia, ia colhendo recursos pra nós [comprarmos] instrumentos... E nós compramos instrumentos e tal...

E aí, a partir da utilização desses instrumentos, houve uma cisão: o Bloco da Garra deixou de continuar administrando a Bicharada e passou para outra pessoa... Então que foi o Nilton, é claro... Nós nunca ficamos com problema, o problema só existiu naquele momento que houve um rompimento... Na verdade, foi porque nós [tocávamos] baile... A banda da Garra e ele entendia que nós não [podíamos] tocar baile... Enfim, porque, na verdade, nós entendíamos que nós é que tínhamos conseguido aquele recurso, a Garra e a Bicharada junto... Tanto que numa das nossas camisetas, na daquele ano, [es]tava escrito “Garra o Bloco da Bicharada”... E aí nós, no final das contas...

⁵⁶Paulo Eduardo Dias Taddei. Entrevista concedida a autora em 06/09/2016. Piratini – RS

A gente percebeu que o Nilton era muito dedicado, ele trabalhava conosco, junto conosco, tinha muita dedicação e aí nós achamos que, se seguisse nas mãos dele, apesar daquele pequeno transtorno, ia ficar muito bem representado [...](informação verbal)⁵⁷.

De acordo com as lembranças de Paulo Taddei, percebemos que foi um período com muita participação da comunidade. Em sua fala, podemos observar que ele dá um grande destaque à participação de professores os quais, segundo ele, se faziam presente de forma “maciça” como se legitimassem a organização da festa. Ainda, segundo ele, as ruas ficavam repletas de pessoas, os adultos carregavam os bichos e o boi assustava e atropelava as pessoas nas calçadas. Até esse período, a Bicharada manteve sua ideia inicial, de ser praticada por adultos, dos bois atropelarem e do urso recolher donativos durante o percurso para a manutenção da festa. No entanto, nos anos seguintes essa característica da Bicharada foi suprimida intencionalmente pelos organizadores. Aqui já inicia, de certa forma, um controle da festa, quando Paulo revela que já não permitiam o consumo de bebida alcoólica durante o percurso da festa, embora, conforme ele destaca, os participantes já chegassem “tocados” da cachaça. Mas, nos anos seguintes, essa característica de controle sobre a festa irá acentuar-se cada vez mais.

O uso dos recursos, arrecadados na festa, para aquisição de instrumentos para a banda, causam discordância entre o grupo de organizadores e por esse motivo os promotores da festa mudam novamente.

2.6.3. De 1988 até 1998 – A Bicharada e o senhor Niltinho

Provavelmente no ano de 1988, o senhor Nilton Dieguez Cardoso, o *Niltinho* como é conhecido por todos, assume a organização da Bicharada por aproximadamente dez anos. Nesse período, a festa começa as suas transformações, sendo a mais notável a mudança no modo de fazer os bichos, que são produzidos com materiais mais leves, para que as crianças comecem a carregá-los, ocupando o papel que antes era desempenhado por adultos:

⁵⁷ Paulo Eduardo Dias Taddei. Entrevista concedida a autora em 06/09/2016. Piratini – RS

[...] O primeiro bicho, que foi confeccionado por mim mesmo, de início, foi o elefante... Que a minha ideia era fazer a cabeça só do elefante pra botar e seguir o corpo normal... Só que eu errei no tamanho, deu uma coisa diferente e aí eu fiz o corpo dele... Daí fiz o corpo e foi o primeiro... E duas crianças andavam e foi o que mais se destacou... Aí como antes não tinha quase recurso, conseguia pouco recurso no comércio... O Paulo César, teve um ano que foi secretário de turismo no governo do seu Carlos Carvalho que ajudou muito, deu muito material... Aí do elefante, eu fiz a girafa, toda de arame e também mais leve para criança... E depois me surgiu a ideia de fazer o camelo, que era o bicho mais perfeito que tinha... A gente olhava de perfil... E os bois que eram [tradicionais]... Aí virou só para criança e aí não tinha mais o problema de atropelar...

A gente trouxe as famílias para a rua, que muita gente não ia [...] (informação verbal)⁵⁸.

Na Figura 25, podemos observar os bichos descritos pelo senhor Nilton Cardoso: o elefante, a girafa, o camelo, o cavalo e os bois. Nesse momento, provavelmente, foi o primeiro ano em que a Bicharada se transformou e os bichos, antes carregados por adultos, começam a ser carregados por crianças.



Figura 25 Bicharada em 1988.

Fonte: Nilton Cardoso

⁵⁸Nilton Dieguez Cardoso. Entrevista concedida a autora em 09/09/2016. Piratini – RS

Na Figura 26, observamos o registro de uma homenagem feita ao *tio Ari* quando o Bloco da Bicharada completou 40 anos. De acordo com Nilton Cardoso, essa homenagem foi feita no final da década de 1980, quando ele organizava a Bicharada e decidiu homenagear o fundador da festa, evento que ocorreu na Sociedade Recreio Piratiniense. Observamos como deve ter sido gratificante para o senhor Ari receber essa homenagem, provavelmente, neste momento, ele percebeu quão importante foi sua criação.



Figura 26 Homenagem ao tio Ari nos 40 anos de Bicharada.

Fonte: Nilton Cardoso

No ano de 1991, aconteceu um fato bastante atípico, a Secretaria de Cultura do Município, além de não contribuir com a festa, cobrou do senhor Nilton uma taxa para que a Bicharada tivesse “licença” para sair às ruas. Esse fato deixou o senhor Nilton muito insatisfeito, pois, de acordo com ele, a festa da Bicharada era para alegrar as pessoas, não havia nenhum lucro, muito pelo contrário, eram as pessoas que gostavam da festa que a mantinham. O organizador precisou pagar esse valor com seu próprio dinheiro para manter a festa, sendo, portanto, um momento de interferência do poder instituído, uma forma de controle sobre a festa, característico

deste momento. Esse fato foi tão marcante para o entrevistado, que já se passaram 15 anos e ele ainda guarda esse recibo, conforme podemos observar na Figura 27⁵⁹.

Prefeitura Municipal de Piratini		Secretaria Municipal da Fazenda - S. Rendas		Exercício 1991	
Fica Lançado	Bloco Camarões da Bicharada				
Pela Quantia de	Cr\$ 634,00 (Seiscentos e trinta e sete cruzeiros)				
CÓDIGO	HISTÓRICO				VALOR
1120000	Bicunga para espetáculo da Bicharada de 17 de janeiro a 15 de fevereiro de 1991.				634,00
TOTAL					634,00
Piratini, 10 / 01 / 91					Número 000070
Funcionário					1.ª VIA

Figura 27 Recibo do valor pago a Prefeitura de Piratini no ano de 1991.

Fonte: Foto da autora

2.6.4. De 1999 até 2004 – a Bicharada e o Museu Histórico Farroupilha

Por volta de 1999, Angélica Barroso Panatieri, diretora do Museu Histórico Farroupilha – MHF – no período, organizou um projeto de revitalização do Bloco da Bicharada e, por um período, a festa passou a ser organizada pelo MHF. Nesse projeto, o governo do Estado do RS liberou uma verba para a realização da festa. Com essa verba, os bichos foram restaurados e novos bichos foram fabricados. Conforme Angélica:

Por volta [do ano] 2000 aconteceu um vazio... A Bicharada estava tendo dificuldade de manutenção... Eu estava trabalhando no Museu Histórico Farroupilha e o Governo do Estado, naquela ocasião, pela Secretaria da Cultura, tinha um recurso para todos os municípios onde houvesse equipamento da Secretaria da Cultura... E disponibilizava, então, para o projeto do verão, um recurso, que era... Não lembro exatamente o valor, mas existia um valor razoável para que a gente pudesse fazer uso... Eu tinha o dinheiro disponível e não tinha projeto, quer dizer, [não tinha] um projeto maior...

⁵⁹ Esse fato, provavelmente explica o motivo do entrevistado ser tão arredio a questões políticas, tanto que o mesmo só concordou em conceder a entrevista após ter certeza que a mesma só seria utilizada para fins acadêmicos e que não era vinculado a nenhuma sigla partidária ou a Administração Municipal.

Eu tinha iniciado naquele ano e não tinha tido tempo de discutir com ninguém... E eu fiquei pensando o que [...] nós podíamos fazer, onde nós podíamos aplicar esse recurso... E eu disse, “olha, a Bicharada é algo que acontece há tanto tempo e que não tem incentivo financeiro, né?!” Todas as vezes, as queixas que eu escutava era que não temos dinheiro para fazer... E, enfim, então eu pensei “esse é um bom projeto”... A gente pensa em fazer oficinas, comprar material para fazer os bichos, ensinar outras pessoas a fazerem isso... E eu procurei então primeiro o Niltinho... Porque era ele que vinha durante muito tempo fazendo isso, sem nenhum apoio e ele disse: “olha, se é de governo eu não quero, se é de governo eu não quero porque depois vocês querem mandar na gente e tem política; eu não quero saber”... Então eu disse: “Puxa vida, e agora? Eu tenho o dinheiro e não tenho quem faça” [Risos]...

E aí, então, eu busquei outras pessoas na comunidade que também gostavam da festa e que se dispuseram a realizar... Que participaram quando crianças... O Niltinho disse que não ia fazer mais... Disse “bom, então eu vou aproveitar essas pessoas e com elas nós vamos fazer”. E aí nós retomamos, fizemos uma oficina de construção dos bichos e contratamos os músicos... Porque, até então, os músicos faziam de graça, né?” “Não, vou dar uma ajuda de custo para vocês, pra vocês então fazerem. Um reconhecimento pouquinho financeiro do que vocês contribuem para a comunidade (sic)” (informação verbal)⁶⁰.

O vazio vivenciado nesse período, e que de certa forma ainda é observado, provavelmente está ligado, entre outras questões já mencionadas, com o controle de uma festa que antes era totalmente livre, e agora já não é mais, pois para participar é preciso obedecer a uma série de regras e, também, temos a questão da globalização, muitos dos nossos entrevistados mencionaram que, quando a festa surgiu, não havia, na cidade, outras formas de entretenimento, nem mesmo televisões eram comuns na época. Hoje tudo é diferente, existem outras opções tanto para o público infantil, como jogos, internet etc., como para o público adulto, pois a cidade possui barzinhos, e alguns preferem ficar em casa assistindo um filme. Enfim, existem outras formas de diversão nos dias atuais inexistentes naquela época e é bem provável que essa seja uma das razões, também, da diminuição do público.

Angélica percebeu este vazio e, por esse motivo, buscou formas de chamar a comunidade a participar da festa, e uma delas foi convidando o senhor Valdo Garcia a reorganizar a banda para animar a festa.

Através do depoimento do senhor Valdo Garcia, percebemos que os músicos da antiga banda Xangrilá já não tocavam na Bicharada do Ari em 1999, quando foram procurados pela Angélica Panatieri que lhes apresentou o projeto e os

⁶⁰ Angélica Barroso Panatieri. Entrevista concedida a autora em 18/07/2016. Piratini – RS

convidou a voltar a participar. No entanto, essa participação foi somente até o ano de 2004, quando mudaram novamente os organizadores e novos integrantes passaram a tocar na banda que anima as festas da Bicharada. Segundo o senhor Valdo Garcia, atualmente, eles já não tocam mais as tradicionais marchas de Carnaval e, por isso, ele não encontra mais, nos dias atuais, qualquer ressonância das práticas que fazia.

É interessante avaliar que, após a inserção do poder público na organização da festa, acentuou-se o controle sobre a mesma, principalmente no que se refere ao consumo de bebidas alcóolicas. De acordo com Angélica Panatieri:

Quando eu coordenei, uma das preocupações que eu tinha era de não ter bebida, porque tinha muita criança... Pois, quando [a festa] surgiu eram mais velhos... E quando eu comecei a trabalhar, eu introduzi as crianças... Os bichos eram mais leves, a armação era mais leve e eu usei muito as crianças porque eu percebia nelas a curiosidade e o medo... E aí, para trabalhar isso um pouco, do perder o medo e desafiar o medo, eu estimulava que as crianças entrassem, conhecessem como é que era ser um bicho [...] (informação verbal)⁶¹.

2.6.5. De 2004 aos dias atuais – a Bicharada e a Secretaria de Cultura de Piratini

Por volta de 2004, Angélica Panatieri procurou a Secretaria de Cultura do Município de Piratini e fez a entrega dos bichos e da organização da festa, pois, com o término do seu período de direção no MHF, temia que não dessem continuidade ao trabalho, conforme suas palavras:

[...] quase quatro anos... E aí a gente fez a entrega para a Secretaria Municipal de Cultura, que assumiu... Quando eu encerrei, no último ano [em] que eu estive no museu, eu passei a tutela dos bichos para a Secretaria Municipal de Cultura... Como não sabia quem iria assumir, eu passei para a Secretaria e eles assumiram e continuam até hoje (informação verbal)⁶².

A partir desse período, a Secretaria de Cultura do Município de Piratini assumiu a organização da Bicharada do Ari e se mantém até os dias atuais. O consumo de álcool continua sendo proibido e, cada vez mais, se acentua o controle sobre a festa; o que antes era uma verdadeira folia e um momento no qual o ilícito podia emergir, passa a ser algo totalmente controlado.

⁶¹ Angélica Barroso Panatieri. Entrevista concedida a autora em 18/07/2016. Piratini – RS

⁶² Angélica Barroso Panatieri. Entrevista concedida a autora em 18/07/2016. Piratini – RS

Como podemos observar na Figura 28, os bichos passam inclusive a ser segurados pelos organizadores para que não possam atropelar e vir a sofrer estragos; de certa forma, pelo fato de ser o poder público que organiza e usa o dinheiro público para consertar os bichos e confeccionar novos, surge esse maior controle sobre a festa. O que talvez explique um menor número de participantes e menos empolgação. Franciele Domingues, uma das servidoras da Secretaria de Cultura de Piratini, resume estas mudanças:

Eu acho que ela começa como uma festa, digamos que do privado para o público, ela começa de um grupo de pessoas e reúne[m]-se fundos que as pessoas vão doando, doações das pessoas... E hoje ela é do domínio público para o público... Isso foi mudado! Hoje, ela é uma festa que vem sendo organizada pelo poder público para com a população e antes ela era organizada pela população para a população... Isso foi uma alteração bem grande...

E acho que também vem essa questão, como já havia sido falado, que inicialmente necessitava-se de fundos, de pessoas que abrissem a mão para fazer doação para consertar os animais, para vestir o urso... E agora o poder público traz esse recurso, ele oferece o recurso para que a Bicharada saia... É uma das alterações mais eminentes (informação verbal)⁶³.



Figura 28 Desfile da Bicharada em 2016.

Fonte: Foto da autora.

De acordo com Arévalo (2004), a tradição pode ser compreendida como uma manifestação transmitida ao longo do tempo em um determinado espaço, que

⁶³Franciele dos Santos Domingues. Entrevista concedida a autora em 23/02/2016. Piratini – RS

varia de acordo com as diferentes culturas. Ela se atualiza e se renova do passado para o presente, dando sempre uma continuidade cultural:

[...] la tradición es una construcción social que cambia temporalmente, de una generación a otra; y espacialmente, de un lugar a otro. Es decir, la tradición varía dentro de cada cultura, en el tiempo y según los grupos sociales; y entre las diferentes culturas. [...] La tradición, de hecho, actualiza y renueva el pasado desde el presente. La tradición, para mantenerse vigente, y no quedarse en um conjunto de anacrónicas antiguallas o costumbres fósiles y obsoletas, se modifica al compás de la sociedad, pues representa la continuidad cultural. (Arévalo, 2004, p. 926)

Concluimos que, mesmo com essas mudanças, a inserção do poder público foi essencial para que a Bicharada do Ari tivesse continuidade e se mantivesse viva até os dias atuais. No entanto, observamos que a festa poderá tornar-se invisível para as futuras gerações, caso no lugar de uma política de memória, os atores públicos promovam uma política do esquecimento. Nesse momento, não observamos essa prática; no entanto, é preciso criar mecanismos de memória, para que não aconteça uma política de manipulação trazida pelos atores públicos no futuro, que priorizem certos personagens a outros, deixando cair no esquecimento uma parte importante de nossa história.

2.7. Algumas reflexões – permanências, adaptações e rupturas

Ao analisar a Bicharada, percebemos que, mesmo tendo se passado quase sete décadas, ainda existem muitos elementos do Bloco Carnavalesco da Boa Vontade (nome com que foi batizada a festa quando criada). Entre eles, os bichos, a figura do boi, o envolvimento de todas as esferas da comunidade, o fato dela ser pública, todos podem participar, sem ter nenhum tipo de custo. Alguns personagens antigos hoje foram recuperados, como o boi e o carneiro com cabeças de verdade, o urso e a boneca. Observamos que os organizadores atuais têm a preocupação de pesquisar como a festa era para manter as suas características principais. Nas palavras de Franciele Domingues, funcionária da Secretária de Cultura de Piratini, esses valores tornam-se claros:

Eu acho que a Bicharada... Ela começa como um pequeno aglomerado de pessoas querendo ter momentos alegres, momentos de lazer... E hoje ela é parte da História... O museu deve contar a História da Bicharada... As pessoas na rua devem falar sobre a Bicharada... E hoje eu tenho orgulho de trabalhar na confecção, junto com as colegas... Porque, quando eu comecei

andando nos bichinhos, eu ficava pensando como é que eram feitos... Essa influência é porque já havia um afeto... Os pais devem incentivar as crianças a vir, porque provavelmente serão os que darão continuidade...

Enquanto a gente estiver aqui, com certeza, com unhas e dentes e com muito amor, a gente vai dar continuidade... Mas, depois, quando a gente não estiver mais eu espero que alguém preserve (informação verbal)⁶⁴.

O depoimento de Franciele Domingues nos remete à questão da transmissão da memória. Ela salienta que hoje o museu da cidade precisa contar essa história, seguindo os pressupostos de Lenclud (2005) de que a tradição precisa ser preservada e transmitida para as gerações futuras.

Segundo Angélica Panatieri, o que permanece na Bicharada são os bichos, o boi, a banda que toca as marchas de Carnaval, as pessoas que continuam acompanhando a Bicharada, como se fosse uma procissão. As rupturas e mudanças, de acordo com ela, se manifestam na participação das crianças que antes tinham medo e hoje são as protagonistas da festa, depois na organização que antes era de alguém da comunidade e hoje é o poder público, e, por fim, no fato de que antes a Bicharada era um bloco, ou seja, um grupo organizado e hoje, tirando os músicos que continuam sendo um grupo organizado, quem quiser ir e participar vai.

Ah! Esse ano eu não estava aí, mas que bom. Mas, sim, tem a Bicharada, tem os bichos, o boi principalmente... A banda que acaba tocando as marchas de Carnaval... Agora, claro que eles utilizam um pouco mais das músicas atuais, mas ainda aquelas que remetem a festa de Carnaval... O movimento das crianças ao redor...

Embora mudou um pouco (sic), porque as crianças antes ficavam com muito medo e hoje elas são as protagonistas, são elas que fazem a Bicharada acontecer e isso é uma mudança. E bem, as pessoas continuam caminhando ao lado, continuam fazendo procissão... E quem organiza... Enfim, isso também mudou, mas hoje é o poder público que faz e antes era alguém da comunidade, era privado, mas era coletivo também, mas uma coletividade independente... Mas, mesmo assim, não se tornou algo muito burocratizado... A participação da Bicharada continuou... O que eu chamo de espontâneo, por que quem quer vai... Isso também é um pouco diferente porque no início era um bloco organizado que fazia isso... Hoje é assim... [...] tirando os músicos... Os músicos [são] um grupo organizado... Mas, para conduzir a Bicharada, quem quiser, vai, não tem uma organização anterior... Eu lembro que eu privilegiava quem não andou anda, quem não carregou ainda carrega... É claro que tinha aqueles que estavam sempre lá empolgados e acabavam repetindo... Eu acho que são essa[s] continuidades, rupturas e mudanças... As que eu percebo são essas (informação verbal)⁶⁵.

Todas essas continuidades da Bicharada do Ari, mencionadas por Angélica Panatieri, são muito claras. No entanto, em relação à questão do bloco

⁶⁴Franciele dos Santos Domingues. Entrevista concedida a autora em 23/02/2016. Piratini – RS

⁶⁵ Angélica Barroso Panatieri. Entrevista concedida a autora em 18/07/2016. Piratini – RS

organizado ser algo fechado que não permitia que quem quisesse participar da festa pudesse ir, existem algumas controvérsias, pois, de acordo com a fotografia que foi apresentada na Figura 16, da Banda Xangrilá acompanhando a Bicharada, na qual observamos a comunidade participando da festa, e nos demais depoimentos, como no do senhor Valdo Garcia e no do Paulo Cardoso, fica evidente a participação de toda comunidade que estivesse disposta a participar. Dessa forma, acreditamos que, mesmo sendo organizada por um bloco, desde o início, a principal finalidade da festa era agregar todas as camadas sociais em uma única festa.

Segundo Paulo Cardoso, havia mais integração entre os que andavam nos bichos e o público que acompanhava:

A diferença no andar... Parece que tinha que ter mais interação... As pessoas que andam na volta não participam... Não tem mais aquela coisa do boi atropelar... E parece, me parece, pelas lembranças que eu tenho, que as pessoas gostavam quando o boi ia em cima da calçada e fazia um clarão... Pois todo mundo sabia que era[m] duas crianças embaixo daquele bicho né?!... Que era uma brincadeira e não ia machucar ninguém... Mas aquilo era coisa mais linda! [...] (informação verbal)⁶⁶.

Nesse sentido, Bakhtin (2010) nos traz, de certa forma, uma explicação para essas mudanças. Ele afirma que as formas cômicas se transformam quando se estabelecem os regimes de classe e de Estado, ou seja, antes a festa era popular, não havia muitas regras, elas se acentuaram quando o poder público assumiu:

[...] mas quando se estabelece o regime de classes e de Estado, torna-se impossível outorgar direitos iguais a ambos os aspectos, de modo que as formas cômicas – algumas mais cedo, outras mais tarde – adquirem um caráter não oficial, seu sentido modifica-se, elas complicam-se e aprofundam-se para transformarem-se finalmente nas formas fundamentais de expressão da sensação popular do mundo, da cultura popular. (BAKHTIN, 2010, p. 5)

Nesse sentido, a Bicharada do Ari precisou adaptar-se às normas que foram sendo impostas ao longo dos anos, como já mencionamos anteriormente. Quando era organizada pelo *tio* Ari não havia preocupação com o consumo de álcool, por exemplo, e, a partir do momento em que a organização passou para o poder público, a maior preocupação foi diminuir o consumo das bebidas alcoólicas. Outro fator importante é que quando o poder público assume, eles passam a ter a responsabilidade de manter os bichos. E antes isso era feito através da ajuda da

⁶⁶Paulo Crespo Cardoso. Entrevista concedida a autora em 24/06/2016. Piratini – RS

comunidade, tanto com dinheiro, quanto com mão de obra para a confecção e manutenção dos bichos.

Concluimos que mesmo com algumas adaptações e rupturas na festa da Bicharada do Ari durante a sua trajetória, as permanências fazem com que ela ainda mantenha o seu propósito inicial de ser uma festa popular que agrega grande parte da comunidade piratiniense, de todos os bairros, de todas as classes sociais e grupos étnicos, enfim, uma festa na qual todos que querem, podem participar.

3. A PATRIMONIALIZAÇÃO DA FESTA É IMPORTANTE?

O capítulo pretende discutir a questão da patrimonialização relacionada à festa da Bicharada do Ari. Mesmo a festa não sendo um patrimônio instituído oficialmente, de acordo com as entrevistas realizadas, observamos que a comunidade piratiniense considera a festa um “patrimônio” que precisa ser preservado e transmitido às gerações futuras. Tendo em vista que a patrimonialização deste tipo de manifestação faz aflorar diferentes questões referentes à complexidade de sua institucionalização, uma vez que a eventual instrumentalização política possibilita uma grande visibilidade do bem e do local onde se encontra, também, traz uma questão sensível relacionada ao envolvimento da comunidade na gestão de sua cultura, o que pode trazer dificuldades para conciliar diferentes pontos de vista e interesses. Dessa forma, este capítulo tem por finalidade avaliar os pontos positivos e negativos de uma possível patrimonialização.

3.1 – A Bicharada do Ari: um patrimônio não instituído

A festa da Bicharada do Ari, embora não seja um patrimônio reconhecido institucionalmente, possui um envolvimento da comunidade na gestão de sua cultura e de preservar a sua memória. Assim o é de forma que, até o presente, não apresenta um risco iminente de desaparecer, pois não só é praticada anualmente, como, ao longo de sua história, teve diversos eventos que demonstram o quanto a comunidade tem orgulho de preservar a festa, instituindo diversos “lugares de memória” como uma forma de enraizá-la em algo concreto, como afirma Nora (1993, p.8) "a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto [...]".

Nesse sentido, a homenagem e o agradecimento ao *tio* Ari, feito quando a festa completou 40 anos, no final da década de 1980, são um exemplo da relação da comunidade com a festa. Outros eventos também evidenciam essa relação, como a exposição “Embalá Piratini”, organizada pelo Museu Barbosa Lessa, em 2015, que conta a trajetória da festa. E finalmente, a exposição montada na vitrine de uma loja

no centro da cidade, em 2017, com a finalidade de demonstrar o sentimento que a comunidade nutre pela festa. Nos depoimentos dos participantes, identificamos referências como herança, tradição, continuidade, congregar as pessoas.

Ao longo dessa pesquisa, procuramos entender a relação da comunidade com a festa, a partir da percepção que a própria comunidade tinha com a mesma. Em nenhum momento foi perguntado aos entrevistados se consideravam a festa “um patrimônio”, mas porque ela era importante e se deveria ser preservada e por quê? As respostas sobre esse questionamento foram várias e distintas, no entanto, todas elas apontam para a mesma direção: o reconhecimento de que a Bicharada do Ari é importante e que deve ser preservada e transmitida. Nesse sentido, entendendo patrimônio como herança⁶⁷, consideramos a festa um patrimônio afetivo da comunidade, embora não oficialmente constituído, o que significaria reconhecimento pelas instâncias de poder.

Quando questionados sobre a importância da festa, os entrevistados responderam de diferentes maneiras, mas todos remetendo ao valor⁶⁸ afetivo que a festa tem para a comunidade. Essas foram algumas respostas que tivemos:

- É só observar... Olha as crianças... Ainda com ingenuidade de criança, entende? Elas aproveitam, elas se divertem, o público se diverte, sem agressão, sem apelo físico... É lindo de ver! Muito bom! (informação verbal)⁶⁹;

- Porque isso aí é uma tradição de muito tempo e não pode morrer, tem que conservar (informação verbal)⁷⁰;

- A Bicharada não pode terminar, tem que continuar cada vez com mais força... Ainda porque é uma coisa que sempre alegra a gente... (informação verbal)⁷¹.

⁶⁷ De acordo com Choay (2006), o patrimônio é a herança cultural do passado, vivida no presente, que será transmitida às gerações futuras.

⁶⁸ Uma completa discussão sobre valores pode ser buscada em Alois Riegel (2008). O autor propôs dois grandes grupos de valores: valores rememorativos, ligados à memória, à história e à história da arte; e valores de contemporaneidade, que surgem da satisfação das necessidades materiais e espirituais do homem contemporâneo.

⁶⁹ Carla Rosane Silva. Entrevista concedida a autora em 17/01/2016. Piratini – RS

⁷⁰ Maria Ofélia Lopes. Entrevista concedida a autora em 23/01/2016. Piratini – RS

⁷¹ Marlene da Silva. Entrevista concedida a autora em 29/01/2016. Piratini – RS

- Eu não consigo dizer o que é mais importante nessa atividade, a não ser a congregar as pessoas: isso é o fundamental! E essa coisa de desempenhar diversos papéis, de se experimentar, de se desafiar... Isso a Bicharada ajuda... Lidar com os medos... Quando é que eu sou corajoso, quando é que eu sou medroso... Eu posso ser tudo isso... Eu acho que foi bem bom ter feito esse trabalho... Mas, depois, melhor ainda foi quando outros também quiseram fazer... Ter certeza que as coisas não vão acabar... E interessante que as pessoas que vêm de fora acham isso muito interessante porque é uma coisa da nossa cidade (informação verbal)⁷².

Dessa forma, observamos nessas narrativas a ideia de transmissão, que se vincula ao patrimônio desde o início das práticas de preservação. A comunidade diz que é importante transmitir, e isso se vincula à noção de patrimônio, e, recentemente, a essas novas manifestações patrimoniais como a noção de patrimônio imaterial. Nesse sentido, a primeira iniciativa a tratar disso foi a recomendação da UNESCO, em 1989, que aprovou um documento na 25ª Conferência Geral da UNESCO denominado “Recomendações sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular”. O documento prevê uma definição para “cultura popular e tradicional” nos seguintes termos:

[...] a cultura tradicional e popular é o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem a expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social; as normas e valores se transmitem oralmente, por imitação ou de outras maneiras. Suas formas compreendem, entre outras, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes. (UNESCO, 1989)⁷³

Essa definição remete muito da festa da Bicharada do Ari, pois observamos que as suas normas são transmitidas oralmente, sua forma compreende a música e a dança e ela é formada por um grupo de indivíduos que expressam sua identidade cultural e social.

Nesse sentido, observamos, pelos depoimentos, que a comunidade piratiniense reconhece, na festa da Bicharada do Ari, um aspecto de sua cultura e tradição que precisa ser preservado.

⁷² Angélica Barroso Panatieri. Entrevista concedida a autora em 18/07/2016. Piratini – RS

⁷³ Disponível em portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20Paris%201989.pdf. Acesso em 22 de março de 2017

3.2 – Os narradores da festa: Tesouros Humanos Vivos

A festa da Bicharada do Ari faz parte do que podemos chamar de cultura tradicional e popular da comunidade, transmitida exclusivamente pela tradição oral. Nesse sentido, os narradores dessa festa, embora não reconhecidos oficialmente, podem ser comparados com os “Tesouros Humanos Vivos”, um projeto que foi apresentado pela UNESCO, pela primeira vez, aos Estados membros, no ano de 1996, como um “dispositivo de proteção” para os chamados “bens culturais vivos”.

O projeto “Tesouros Humanos Vivos” teve a finalidade de preservação, continuidade das tradições orais ameaçadas de desaparecimento, que, com o reconhecimento e o apoio oficial, possibilita condições de reprodução e de transmissão para as futuras gerações aos detentores (grupos ou indivíduos) de saberes sobre significativas expressões da cultura tradicional.

Nesse sentido, como a festa da Bicharada do Ari não possui esse reconhecimento oficial, buscamos registrar a história transmitida por seus narradores, com a finalidade de preservar essa tradição. Como afirmamos anteriormente, grande parte daqueles que participaram do início da festa, incluindo o seu fundador, já morreram, e aqueles que ainda estão vivos já estão com idade bastante avançada e muitos com a saúde fragilizada e, dessa forma, observamos que essa é uma tradição que corre risco de desaparecimento. Nossa ideia de registrar a história dessa festa tem como finalidade servir como instrumento para preservação, para que futuramente possamos saber como ela era, por isso a importância dos nossos narradores e do registro que ora apresentamos. Além das narrativas, a memória sobre a festa, os modos de fazer os bonecos, as formas de brincar, as canções, também informam sobre a festa e a cultura popular dessa comunidade. Esses e outros elementos, considerados passíveis de patrimonialização pela Unesco, ganharam visibilidade com a definição do patrimônio imaterial, como sendo:

[...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões — bem como os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhes são associados — que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante de seu patrimônio cultural. Transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, de sua interação com a natureza e da sua história, incutindo-lhes um sentimento de identidade e de

continuidade, contribuindo, desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana⁷⁴.

Desde maio de 2001, a cada dois anos, a UNESCO vem selecionando, através de um júri internacional, espaços e expressões de excepcional importância em uma lista de obras que foi denominado como Proclamação de Obras Primas do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade. A UNESCO considera imprescindível, para que compoñham esta lista, que sejam patrimônio ainda vivo, tenham manifestações de excelência e estejam em perigo de desaparecimento.

Em 17 de outubro de 2003, a UNESCO adotou a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial, durante a sua 32ª Conferência Geral⁷⁵, com o objetivo de salvaguarda do patrimônio. Segundo o mesmo documento, entende-se por salvaguarda:

[...] as medidas que visem assegurar a viabilidade do patrimônio cultural imaterial, incluindo a identificação, a documentação, pesquisa, preservação, proteção, promoção, valorização, transmissão, essencialmente através da educação formal e não formal, bem como a revitalização dos diferentes aspectos desse patrimônio⁷⁶.

Chiara Bortolotto (2011) apresenta a salvaguarda como “uma evolução sustentável do patrimônio cultural imaterial”:

[...] por salvaguarda se entende as medidas destinadas a garantir a vitalidade do patrimônio cultural imaterial, incluindo-se nisso a identificação, a documentação, a pesquisa, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, transmissão em particular através da educação formal e informal, como também a revitalização dos vários aspectos de tal patrimônio cultural. (BORTOLOTTI, 2011, p.10)

No entanto, Bortolotto (2011, p. 14) afirma que existe uma ambiguidade entre o que a UNESCO preconiza como correto e o que realmente acontece, uma vez que “o valor patrimonial de uma prática ou de uma manifestação deve ser atribuído pelos seus executores”, designados no vocabulário da UNESCO sob o conceito de “comunidade”.

Embora a participação de tais “comunidades” seja claramente postulada pela Convenção em relação as ações de salvaguarda em nível nacional, a noção

⁷⁴ Convenção da UNESCO, citado por Clara Bertrand Cabral (2011), Patrimônio Cultural Imaterial..., p.253.

⁷⁵ Convenção da UNESCO, citado por Clara Bertrand Cabral (2011), Patrimônio Cultural Imaterial..., p.81

⁷⁶ Idem

de “participação” assim como a de “comunidade” não encontra nenhuma definição no texto da Convenção. Isso fica, portanto, sujeito à interpretação que os Estados signatários desejam dar de tal conceito. (BORTOLOTO, 2011, p.14)

No caso da festa da Bicharada do Ari temos a participação da comunidade piratiniense e não temos a instrumentalização política; a vontade de preservar e manter a tradição para as próximas gerações vem da comunidade. Na UNESCO, no entanto, muitas vezes a participação da comunidade é irrisória ou nula e nem sempre o registro e o valor patrimonial são determinados pelos agentes envolvidos na prática ou manifestação.

Por outro lado, dentro do IPHAN, a natureza imaterial foi consolidar-se já em 1988 com a Constituição Federal, em seu artigo 216, que diz: “[...] constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material ou imaterial [...]”. No entanto, mesmo tendo sido determinado pela Constituição, somente em 4 de agosto de 2000, com a assinatura do decreto nº3.551, foi elaborada uma legislação que atendia as especificações da preservação do patrimônio imaterial, sendo finalmente reconhecido pelo IPHAN.

Sendo assim, a partir de 2000, o IPHAN passou a reconhecer o patrimônio imaterial, em suas diferentes manifestações, como parte de um processo de democratização da cultura e do patrimônio cultural. Dessa forma, um dos desafios constantes no campo patrimonial brasileiro passou a ser – através da seleção de bens móveis e imóveis – construir uma representação da nação que, levando em conta a pluralidade cultural, funcionasse como propiciadora de um sentimento comum de pertencimento e reforço a uma identidade nacional (Fonseca, 2009).

Nesse sentido, buscamos analisar os bens imateriais que estão inscritos, atualmente, nos Livros do IPHAN (Saberes, Celebrações, Lugares e Formas de Expressão); um dos aspectos que nos chamou a atenção é que na Lista dos Bens Registrados por Estado, observamos que, dos quarenta⁷⁷ bens registrados, eles se

⁷⁷ São eles: Ofício das Paneleiras de Goiabeiras; Arte Kusiwa – Pintura Corporal e Arte Gráfica Wajápi; Samba de Roda do Recôncavo Baiano; Círio de Nossa Senhora de Nazaré; Modo de fazer Viola-de-Cocho; Ofício das Baianas de Acarajé; Jongo no Sudeste; Cachoeira de Iauaretê - Lugar Sagrado dos povos indígenas dos Rios Uaupés e Papuri; Feira de Caruaru; Frevo; Tambor de Crioula do Maranhão; Matizes do Samba no Rio de Janeiro: partido alto, samba de terreiro e samba enredo; Modo artesanal de fazer Queijo de Minas nas regiões do Serro, da Serra da Canastra e Salitre/ Alto Paranaíba; Ofício dos Mestres de Capoeira; Roda de Capoeira; Modo de fazer Renda Irlandesa tendo como referência

dividem em: dez para Celebrações, onze para Saberes, dezesseis são Formas de Expressão e três estão inscritos em Lugares. Além dessa divisão, também são divididos por abrangência, sendo vinte e dois locais, doze estaduais, quatro regionais e apenas dois nacionais e de todos apenas um está localizado no Rio Grande do Sul, no Livro de Registros dos Lugares: Tava, Lugar de Referência para o Povo Guarani⁷⁸, que foi registrado em 03/12/2014 e a sua abrangência é local.

As festas populares estão registradas no livro das Celebrações, e, entre elas, oito têm caráter religioso e apenas duas não, sendo uma ligada à cultura indígena, o Ritual Yaokwa do Povo Indígena Enawene Nawe, que é a mais longa e importante celebração realizada pelo povo indígena Enawene Nawe, e a festa do Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão (registrada em 2011), e é caracterizada pelo IPHAN como:

[...] uma celebração múltipla que congrega diversos bens culturais associados, divididos entre plano expressivo, composto pelas performances dramáticas, musicais e coreográficas, e o plano material, composto pelos artesanatos, como os bordados do boi, confecção de instrumentos musicais artesanais, entre outros⁷⁹.

Esta, entre todas, é a que mais se aproxima da festa da Bicharada do Ari, pois é uma festa de Bumba-meu-boi e a Bicharada do Ari tem sua origem inspirada nestas festas.

este Ofício em Divina Pastora/SE; Ofício de Sineiro; Toque dos Sinos em Minas Gerais; Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis/GO; Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro/AM; Ritual Yaokwa do povo indígena Enawenê Nawê; Festa de Sant'Ana de Caicó/RN; **Complexo Cultural do Bumba-meu-Boi do Maranhão**, Saberes e Práticas Associados ao modo de fazer Bonecas Karajá TO; Ritxòkò: Expressão Artística e Cosmológica do Povo Karajá; Fandango Caiçara; Festa do Divino Espírito Santo da Cidade de Paraty/RJ; Festa do Senhor Bom Jesus do Bonfim; Festividades do Glorioso São Sebastião na região do Marajó; Produção Tradicional e práticas socioculturais associadas a Cajuína no Piauí estadual; Carimbó; **Tava, Lugar de Referência para o Povo Guarani**; Maracatu Nação; Maracatu Baque Solto; Cavalo-Marinho; Teatro de Bonecos Popular do Nordeste _ Mamulengo, Babau, João Redondo e Cassimiro Coco; Modos de Fazer Cuias do Baixo Amazonas; Festa do Pau de Santo Antônio de Barbalha / CE; Romaria de Carros de Boi da Festa do Divino Pai Eterno de Trindade e Caboclinho pernambucano.

⁷⁸ Para os Guarani-Mbyá, a Tava é um local onde viveram seus antepassados, que construíram estruturas em pedra nas quais deixaram suas marcas, e parte de suas corporalidades, por conter os "corpos" dos ancestrais que se transformaram em imortais; onde são lembradas as 'belas palavras' do demiurgo Nhanduru. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/507/>. Acesso em: 29 de abril de 2017.

⁷⁹ <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/80>

3.3 – Potencial de patrimonialidade da Bicharada do Ari

Pelo exposto, a festa da Bicharada do Ari teria potencial de patrimonialização, uma vez que apresenta uma cultura tradicional e popular de uma comunidade, ainda está viva, vem sendo transmitida pela tradição oral e é uma celebração múltipla; no entanto, até o momento, esse não foi um ato pensado pela comunidade. Entretanto, reunindo vários desses elementos, a Festa poderia vir a tornar-se patrimônio, se assim a comunidade entendesse e quisesse instruir o processo de registro.

Para compreender algumas das questões envolvidas na instituição de uma categoria de patrimônio para a Festa, algumas discussões podem ser bastante pertinentes. Dominique Poulot (2009) e Llorenç Prats (1998) trabalham com as categorias de patrimonialidade e ativação do patrimônio, respectivamente, sendo estas fundamentais para uma melhor compreensão destes processos na Bicharada do Ari.

Poulot (2009) distingue as atitudes patrimoniais, classificando-as entre as de patrimonialidade e de patrimonialização, a partir da noção de teatralidade de Barthes. A primeira ele define como sendo “a modalidade sensível de uma experiência com o passado, articulado com uma organização do saber – identificação, atribuição”, sendo capaz de conferir-lhe autenticidade (POULOT, 2009, p. 28). De acordo com as palavras do autor:

[...] uma patrimonialidade encontra-se na relação íntima ou secreta de um proprietário ou usufrutuário em diferentes níveis de especialistas ou iniciados, em nome de afinidades e convicções assim como de racionalizações eruditas e de condutas políticas com determinados objetos, lugares ou monumentos. Mais tarde, na sequência de um longo processo de patrimonialização, a nação é que se tornou objeto por excelência da patrimonialidade, fornecendo, por assim dizer, o quadro de referência de qualquer objeto do passado. No caso francês, a patrimonialização oficial elaborou-se a partir da Revolução Francesa. (POULOT, Dominique, 2009, p. 28)

Nesse sentido, podemos pensar a patrimonialidade (POULOT, 2009, p. 28) como o potencial discursivo dos saberes, fazeres, formas de ação da organização dessa manifestação da Bicharada do Ari, remetendo à ideia de autenticidade da festa

e potencialidade patrimonial da mesma. Pensar sobre as mudanças conceituais do patrimônio, afirma Poulot (2009), auxilia na separação de noções semelhantes, como a de herança, que implica, ao mesmo tempo, numa obrigação de gestão e num sentimento de posse e pertencimento.

Ainda, segundo Poulot (2009), nesse último século, a preocupação patrimonial torna-se compromisso coletivo. Nesse sentido, surge a ideia de culturas múltiplas que nutrem e fortalecem a pluralidade de identidades, e é assim que o patrimônio fortalece o compromisso com os direitos sociais e humanos. Para o autor, ultimamente, a consciência patrimonial é incentivada pelo sentido de urgência frente à processos de destruição causados a monumentos por grupos iconoclastas (políticos ou religiosos).

Esses são pontos positivos da patrimonialização de um bem: nutrir e fortalecer a pluralidade de identidades, trazer visibilidade ao objeto e ter por finalidade uma espécie de “seguro contra o esquecimento”, que possibilita preservar e transmitir às gerações futuras.

Dessa forma, Poulot (2009) conclui que, assim como a memória, o patrimônio tornou-se importante ferramenta política para se pensar a justiça na sociedade contemporânea. No entanto, a conservação ocorre de forma imposta, imperativa e obrigatória através de órgãos amparados em leis e regulamentos oficiais locais, nacionais e em escala internacional.

Segundo o autor, a partir da década de 1980, o patrimônio passa a ser visto com mais intensidade através dos valores atribuídos a ele pela sociedade e não tanto pelos valores da história da arte. O observador deixa seu ponto de mera contemplação para tornar-se participante da atribuição de sentido do patrimônio. Para a inclusão de monumentos e sítios culturais do patrimônio deve-se (ou dever-se-ia) observar primeiramente a identificação positiva pelos indivíduos ou grupos (POULOT, 2009).

Na prática, muitas vezes, tanto no IPHAN como na UNESCO, embora esses organismos tenham conhecimento sobre a importância da participação da comunidade em todos os processos, infelizmente isso nem sempre acontece. Há casos em que a participação praticamente inexistente; em alguns casos acontece da

comunidade tomar conhecimento que sua prática foi declarada patrimônio imaterial através dos meios de comunicação. Deste modo, percebemos que, quando trabalhamos com uma comunidade, é fundamental ter em mente que é preciso trabalhar com ela, e não falar por ela, ou seja, no caso da festa da Bicharada do Ari é a comunidade piratinense que deve decidir como deve preservar e salvaguardar esta festa popular.

Para Prats (1998), no entanto, é considerado patrimônio cultural tudo aquilo que socialmente se considera digno de conservação, independentemente de seu interesse utilitário, o que abarca também aquilo que comumente se conhece como patrimônio natural, na medida em que trata de elementos e conjuntos naturais culturalmente selecionados.

Para o autor, “o patrimônio cultural é uma invenção e uma construção social” (PRATS, 1998, p. 63). Dando sequência à discussão, Prats (1998) afirma que:

[...] nenhuma invenção adquire autoridade até que se legitime como construção social e que nenhuma construção social se produz espontaneamente sem um discurso prévio inventado (seja em seus elementos, em sua composição e/ou em seus significados) pelo poder, ao menos, no que se refere ao patrimônio cultural. (PRATS, 1998, p. 64)

Segundo Prats (1998), existem três critérios de legitimação extraculturais que ele considera fundamentais ainda na atualidade: a natureza, a história e a genialidade. Eles constituem os lados de um triângulo dentro do qual se integram todos os elementos potencialmente patrimonializáveis, na concepção do autor. Entretanto, estes elementos patrimonializáveis necessitam ser ativados para que se tornem patrimônio.

Para Prats (1998), nenhuma ativação patrimonial é neutra ou inocente, sejam conscientes ou não disto os correspondentes gestores do patrimônio. O autor assegura que não é a sociedade quem ativa estes repertórios patrimoniais, quem os ativa são os poderes políticos (locais, regionais e nacionais) e também o poder econômico. Para o autor: “[...] sem poder, poderíamos dizer, em termos gerais, não existe patrimônio” (PRATS, 1998, p. 69). Ainda que uma manifestação cultural, como a Festa da Bicharada, possa ser considerada um bem da comunidade, segundo o raciocínio do autor, com o qual nos identificamos, não há patrimônio, desde um ponto de vista formal.

Nesse sentido, de acordo com diversos autores (Kurin, 2004; Jadé, 2008; Ramos, 2003), a questão de estas manifestações serem especificadas em listas pode, de maneira inevitável, levar à sua “fossilização”, além de criar uma hierarquização, no sentido de incentivar algum tipo de elitismo do patrimônio, ocasionando uma possível exclusividade cultural. Por outro lado, devemos levar em conta os problemas inerentes à instrumentalização política e seus interesses por trás das classificações, que decidem o que “deve” e o “que não deve” ser patrimônio.

Esses são pontos que consideramos negativos no processo de patrimonialização de um bem, uma vez que, de acordo com diversos autores, estes órgãos, ao preservar da forma como o fazem, selecionando o patrimônio de uma forma elitista, ou ainda sem a participação da comunidade, acabam “engessando” o patrimônio cultural e limitando a sua fruição pelas comunidades. A propósito, talvez seja essa característica dinâmica e mutável da festa da Bicharada que permita que ela siga ocorrendo até hoje e reunindo as pessoas.

Nesse sentido, Prats (2005) afirma que uma estratégia espontânea e eficaz de preservação é patrimonializar o que é importante para a comunidade, o que, para ele, revela a verdadeira natureza do patrimônio local, que se baseia na memória.

No entanto, segundo o autor, a valorização dos referenciais patrimoniais não corresponde à comunidade, mas aos poderes locais. E, por esse motivo, julgamos como não importante a festa da Bicharada do Ari ser patrimonializada, uma vez que, como já afirmamos ela é viva, e passa por transformações, mas talvez seja essa característica dinâmica e mutável da festa que permita a ela continuar ocorrendo até hoje e reunindo as pessoas. Conforme constatamos na festa, e pelos inúmeros depoimentos coletados durante a realização da mesma, observamos que tem a participação de pessoas de todas as idades, as famílias levam os filhos, a prefeitura ajuda na organização da festa, enfim, ela permanece sendo realizada e tem perspectiva de continuar, pelo envolvimento da comunidade, conforme observamos.

Portanto, a festa da Bicharada do Ari possui os predicados para ser patrimônio, no entanto, é justamente essa dinamicidade que permite que ela continue ocorrendo, e talvez o congelamento da mesma acabe extinguindo o sentido e o vínculo

das pessoas com a festa. Ainda que o registro se proponha a manter essa dinamicidade.

Prats (1998) também afirma que o homem como espécie tem um único patrimônio cultural, a diversidade cultural, que não se transmite geneticamente, mas mediante aprendizagem. A cultura, as culturas, a diversidade cultural, é cambiante e este é um fato inevitável, não se pode obrigar ninguém a viver como seus antepassados em nome da conservação do patrimônio cultural.

O autor afirma que não se pode conservar nenhuma cultura; entretanto, se pode conservar seu conhecimento:

[...] este é o verdadeiro patrimônio que a humanidade pode conservar e transmitir: o conhecimento, tanto o conhecimento das conquistas científicas e artísticas mais singulares, como o conhecimento dos sistemas e aparelhos culturais que têm permitido ao homem, em situações sócio históricas muito cambiantes, adaptar-se à vida no planeta e à convivência com seus semelhantes. (PRATS, 1998, p. 73)

Nesse sentido, pode-se pensar a festa da Bicharada do Ari sobre este aspecto. O importante não é tentar conservar a festa com as características de quando ela surgiu, que já não existem mais, mas produzir um conhecimento sobre aquele período, vivenciar e compreender a manifestação no presente e transmiti-la às gerações futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória da Bicharada do Ari está dispersa em muitas memórias e assim chega até o presente. Nessa dissertação, fizemos a tentativa de não sintetizar, mas permitir essa polifonia narrativa. A Bicharada do Ari construída nesse trabalho se deu com base em narrativas de participantes da festa, desde a sua criação até os dias atuais, e em fotografias de vários momentos da festa. Através das lembranças dos narradores, construímos a história da festa e deixamos um registro escrito para que daqui muitos anos a comunidade piratiniense ainda saiba como era a festa da Bicharada organizada pelo *tio Ari* na década de 1940 e algumas mudanças ocorridas ao longo do tempo.

Sabemos da riqueza dessa manifestação popular, parafraseando Ferreira Gullar, não cabe em algumas páginas, o que buscamos preservar e salvaguardar a história desta festa, tendo em vista que ela vem se mantendo ao longo de todos esses anos através da tradição oral, e considerando que os participantes do período em que foi criada já possuem em sua maioria mais de 80 anos, percebemos a importância deste registro para que esta memória não se perdesse. Ao todo, realizamos 24 entrevistas, e desses entrevistados, 12 foram contemporâneos ao senhor Ari e participavam da festa que ele organizava. Alguns possíveis entrevistados, como Nei Lopez e Deloni Sandi Madruga, não foram ouvidos, pois faleceram durante o andamento da pesquisa. Entretanto, realizamos um bom número de registros, disponíveis ao final desse trabalho (APÊNDICES).

A festa da Bicharada do Ari, neste momento, não parece apresentar risco de desaparecimento, uma vez que está sendo praticada e possui a participação da comunidade piratiniense. Porém, em vários períodos de sua trajetória observamos que precisou ter o envolvimento do poder público para ter garantida sua manutenção. Identificamos dois períodos que correspondem a esse envolvimento: de 1999 a 2004, quando o governo do estado do Rio Grande do Sul liberou uma verba para que fossem feitas oficinas, confeccionado novos bichos, e fosse reativada a antiga banda que tocava para animar a festa; e de 2004 aos dias atuais, por meio da Prefeitura Municipal de Piratini através da Secretaria de Cultura, que vem organizando a festa anualmente.

Além disso, ressaltamos que os questionamentos relacionados à patrimonialização ou não da festa não se encerram neste momento. De toda forma, concluímos que, atualmente, a prioridade não esteja numa ação voltada à instrumentalização de um processo de patrimonialização, uma vez que a festa vem acontecendo anualmente, tem a participação da comunidade e, embora possua os predicados para ser patrimônio, não acreditamos ser a melhor escolha nesse momento, pois, é justamente essa dinamicidade que permite que a festa continue ocorrendo, e talvez o congelamento da mesma acabe extinguindo o sentido e o vínculo das pessoas com ela. No entanto, não significa que no futuro não seja necessária uma ação neste sentido para que seja preservada e transmitida às próximas gerações. Esse trabalho pretende oferecer uma contribuição ao trazer à comunidade acadêmica e piratinense um pouco mais sobre a história da festa e recuperar personagens como o senhor Ari Fabião Valente. As entrevistas, anexadas ao final da dissertação, também têm o intuito de permitir novas releituras e interpretações sobre a festa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta (orgs). Usos e abusos da Historia oral. Rio de Janeiro. Editora da FGV, 1996.

ALBERT, Verena. Manual de História Oral. Rio de Janeiro. Editora da FGV, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. Patrimônio e Memória. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.7, n.1, p. 134-150, jun. 2011.

ARÉVALO, J. M. La tradición, el patrimonio y la identidad. Revista de estudios extremeños. Volume 60, número 3, 2004. Espanha: Editora da Diputación de Badajoz. Disponível em: <http://sgpwe.izt.uam.mx/files/users/uami/mcheca/GEOPATRIMONIO/LECTURA2E.pdf>. Acesso em: 13 out. de 2016.

ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação. São Paulo, Editora da Unicamp, 2011, p. 317-366.

BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. 2. ed. revista. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. A cultura popular na idade média e no renascimento. São Paulo. Editora Hucitec, 2010.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). Usos & Abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BORTOLOTTI, Chiara. “A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial na implementação da Convenção da UNESCO de 2003”. Revista Memória em Rede 2 (4): 6-17.
<http://www.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta0201/index.php/memoriaemrede/isue/view/4/showToc> (consultado em fevereiro 6, 2017), 2011.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos. São Paulo. Editora da USP, 1987.

BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. In: BOSI, Alfredo. Cultura brasileira: tradição/contradição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Funarte, 1987. p. 31-58.

BURKE, Peter (org.). A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo, Editora da UNESP, 1992.

_____. Cultura popular na idade moderna. Europa 1500-1800. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

BARTHES, Roland. A Câmara Clara: nota sobre a fotografia. 7.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CABRAL, Clara Bertrand, Património Cultural Imaterial: convenção da UNESCO e seus textos, Edições 70, Lisboa, 2011.

CAMPBELL, Joseph. As Máscaras de Deus. Volume I Mitologia Primitiva. São Paulo: Pallas Athena, 1992.

CANDAU, Joel. Antropologia de la Memória. Trad. Paula Mahler. Buenos Aires: Nueva Visión, 2006.

_____. Memória e Identidade. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo: Annablume, 2009.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade/UNESP, 2006.

CHARTIER, Roger. A história cultural. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1988.

_____. Poderes e limites da representação. Marin, o discurso e a imagem. In: _____. À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: ed. Universidade / UFRGS, 2002, p. 163-180.

CHUVA, Márcia. Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. N. 34, 2012. pp. 147-166.

DUBOIS, Philippe. O Ato Fotográfico e outros ensaios; tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

DE ALENCAR PIMENTEL, Altimar. O auto do boi na Paraíba. In: Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien, n°48, 1987. Musiques populaires et identités en Amérique latine. pp. 37-48. Doi: 10.3406/carav.1987.2299

DE VARINE, Hugues. As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Trad. de Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012. 256 p.

FLORES, Moacyr. Revolução Farroupilha. 4. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1990.

FONSECA, Maria Cecília Londres. O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 3ª ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GODINHO, Paula. Máscaras transmontanas em quatro tempos, in GODINHO, Paula (coord.) Máscaras, mistérios e segredos. Lisboa: Colibri, 2010.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo, Vértice, 1990.

_____. Les cadres sociaux de la mémoire. Paris: Mouton, 1976.

HOBBSAWM, Eric. Introdução: A invenção das Tradições. In: A invenção das tradições. e RANGER, Terencer (orgs); trad. de Celina C. Cavalcanti. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, p. 9-23.

JADÉ, Mariannick (2008), “Le fait patrimonial: de l’élán spontané à la gestion complexe de son institutionnalisation”, In: Actes des premières rencontres internationales du patrimoine culturel immatériel, Patrimoine culturel immatériel et transmission: la polyphonie corse traditionnelle peut-elle disparaître? Corse, Ajaccio. Disponível em: <<http://faitpat.hypotheses.org/articles/683-2>>. Consultado em 20/03/2017.

KOSSOY, Boris. Realidades e Ficções na Trama Fotográfica. Cotia – SP: Ateliê Editorial, 1999.

_____. Fotografia & História. 2. ed. ver. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. Fotografia. In: Zanini, Walter (Org.) História da Arte no Brasil, 1983, volume 2.

KURIN, Richard (2004), “La salvaguardia del patrimonio cultural inmaterial en la Convención de la UNESCO de 2003: una valoración crítica”. In; Museu International, Intangible Heritage. Vol. 56, n.º 221 e 222.

LACOT, Émilie et. Al., Le TOP 12: comment interpréter les réponses comme des mesures de la capacité de la mémoire collective? Revue de neuropsychologie, 2011/4. Volume 3, p. 284-289.

LAYTANO, Dante de. História da República Rio-Grandense (1835-1845). 2. Ed. Porto Alegre: Sulina, 1983.

LE GOFF, Jacques. Memória. Enciclopedia Einaudi. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985, vol. I (Memória – história).

LENCLUD, Gérard. La tradition n’est plus ce qu’elle était ..., Terrain [En ligne], 9|octobre 1987, mis en ligne le 21 mars 2005.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). Jogos de escalas: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____. A tarefa do historiador. In: GOMES, Ângela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (org.) Memórias e narrativas autobiográficas. FGV/Editora da UFRGS, 2009.

_____. O pequeno x. Da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
 MALERBA, Jurandir. Thomas Carlyle. In: MALERBA, Jurandir (Org.). Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX. Porto Alegre: FGV/EdiPUCRS, 2010.

MARQUES, Francisca Ester de Sá. Mídia e experiência estética na cultura popular: o caso do bumba-meu-boi. São Luís. Imprensa Universitária, 1999.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo, nº 10, 1993.

_____. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. In: Les Lieux de Mémoires. Paris: Gallimard, 1997.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. O carnaval brasileiro, o vivido e o mito. São Paulo, Brasiliense, 1992.

PESAVENTO, Sandra. Farrapos, Liberalismo e ideologia. In: A Revolução Farroupilha: história e interpretação. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

PRATS, Llorenç. Concepto y gestión del patrimonio local. Cuadernos de Antropología Social No 21, pp. 17-35, 2005.

_____. El concepto de patrimonio cultural. Política y Sociedad 27(1998), Madrid p.p. 63-76. Disponível em
<http://www.antropologiasocial.org/contenidos/publicaciones/otautores/prats%20el%20concepto%20de%20patrimonio%20cultural.pdf>

POULOT, Dominique. Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII – XXI: do monumento aos valores. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. 239 p

PORTELLI, Alessandro. O Que Faz A História Oral Diferente. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História, n.º 14, São Paulo, 1997.

_____. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética na História Oral. IN: PERELMITEL, Daisy. Ética e História Oral. Projeto História. PUC-SP: São Paulo, 1997.

_____. Forma e significado na História Oral: A pesquisa como um experimento em igualdade. Revista Projeto História, São Paulo, (14), fev., 1997.

_____. O massacre de Civittella Val diChiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). Usos & abusos da história oral. Cap. 8. Fundação Getúlio Vargas. Brasil. 1998. pp. 103-130.

RAMOS, Manoel João (Coord.) (2003), “A matéria do patrimônio”. Memórias e Identidades/Seminário (Antropologia avulsa; 2). Lisboa.

RIEGL, Alois. El culto moderno a los monumentos. 3a. Ed. Trad. Ana Pérez López. Madrid: La balsa de la Medusa, 2008. 99p

SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. História, São Paulo, v.33, n.1, p. 124-144, jan./jun. 2014.

SILVA, Fernando F. Mário e o patrimônio: um anteprojeto ainda atual. Revista do Patrimônio, Brasília, n. 30, 2002.

THOMPSON, Paul. A voz do passado. São Paulo, Paz e terra, 1992.

TORNATORE, Jean-Louis. Patrimônio, memória, tradição, etc: discussão de algumas situações francesas de relação com o passado. Revista Memória em Rede. v.1, n.1, dez. 2009/mar. 2010. Disponível em:
<http://www.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta-02-01/index.php/memoriaemrede/issue/view/10>

VARELA, Alfredo. Historia da grande revolução: o cyclo farroupilha no Brasil. Porto Alegre: Globo, 1933.6v

VERGARA, Miguel Arturo Chamorro. Cotidiano e Memória na Cidade Histórica de Piratini – RS. Porto Alegre: UFRGS, 1997 (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social)

FONTES

Entrevistas:

Valdo de Souza Garcia. Piratini – RS. 29 de junho de 2014. Entrevista concedida a Gisele Dutra Quevedo.

João Manuel Silveira Manetti. Piratini – RS. 17 de janeiro de 2016. Entrevista concedida a Gisele Dutra Quevedo.

Carla Rosane Silva. Piratini – RS. 17 de janeiro de 2016. Entrevista concedida a Gisele Dutra Quevedo.

Darlan Madruga. Piratini – RS. 21 de janeiro de 2016. Entrevista concedida a Gisele Dutra Quevedo.

Gretta Marianny Garcia Chamby. Piratini – RS. 21 de janeiro de 2016. Entrevista concedida a Gisele Dutra Quevedo.

Alex Cardoso. Piratini – RS. 23 de janeiro de 2016. Entrevista concedida a Gisele Dutra Quevedo.

Gumercindo Cardoso. Piratini – RS. 23 de janeiro de 2016. Entrevista concedida a Gisele Dutra Quevedo.

Ilson Soares. Piratini – RS. 23 de janeiro de 2016. Entrevista concedida a Gisele Dutra Quevedo.

Heloína da Conceição Pedra de Ávila. Piratini – RS. 23 de janeiro de 2016. Entrevista concedida a Gisele Dutra Quevedo.

Maria Ofélia Lopez de Ávila. Piratini – RS. 23 de janeiro de 2016. Entrevista concedida a Gisele Dutra Quevedo.

Barbara Oliveira Bierhals. Piratini – RS. 29 de janeiro de 2016. Entrevista concedida a Gisele Dutra Quevedo.

Itajeane Oliveira. Piratini – RS. 29 de janeiro de 2016. Entrevista concedida a Gisele Dutra Quevedo.

Maria Eduarda da Silva Andrade. Piratini – RS. 29 de janeiro de 2016. Entrevista concedida a Gisele Dutra Quevedo.

Marlene da Silva. Piratini – RS. 29 de janeiro de 2016. Entrevista concedida a Gisele Dutra Quevedo.

Silvia Valéria Furtado Garcia. Piratini – RS. 23 de fevereiro de 2016. Entrevista concedida a Gisele Dutra Quevedo.

Franciele dos Santos Domingues. Piratini – RS. 23 de fevereiro de 2016. Entrevista concedida a Gisele Dutra Quevedo.

Mirian Valadão Gomes. Piratini – RS. 23 de fevereiro de 2016. Entrevista concedida a Gisele Dutra Quevedo.

Paulo Crespo Cardoso. Piratini – RS. 24 de junho de 2016. Entrevista concedida a Gisele Dutra Quevedo.

Angélica Barroso Panatieri. Piratini – RS. 18 de julho de 2016. Entrevista concedida a Gisele Dutra Quevedo.

Paulo Eduardo Dias Taddei. Piratini – RS. 06 de setembro de 2016. Entrevista concedida a Gisele Dutra Quevedo.

João de Deus Bueno Valente. Piratini – RS. 07 de setembro de 2016. Entrevista concedida a Gisele Dutra Quevedo.

Otália Carvalho Bueno. Piratini – RS. 07 de setembro de 2016. Entrevista concedida a Gisele Dutra Quevedo.

Nilton Dieguez Cardoso. Piratini – RS. 09 de setembro de 2016. Entrevista concedida a Gisele Dutra Quevedo.

João Carlos Almeida da Rocha. Piratini – RS. 12 de abril de 2017. Entrevista concedida a Gisele Dutra Quevedo.

APÊNDICES

APÊNDICE A –

Data da Entrevista: 29 de junho de 2014

Nome do entrevistado: Valdo de Souza Garcia (V.S.G)

Nome de entrevistador: Gisele Dutra Quevedo (G.D.Q.)

Projeto: Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

G.D.Q.: Qual é o seu nome?

V.S.G.: Valdo de Souza Garcia

G.D.Q.: Sua idade?

V.S.G.: 83 anos

G.D.Q.: Data de Nascimento?

V.S.G.: 03/10/1931

G.D.Q.: Local de Nascimento?

V.S.G.: Piratini

G.D.Q.: Estado civil - Nome da esposa?

V.S.G.: Casado, com Narenda de Souza Garcia

G.D.Q.: Filhos?

V.S.G.: 3 Filhos

G.D.Q.: Onde viveu sua infância e juventude?

V.S.G.: No interior da cidade de Piratini

G.D.Q.: Onde trabalha?

V.S.G.: Trabalho em casa agora e antes trabalhava no serviço de ótica.

G.D.Q.: Em que ano o senhor começou a participar da Bicharada do Ari? E durante quanto tempo o senhor participou?

V.S.G.: Da Bicharada do Ari em 1946; participei até 1970 por aí.

G.D.Q.: O senhor sabe como ela iniciou: o ano em que foi criada, qual era o objetivo do Senhor Ari Fabião Valente quando iniciou esta festa popular?

V.S.G.: Ele iniciou a Bicharada em 1946... Existia um boi só e um urso, e o resto era[m] os mascarados... era tudo mascarado e era[m] feito[s] uns bonecos... a minha tia fazia

uns bonecos, confeccionava uns bonecos... bonecão... e andavam na rua... E o mais eram os mascarados e um boi, e essa cabeça de boi era emprestada pela dona Fifi...

Terminava a Bicharada, o Ari tirava a cabeça do boi e entregava para a dona Fifi. E quem conduzia, quem guiava o boi era o Dinarte, irmão do Daqui, e quem manobrava com o boi... então tinha uma “guiada” e o boi tinha um descanso e quando o boi ia levantar ele tinha uma música: **“Levanta-te boi deste frio chão, a viagem é longa vamos para o Sertão”...**

Tinha a “muíña”, tinha o urso, a finalidade do urso era para tirar dinheiro... era um mascarado vestido com a máscara e todo forrado de barba de pau... era o tema do urso... então o urso vivia numa corda e quem mandava no urso, que era preso numa corda, era um velho sapateiro que tinha aqui, o Seu Pedro Stett..., e arrecadava muito dinheiro, era um cofre daqueles antigos que tinha que colocar a moeda na língua do urso e arrecadava muito dinheiro.

G.D.Q.: Na visão do senhor, qual a importância da Bicharada do Ari para o carnaval piratiniense?

V.S.G.: É porque animava, era um divertimento... Já quando iniciava a Bicharada, o pessoal já começava a se entusiasmar para os bailes de Carnaval... Quando iniciava[m] os bailes de Carnaval, também não tinha sopro... Os bailes de Carnaval aqui custaram muito a ter sopro... Lá um dia é que apareceu um músico que tocava trombone o seu Osório tocava trombone e começou a tocar no Clube com sopro... Antes, era gaita e tudo cantado...

G.D.Q.: E a Bicharada participava dos bailes? Eu vi uma foto que a Bicharada estava em frente ao Clube.

V.S.G.: Tinha sim, participava sim, é... Inclusive, depois que nós começamos a tocar... Eu inventei que eu podia tocar, que eu tinha condição de tocar... Eu gostava muito de trombone... Eu ouvia o trombone e eu inventei que eu tinha que tocar... Eu fui em (sic) Venâncio e comprei um trombone à [prestações] pra tocar na Bicharada... Tinha o João Carlos que já tocava pistão... E depois trouxemos o Julio Nogueira pra cá... E então nós formamos a bandinha para tocar na Bicharada... Aí, sim, ficou bonito, aí eu tenho a fotografia.

G.D.Q.: Quais os momentos que o senhor considera mais marcantes na Bicharada do Ari? E quais os “bichos” que o senhor considera foram os preferidos da comunidade piratiniense?

V.S.G.: O mais importante era o boi que chamava a atenção de todo mundo, porque o boi atropelava e as crianças disparavam e os adultos também tinham medo, também disparavam. A intenção era brincar, e era uma brincadeira sadia. A criançada fazia fila para transportar o boi e os adultos também... Coisa que hoje já não tem mais...

G.D.Q.: Quem organizava e quais eram os participantes da Bicharada do Ari?

V.S.G.: Era o próprio Ari mesmo... O Ari Valente... E tinha um “crioulo”, o Emilio, um mulato que era quem armava a Bicharada... Então o Ari saía a pedir tecido nas lojas

para fazer os bichos, levava para a tia Biqueta confeccionar as bonecas, e quase todos os anos tinha que reformar...

Mas, depois, no decorrer dos anos, começou vir a girafa... Era uma girafa grande do tamanho de uma girafa mesmo... Tinha um carneiro, tinha um galo e diversas bonecas... E então o Ari caminhava e olhava para trás e olhava para as bonecas... E tinha uma que era vesga... E então ele olhava para trás e dizia “mas essa Quequeta é de morte”... Ele era muito engraçado e ele conduzia tudo por apito... Ele apitava para parar e o boi descansar.

G.D.Q.: Qual era o percurso da Bicharada do Ari?

V.S.G.: Saía dali onde é o cinema hoje e ia até a ponta da avenida... Nós [saíamos] de tardezinha... Na parte da tarde, mas quando terminava já era noite... Porque o pessoal gostava muito, e aproveitava tudo que dava... Era muito maior! Isso agora sai daqui e vai ali...

Nós [tocávamos] as marchas [tradicionais]. Quando nós formamos, a banda [eram só marchas tradicionais], que hoje já não se entende mais nada... não se sabe se é marcha, se é samba, se é o quê...

Nós [tocávamos] as marcha[s] [tradicionais]. Até hoje, nós [íamos] até na escola (sic)... A professora, filha do Nei Lopez, trabalha aqui na José Pedro Garcia... Ela pediu até para nós [tocarmos] um pouco para mostrar para os alunos o que era o Carnaval de antigamente... Houve um transtorno e não conseguimos ir, nós íamos tocar as marchinhas de antigamente, marchinha de Carnaval, porque o que era marcha era marcha antigamente. Hoje eles tocam marcha e não sabem se é marcha, se é samba, misturam marcha com samba, o ritmo é completamente diferente, nós [tocávamos] as marcha[s] de Carnaval e o samba era samba... O samba era completamente diferente, era [um] samba lento.

Quando chegava de madrugada, para descansar a gente tocava aqueles sambas bem calmo[s]. Todos participavam, o Carnaval aqui era uma beleza, era famoso, nós tínhamos a família Corral que animava todas as noites... Gostavam de Carnaval que era caso sério.

G.D.Q.: Algumas pessoas contam que os comerciantes (donos de bares) distribuíam cachaça para alegrar os participantes, o senhor se recorda disso?

V.S.G.: Ah! Sim! Distribuíam cachaça... Até teve uma vez, eu tava me lembrando... Esses dias eu tava conversando com o Lopez, esse militar que teve aqui aposentado... Ele tocava [conosco] também, nos acompanhava também... Eu até me lembro (sic) que ali na igreja me perguntaram se eu queria caipira e eu disse que queria, pois não é que a caipira... Sabe onde tava?... Num pinico! Mas era tudo uma coisa sadia (Risos)... Não tinha maldade nenhuma.

G.D.Q.: O senhor Adel me falou que um dos bares era onde hoje é a Câmara de Vereadores, em frente à casa onde o senhor Ari morava, o senhor lembra?

V.S.G.: Tinha um bar... Deixa eu ver de quem era o bar... Era do Zeca Meireles... Exato! Em frente à casa do Ari, na esquina ali...

G.D.Q.: E o seu Taylor também, eu tenho uma foto antiga, eles participavam também?

V.S.G.: Seu Taylor também distribuía cachaça, mas eles não participavam, só distribuía cachaça para cooperar.

G.D.Q.: O senhor participava da banda, qual instrumento musical o senhor tocava?

V.S.G.: Eu tocava trombone, o João Carlos tocava pistão, e o Júlio Nogueira saxofone... Como está na foto ali...

G.D.Q.: O ano que vocês começaram a tocar, antes era só gaita né?

V.S.G.: Era só gaita... Quando começamos a tocar com sopro, era 1952 por aí...

G.D.Q.: Do que o senhor tem mais saudade?

V.S.G.: É da juventude, tudo era divertimento.

G.D.Q.: Teve um projeto no período entre 1999 a 2002, em que a diretora do Museu Histórico Farroupilha era a Professora Angélica Barroso Panatieri, que tinha por objetivo revitalizar e valorizar a Bicharada do Ari. O senhor participou desse projeto? Conte como foi este período?

V.S.G.: Eu participei do projeto... Aí já era remunerado... Aí eu formei toda a banda, nós saíamos todos os dias... O governo do estado liberou uma verba... Foram dois anos...

G.D.Q.: O senhor ainda participa da Bicharada do Ari?

V.S.G.: Não

G.D.Q.: Por qual motivo?

V.S.G.: É... Eu não participo porque a idade foi chegando... Apareceu (sic) músicos novos... Esses guri[s] aí apareceram e deixei para os jovens tocar... Para aprenderem a tocar...

Até agora, de vez em quando, eles me convidam... Até esse ano eu ia participar, não sei porque motivo... Quer dizer, não participei porque eu gosto de coisa bem organizada... Onde tem esses desafinado[s], uns tocam dum lado, outros tocam de outro... Uns músico[s] tocam por número e eu não toco por número... Eu toco por ouvido... Deus me deu foi ouvido para tocar, não foi para tocar por número, tocar por número desafina... Então o instrumento para tocar eu toco de ouvido e eles tocam por número e então não casa, as notas não casam e eu não gosto.

Até quem toca... Quando eu saio para tocar, eu toco só eu e o Nei Lopez... Que ele toca o saxofone dele e eu toco o meu trombone... Então as notas casam, e nós só tocamos juntos... Sozinho nenhum de nós toca (sic)...

G.D.Q.: Quais as principais mudanças que o senhor percebe na Bicharada que o senhor participava da que ocorre nos dias atuais?

V.S.G.: As principais mudanças é que antigamente era tudo de pano, e hoje tá cheio de isopor... Agora sobra[m] bichos... Não querem carregar, querem é namorar...

G.D.Q.: Essas são as imagens da época que o senhor tocava?

V.S.G.: Ah sim, aqui tem os mais antigos que tocavam... Aqui, quando nós iniciamos com a Banda a tocar, eu era mais novo... Eu era novo aí ó! Aqui tá eu tocando trombone, tá o saudoso João Carlos e o Júlio Nogueira, também que já faleceram... Daquela época, que tocava só existe eu, o Valdo e o Nei Lopez, já. Aqui mostra só a banda porque a banda ia atrás da Bicharada.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO / DURAÇÃO DO ARQUIVO DE ÁUDIO 00:25:15]

APÊNDICE B –

Data da Entrevista: 17 de janeiro de 2016

Nome do entrevistado: João Manuel Silveira Manetti (J.M.S.M.)

Nome de entrevistador: Gisele Dutra Quevedo (G.D.Q.)

Projeto: Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

G.D.Q.: Nome completo, idade?

J.M.S.M.: João Manuel Silveira Manetti, 57 anos.

G.D.Q.: Há quantos anos participa da Bicharada?

J.M.S.M.: Olha, eu participei desde o tempo do seu Ari Valente, em, mais ou menos, 1970, por aí... Na época, participava o Cacalo, o seu Valdo Garcia, o Rudnei, e o “Alemão da coisa torta”... Aí depois o Niltinho pegou a Bicharada e não foi muito avante... E agora a Prefeitura pegou para organizar... E eu estou colaborando desde o ano passado...

G.D.Q.: O que mudou da Bicharada de antes para a atual?

J.M.S.M.: Eu acho que o que mudou é que antigamente saía o pessoal mais adulto e hoje sai mais o público infantil... Publicamos para ver se vem gente e, olha aí, não têm crianças suficientes para sair nos bichos... Sobra bicho e não tem ninguém pra sair...

Antigamente, nós íamos lá pra Bicharada, que era ali na casa do seu Ari, e, se a Bicharada fosse sair as dez da noite, às sete horas nós já [estávamos] pronto[s] para sair... Esperava três horas para sair na Bicharada... Agora hoje não... A gente marca para sair às nove horas, e pode ver aí são nove horas e ainda não tem gente suficiente para sair.

G.D.Q.: Pra ti a Bicharada continua sendo importante, por quê?

J.M.S.M.: Ela é importante porque é uma tradição da cidade... Sempre teve a Bicharada, há mais de 60 anos atrás (sic). Eu acho que não pode deixar morrer, tem que ter mais incentivo da comunidade, mais ajuda... O problema é que é só a Prefeitura que ajuda, nem um comércio ajuda em nada... Se tu pede[s] ajuda no comércio, dizem que isso é marketing político, mas não é não, é uma tradição da cidade... Eu não penso assim, eu penso que é uma tradição...

Então, eu acho que teria que manter mais a cultura porque isso é muito bom, um incentivo para a cidade... O dia [em] que morrer a Bicharada, não vai ter mais nem um Bloco na rua... A não ser o Bloco da Gambada... E a Bicharada tem uma característica que é única: ela sai desde o dia 15/01 agora e vai até o dia 05/02... Antes de iniciar o carnaval é o último dia dela...

[FIM DA TRANSCRIÇÃO / DURAÇÃO DO ARQUIVO DE ÁUDIO 00:02:24]

APÊNDICE C –

Data da Entrevista: 17 de janeiro de 2016

Nome do entrevistado: Carla Rosane Silva (C.R.S)

Nome de entrevistador: Gisele Dutra Quevedo (G.D.Q.)

Projeto: Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

G.D.Q.: Nome completo, idade?

C.R.S.: Meu nome é Carla Rosane, eu tenho 43 anos de idade.

G.D.Q.: Desde quando participa da Bicharada?

C.R.S.: Desde os 12 anos de idade, que foi quando eu vim de Rio Grande para morar em Piratini.

G.D.Q.: O que percebe que mudou da Bicharada de quando começou a participar para a atual?

C.R.S.: Olha, a mudança em si não ocorreu tanto... O empolgamento (sic) das crianças, o envolvimento também continua o mesmo... Claro, os animais mudaram... Naquela época, nós tínhamos um macaco gigante que recolhia doativos do pessoal que assistia, mas essa animação permanece.

G.D.Q.: O que tu consideras importante nessa festa?

C.R.S.: É só observar... Olha as crianças... Ainda com ingenuidade de criança, entende? Elas aproveitam, elas se divertem, o público se diverte, sem agressão, sem apelo físico... É lindo de ver! Muito bom!

[FIM DA TRANSCRIÇÃO / DURAÇÃO DO ARQUIVO DE ÁUDIO 00:01:20]

APÊNDICE D –

Data da Entrevista: 21 de janeiro de 2016

Nome do entrevistado: Darlan Madruga (D.M.)

Nome de entrevistador: Gisele Dutra Quevedo (G.D.Q.)

Projeto: Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

G.D.Q.: Nome completo, idade?

D.M.: Darlan Madruga, 50 anos.

G.D.Q.: Há quantos anos participa da Bicharada?

D.M.: Eu nasci em Piratini e morei até os 12 anos, participando sempre... Me criei (sic) junto com o seu Ari, era meu vizinho de quadra... Os netos dele eram como meus irmãos... Enfim, são muitos anos... São, no mínimo, entre 25 e 30 anos, com certeza, com alguns “pipocados” fora, mas o retorno à capital é fantástico... Tem que ficar e criar raízes... Meus filhos embaixo dos bichos.

G.D.Q.: O que mudou na festa?

D.M.: Mudou tudo, porque antigamente era outro tipo de cultura, de respeito do fio do bigode.⁸⁰ Existia a brincadeira saudável, hoje é crime, é bullying... Qualquer brincadeira vira bullying... Então, mudou tudo, é totalmente diferente, nesse sentido... Mas a raiz do que foi criado, do bicho de pau embrutecido, criado da cabeça original, enfim, essa tradição está muito arraigada, muito firme e muito sólida... E [existiram] ao longo desse tempo aí alguns personagens peculiares da Bicharada... Nesses últimos anos, foi o Madruga... E por eu também ser Madruga, hoje estou fazendo uma homenagem a ele... Fui lá na casa (sic) dele e pedi para a esposa o cachorro que ele usava na cabeça... Então, algumas coisas se mantêm e a gente vai procurar sempre acrescentar... A Boneca Quequeta, enfim...

G.D.Q.: Pra ti isso então é importante, é preciso manter essa tradição?

D.M.: Muito importante...

Eu acho que a cultura é feita da nossa história, é aquilo que tu lê, é aquilo que a gente aprende e aquilo que já passou, e que nossos antepassados nos ensinam...

Nós estamos aqui para ensinar nossas crianças... E isso é que é importante: ensinar as novas gerações, trazer nossos filhos e colocar embaixo dos bichos... Que eles saibam o que isso significa...

[FIM DA TRANSCRIÇÃO / DURAÇÃO DO ARQUIVO DE ÁUDIO 00:03:05]

⁸⁰ “Respeito do fio do bigode” tem sentido de honestidade, integridade, caráter, lealdade, respeito e, dessa forma, os tratos eram selados.

APÊNDICE E –

Data da Entrevista: 21 de janeiro de 2016

Nome do entrevistado: Gretta Marianny Garcia Chamby (G.M.G.C.)

Nome de entrevistador: Gisele Dutra Quevedo (G.D.Q.)

Projeto: Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

G.D.Q.: Nome completo, idade, nacionalidade?

G.M.G.C.: Gretta Marianny Garcia Chamby, 65 anos, aposentada da nacionalidade do Uruguai...

Vim dar uma força para a Bicharada, o Carnaval das crianças, pois nunca ninguém tem que esquecer das crianças (sic)... E também uma homenagem ao senhor Madruga, um grande animador das crianças e da festa do carnaval e toda coisa bonita que se vê por essas bandas...

Piratini é o melhor lugar do mundo para morar, para viver e para morrer... Por isso eu daria a vida por Piratini e pelo Brasil inteiro...

G.D.Q.: Há quantos anos participa desta festa e qual a importância dela?

G.M.G.C.: Cinco anos. A alegria, dar o coração e sentir a folia e aquela mistura de preto com branco, para que não exista nunca mais aquela coisa de diferença social ou racial... Isso é um culto muito importante para o mundo inteiro... Tem que dar o exemplo cultural.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO / DURAÇÃO DO ARQUIVO DE ÁUDIO 00:01:30]

APÊNDICE F –

Data da Entrevista: 23 de janeiro de 2016

Nome do entrevistado: Alex Cardoso (A.C.)

Nome de entrevistador: Gisele Dutra Quevedo (G.D.Q.)

Projeto: Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

G.D.Q.: Nome completo, idade?

A.C.: Alex Cardoso, 32 anos, morador de Piratini.

G.D.Q.: O que mudou na festa, em relação aos anos anteriores?

A.C.: Em comparação dos anos anteriores, o público tem permanecido fiel, embora tenha diminuído um pouco da alegoria de animais... Não sei se é impressão minha, mas antes tinha mais de 10 (dez), e hoje tem menos... Mas acho que isso acontece ano a ano, uma flutuação... Depende também da questão econômica, da cultura, mas acho que tá bom porque é uma manifestação cultural que se mantém viva há mais de 50 anos na cidade e de certa maneira manifesta também uma identidade própria da comunidade de Piratini... Têm os populares, o pessoal do centro, de classe média interagindo numa festa popular, isso é muito importante.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO / DURAÇÃO DO ARQUIVO DE ÁUDIO 00:01:01]

APÊNDICE G –

Data da Entrevista: 23 de janeiro de 2016

Nome do entrevistado: Gumercindo Cardoso (G.C.)

Nome de entrevistador: Gisele Dutra Quevedo (G.D.Q.)

Projeto: Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

G.D.Q.: Nome completo, idade?

G.C.: Gumercindo Cardoso, 57 anos.

G.D.Q.: Quanto tempo faz que participa da festa da Bicharada?

G.C.: 50 anos, mais ou menos.

G.D.Q.: O que tu percebes que mudou de antes para os dias atuais?

G.C.: A Bicharada foi se reorganizando e hoje ela está bem mais organizada... Ela melhorou muito... Hoje ela é um movimento popular mais responsável, as crianças podem participar e antes tinha muita bebida, violência (os bois atropelavam) e agora não, podemos trazer as crianças que é tranquilo. É um movimento das crianças.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO / DURAÇÃO DO ARQUIVO DE ÁUDIO 00:00:45]

APÊNDICE H –

Data da Entrevista: 23 de janeiro de 2016

Nome do entrevistado: Ilson Soares (I.S.)

Nome de entrevistador: Gisele Dutra Quevedo (G.D.Q.)

Projeto: Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

G.D.Q.: Nome completo, idade?

I.S.: Ilson Soares, 30 anos.

G.D.Q.: Há quanto tempo participa da Bicharada?

I.S.: Eu participo da Bicharada desde quando eu tinha cerca de 5 anos de idade, eu acho... Na época, já era o Niltinho, que era quem comandava a Bicharada.

Eu fui criado com a minha avó, que morava no Bairro do Cancelão... Então, nas férias, eu vinha passar as férias com minha mãe e minha avó paterna e eu vinha para a Bicharada, e aquilo sempre me encantou... Essa questão dos Bichinhos com as crianças embaixo e as pessoas na rua, os mascarados... Obviamente, quando eu era criança, eu tinha muito medo, né?! E durante cerca de 25 anos isso faz parte da minha vida todos os anos...

G.D.Q.: O que tu percebes que se mantém dessa época para os dias atuais?

I.S.: Eu acho que as novas gerações vão rompendo com tudo que é tradicional, né?! Vai trazendo [...] certa influência de fora... Culturas... Se fora da nossa, principalmente, por exemplo... Só rapidinho assim... O tradicionalismo acaba desenvolvendo [...] certa influência do Brasil Central, do sertanejo, aquela coisa toda... Então, imagina a Bicharada, que é uma coisa nossa, de Piratini, tem influência de tantas outras coisas... Então, as crianças foram crescendo e foram esquecendo do que que (sic) é a Bicharada...

E acredito que o poder público poderia investir mais na qualificação do artesão pra fazer os Bichinhos, no caso... Resgatar a qualidade que se tinha antigamente...

Eu acho que isso é o mais importante e o pessoal da cidade ir para a rua, como iam antigamente, ter mais motivação... As pessoas irem mais para a rua para verem a Bicharada, para acompanharem a Bicharada... Porque é uma coisa da nossa cidade, que só tem aqui... Pois vem caindo o público, os mascarados mesmo, que era uma coisa que era muito interessante na Bicharada, e hoje você vê só dois, três, quatro... Você convida alguém para se mascarar, a pessoa diz “não, não vou mais”... Não tem mais graça... As pessoas se desmotivaram por algum motivo que a gente não consegue identificar... Mas o pessoal que trabalha nessa área de pesquisa, exatamente como você faz, eu acho que é interessante identificar o que aconteceu.

Porque de repente eu vinha, você vinha, mas nossos filhos não querem mais vir porque não acham mais graça, mas querem ficar vendo a “Peppa Pig”, que é uma coisa provavelmente americana... Não sei, não tenho certeza, pois não gosto da Peppa... Mas é um exemplo dessa influência que sofremos em cima da nossa cultura local e acho que isso que é complicado...

[FIM DA TRANSCRIÇÃO / DURAÇÃO DO ARQUIVO DE ÁUDIO 00:02:31]

APÊNDICE I –

Data da Entrevista: 23 de janeiro de 2016

Nome do entrevistado: Heloína Avila (H.A.)

Nome de entrevistador: Gisele Dutra Quevedo (G.D.Q.)

Projeto: Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

G.D.Q.: Nome completo, idade?

H.A.: Heloína Avila, 88 anos.

G.D.Q.: A senhora já participou mais vezes da Bicharada?

H.A.: Já, umas quantas vezes.

G.D.Q.: O que a senhora percebe que mudou de antes para a festa atual?

H.A.: Olha tá um pouco diferente, há uns anos atrás havia mais entusiasmo, mais gente, né? Mas sempre é bom, principalmente para as crianças, eles se divertem nessa época.

G.D.Q.: A senhora acha que a Bicharada é importante, e precisa ser preservada? Por quê?

H.A.: Sim, precisa ser preservada porque é uma herança que devemos deixar para as nossas crianças.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO / DURAÇÃO DO ARQUIVO DE ÁUDIO 00:00:46]

APÊNDICE J –

Data da Entrevista: 23 de janeiro de 2016

Nome do entrevistado: Maria Ofélia Lopez de Ávila (M.O.L.A.)

Nome de entrevistador: Gisele Dutra Quevedo (G.D.Q.)

Projeto: Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

G.D.Q.: Nome completo, idade?

M.O.L.A.: Maria Ofélia Lopez de Ávila, 75 anos.

G.D.Q.: A senhora já participa há mais tempo da Bicharada?

M.O.L.A.: Sim, há bastante tempo.

G.D.Q.: O que a senhora percebe que mudou de antes para hoje?

M.O.L.A.: O que eu acho, o que vejo, é que diminui um pouco, já foi bem maior.

G.D.Q.: A senhora acha que tem alguma razão para isso?

M.O.L.A.: As pessoas que eram de tradição, que faziam a Bicharada, a maioria já não existe mais... Quem criou e quem conservou... Muitos já não existem mais.

G.D.Q.: A senhora acha que é importante que a Bicharada seja preservada?

M.O.L.A.: Sim, cada vez mais.

G.D.Q.: Por que a senhora acha importante preservá-la?

M.O.L.A.: Porque isso aí é uma tradição de muito tempo e não pode morrer, tem que conservar.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO / DURAÇÃO DO ARQUIVO DE ÁUDIO 00:01:05]

APÊNDICE K –

Data da Entrevista: 29 de janeiro de 2016

Nome do entrevistado: Barbara Oliveira Bierhals (B.O.B.)

Nome de entrevistador: Gisele Dutra Quevedo (G.D.Q.)

Projeto: Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

Bairro Cancelão

G.D.Q.: Nome completo, idade?

B.O.B.: Barbara Oliveira Bierhals, 12 anos.

G.D.Q.: É a primeira vez que participa da Bicharada ou já participa há mais tempo?

B.O.B.: Eu participo todos os anos, desde pequena.

G.D.Q.: Tu achas que mudou alguma coisa ou a festa continua a mesma?

B.O.B.: Eu acho que melhorou.

G.D.Q.: Então tu achas que a Bicharada é importante, e precisa ser preservada?

B.O.B.: Sim.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO / DURAÇÃO DO ARQUIVO DE ÁUDIO 00:00:22]

APÊNDICE L –

Data da Entrevista: 29 de janeiro de 2016

Nome do entrevistado: Itajeane Oliveira (I.O.)

Nome de entrevistador: Gisele Dutra Quevedo (G.D.Q.)

Projeto: Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

Bairro Cancelão

G.D.Q.: Nome completo, idade?

I.O.: Itajeane Oliveira, 24 anos.

G.D.Q.: Tu já participaste outras vezes da Bicharada?

I.O.: Já, várias vezes.

G.D.Q.: Tu achas que mudou alguma coisa ou a festa continua a mesma?

I.O.: Eu acho que diminuiu um pouco o número de participantes... E, antes, o percurso era maior... Saía lá da Associação, e agora não... Por isso, acho que as pessoas daquele lado do bairro não participam, não têm como vir.

G.D.Q.: Então tu achas que a Bicharada é importante, e precisa ser preservada?

I.O.: Muito, acho muito importante, até porque as crianças adoram.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO / DURAÇÃO DO ARQUIVO DE ÁUDIO 00:01:03]

APÊNDICE M –

Data da Entrevista: 29 de janeiro de 2016

Nome do entrevistado: Maria Eduarda da Silva Andrade (M.E.S.A.)

Nome de entrevistador: Gisele Dutra Quevedo (G.D.Q.)

Projeto: Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

Bairro Cancelão

G.D.Q.: Nome completo, idade?

M.E.S.A.: Maria Eduarda da Silva Andrade, 12 anos.

G.D.Q.: É a primeira vez que participa da Bicharada ou já participa há mais tempo?

M.E.S.A.: Já, umas quantas vezes.

G.D.Q.: Tu achas que mudou alguma coisa ou a festa continua a mesma?

M.E.S.A.: Eu acho melhor a cada ano.

G.D.Q.: Então tu achas que a Bicharada é importante, e precisa ser preservada?

M.E.S.A.: Sim.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO / DURAÇÃO DO ARQUIVO DE ÁUDIO 00:00:21]

APÊNDICE N –

Data da Entrevista: 29 de janeiro de 2016

Nome do entrevistado: Marlene da Silva (M.S.)

Nome de entrevistador: Gisele Dutra Quevedo (G.D.Q.)

Projeto: Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

Bairro Cancelão

G.D.Q.: Nome completo, idade?

M.S.: Marlene da Silva, 42 anos.

G.D.Q.: É a primeira vez que participa da Bicharada ou já participa há mais tempo?

M.S.: Não, eu participo há mais anos... Desde antes de ter a minha filha, a Maria Eduarda, eu já participava.

G.D.Q.: A senhora percebe alguma mudança da Bicharada daquela época para a de hoje?

M.S.: Sim, porque tinha mais gente de primeiro... Agora tá diminuindo o pessoal... Sempre tinha bem mais gente e agora a cada ano tem vindo menos gente.

G.D.Q.: A senhora acha que a Bicharada é importante, e precisa ser preservada?

M.S.: A Bicharada não pode terminar, tem que continuar cada vez com mais força... Ainda porque é uma coisa que sempre alegra a gente...

G.D.Q.: A senhora acha importante a participação das crianças na Bicharada ou dos adultos como era antigamente?

M.S.: Eu gosto dos dois, é mais divertido, né?!

[FIM DA TRANSCRIÇÃO / DURAÇÃO DO ARQUIVO DE ÁUDIO 00:01:27]

APÊNDICE O –

Data da Entrevista: 23 de fevereiro de 2016

Nome do entrevistado: Silvia Valéria Furtado Garcia (S.V.F.G)

Nome de entrevistador: Gisele Dutra Quevedo (G.D.Q.)

Projeto: Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

G.D.Q.: Qual é o seu nome?

S.V.F.G.: Silvia Valéria Furtado Garcia

G.D.Q.: Sua idade?

S.V.F.G.: 46 anos

G.D.Q.: Data de Nascimento?

S.V.F.G.: 09/12/1969

G.D.Q.: Local de Nascimento?

S.V.F.G.: Piratini

G.D.Q.: Onde viveu sua infância e juventude?

S.V.F.G.: No interior da cidade de Piratini

G.D.Q.: Onde trabalha?

S.V.F.G.: Trabalho atualmente na Secretaria de Cultura e Turismo

G.D.Q.: Há quanto tempo tu participas da Bicharada?

S.V.F.G.: Ativamente, faz 31 anos... Comecei com 15 e hoje estou com 46... Mas que eu conheço a Bicharada, desde quando eu era criança. Só que eu não participava por medo, eu tinha muito medo.

G.D.Q.: Medo do quê?

S.V.F.G.: Eu tinha medo dos bichos... Os bois eram muito naturais e corriam a gente... Então eu tinha medo, eu não dormia de medo dos bichos.

G.D.Q.: O nome inicial desta festa popular era “Bloco da Boa Vontade”, sabe me dizer quando mudou para “Bicharada do Ari” e porquê?

S.V.F.G.: É, eu penso que ele começou como Bloco da Boa Vontade... Durante o tempo do Seu Ari ativo... Eu imagino que depois, com a doença dele e pós morte, ele voltou como Bloco do Seu Ari para a população reconhecer que o Bloco foi criado pelo Seu Ari...

Então, até hoje, a gente chama de “A Bicharada do seu Ari”... Mesmo hoje a gente tendo um estandarte, que é uma homenagem ao Bloco da Boa Vontade. A comunidade reconhece como “A Bicharada do Seu Ari”.

G.D.Q.: Me fala sobre o senhor Ari Valente?

S.V.F.G.: Na verdade, eu não conheci o seu Ari... Na verdade, o meu pai conheceu... O meu avô... E assim eu imagino que essa iniciativa dele, como eu já falei anteriormente, foi uma maneira de inclusão social de toda a sociedade participar do evento na rua...

Eu ouvi falar muitas coisas boas sobre ele... O meu avô falava que ele era uma pessoa muito criativa e inteligente, era tipo um conselheiro... Ele começava a trabalhar com os grupos, ele levava os guris para a montagem dos bichos, adolescentes, trabalhava com eles... Era uma maneira deles participar[em], né?! Da Bicharada, eu sempre soube que ele era uma pessoa muito caridosa e inteligente... Na maneira dele, ele ajudava a todos...

Na verdade, o Bloco levou o nome de Boa Vontade, pois ele só existia da “boa vontade” das pessoas... Ele vivia de doações, né?! De doações de serviços, de doação financeira... Ele se mantinha disso, então por isso que surgiu o nome Boa Vontade.

G.D.Q.: E os demais organizadores, na tua opinião como cada um gerenciou e ou gerencia a festa?

S.V.F.G.: Não, eu não conhecia como era gerenciado, eu não participava antes... Quando a gente participou foi no período do Museu, da Angélica... E hoje continua a mesma coisa, gerenciado pelo poder público e, é claro, que hoje é bem mais fácil do que no período do seu Ari porque hoje nós temos o apoio da Administração Municipal... Nos dá muito apoio, nos faz as doações... A gente monta os bichos... Até para manter a História viva, né?! Então hoje a gente tem mais apoio... Hoje a História do Seu Ari e dos Bichos é reconhecida pelo município.

G.D.Q.: E os demais participantes que merecem destaque na tua opinião?

S.V.F.G.: É, eu acho até que é meio arriscado tu citar, né?! Eu acho que a principal pessoa que teve essa iniciativa maravilhosa foi o seu Ari... E depois eu chamo nós (sic), os cientes, como a Angélica... Enfim, o Museu Farroupilha, a Secretaria de Cultura, nós todos aqui, como seguidores da História da Bicharada do Seu Ari... Então, é o que a gente tenta fazer hoje: seguir os passos do Seu Ari.

E eu creio que todos os outros, todas as iniciativas foram corretas, né?! Todos fizeram tudo tentando fazer o máximo possível... Tem a Rute Madruga, que participava bastante, se fantasiava, ela usava fantasia e ajudava bastante... Agora, esse ano, ela não participou por problemas de saúde, mas o ano passado foi premiada aqui no palco... A Claudia também, né?! Que a gente fez homenagem com estandarte, ela foi uma pessoa que participou ativamente e ajudava bastante. Depois a gente tem os parceiros nossos aí, que são pessoas públicas que nos ajudaram bastante também.

G.D.Q.: Participavam todos os setores da sociedade, ou havia um grupo específico?

S.V.F.G.: Não, participam todos os setores... A gente sempre faz o convite e todos serão bem-vindos... A gente até recebe visitantes que não são daqui... Esse ano mesmo, a gente teve uma foliã, a dona Greta, que é do Uruguai e ela vem nos visitar sempre... A gente faz o convite para toda a comunidade, todos serão bem-vindos.

Porque a gente prioriza crianças hoje nos bichos... Porque a gente quer levar essa cultura, né?! A criança de hoje é o nosso adulto amanhã e a gente quer que ele leve a História do Seu Ari, da Bicharada, além...

G.D.Q.: Eu, como pesquisadora, consigo identificar alguns grupos, por exemplo, vocês (organizadores), as crianças, os fantasiados, o comércio, mas, enfim, acredito que possa ter passado algum grupo que eu não tenha percebido... Vocês teriam algum outro para acrescentar?

S.V.F.G.: A gente tem aqui a Associação do Jovem Tur... Que as gurias participam ativamente... O grupo de Artes de Encenação que participa.

G.D.Q.: A própria banda?

S.V.F.G.: A Banda do Mogar, que faz tempo que toca... Então, a banda tocou esse ano com a Velha Guarda, do seu Valdo Garcia... Esse ano eles se juntaram para tocar.

G.D.Q.: Eles têm algum custo ou eles vêm de forma gratuita?

S.V.F.G.: Não, eles têm custo, até porque são 11 dias né?

G.D.Q.: E os artesões, as pessoas que fazem os bichos, são vocês mesmos ou vocês contratam alguém?

S.V.F.G.: Na verdade, os bichos quem faz somos nós mesmo[s] que trabalhamos aqui, na Secretaria... Na verdade, foi eu que[m] fiz... A Franciele, a Miriam, a Eliane... Que são as gurias do Jovem Tur e do Museu Barbosa Lessa... O Sergio que consegue modelar a madeira para fazer os bichos e a gente faz os forros e todos os outros adereços.

G.D.Q.: No Bairro Cancelão, eu percebi que havia uma timidez inicial, que, no início da festa, as pessoas não interagiam muito... Mesmo as crianças começaram a brincar e carregar os bichos do meio para o final... Gostaria de saber se é assim todos os anos, ou se foi esse ano específico que isso aconteceu?

S.V.F.G.: Não é sempre da comunidade... Na verdade, eu fui, eu chego mais cedo... Quase sempre eu vou de carro e já vou convidando as pessoas, mas as crianças são mais tímidas e eu acho que os pais não incentivam muito as crianças ou não explicam do que se trata... As crianças que se conseguiu ter acesso mais cedo, a gente chamou e explicou e eles andaram.

G.D.Q.: Eu percebi que no final eles se soltaram e estavam bem contentes...

S.V.F.G.: É que nós vemos a Bicharada mais pelo lado histórico da coisa... Mas têm aquelas pessoas que [veem] mais pelo lado do Carnaval... Se tu observar os adultos, lá se divertem mais que as crianças, né?! Cada um vê com seus olhos, né?!

G.D.Q.: Na tua opinião, qual a importância da Bicharada do Ari para o carnaval piratiniense?

S.V.F.G.: Eu penso que, na minha opinião, que a Bicharada é um chamamento... Eu, a importância pra mim, é assim: o povo já vai entrando no clima com a Bicharada, as crianças já vão se largando... Porque, hoje em dia, mais as crianças que brincam... A gente tentou voltar a Bicharada mais para criança[s]... Porque hoje... No caso, na História mesmo, falam que as pessoas bebiam, que a gente conversou antes né?! Então, hoje as pessoas não bebem, nem a banda bebe, a Bicharada sai mais cedo porque ela é toda ela voltada mais para as crianças...

Eu acho que é uma [influência] para o carnaval... Já as pessoas estão entrando no clima do Carnaval, pós a Bicharada... Ela encerra já, tem o desfile da Escola de Samba... Hoje a gente tem uma escola de samba, então eu acho que é o chamamento do Carnaval, já é a Bicharada... Hoje ela é voltada mais para criança, como eu falei... A gente voltou ela mais para criança (sic)... Ela sai mais cedo, não tem bebida, nem a banda bebe, só bebe água... A gente fornece água, porque hoje tudo é muito complicado, né?! Como é que os adultos vão estar bebendo (sic) com as crianças junto, né?! Então, não é permitido... Hoje ela é mais voltada para a Bicharada infantil, hoje a Bicharada é família.

G.D.Q.: É interessante, pois eu entrevistei 17 pessoas durante a festa e uma das pessoas que eu entrevistei disse que hoje a Bicharada está melhor... Ele estava com a netinha, e disse que hoje podemos trazer os nossos netos, antes não era assim.

S.V.F.G.: Não, a gente tomou uma decisão... Porque ninguém toma decisão sozinho né?! A gente tomou... Todos juntos... Porque quando eu cheguei aqui era uma reclamação que o povo fazia... A Bicharada estava saindo às 23hs e sendo guardada entre 00h e 30min e 01h da manhã... Bebiam... Então a gente fez uma reunião com a banda e a banda concordou também... Então a gente mudou umas coisas... Pode-se dizer [que no] ano passado não teve tanto movimento, porque, assim ó, tinham turmas de juventude que iam para beber, para fumar, enfim... Então, as famílias ficaram arredias pensando que isso ia voltar a acontecer, entendeu?!

Aí, lá pelo 7º dia de Bicharada [...] começou a ir mais famílias... Porque a gente começou a convidar as famílias para ir... E eles começaram a experimentar e gostar... Hoje eles saem de tardezinha... Uns [saem] com o mate, tomando mate, com as crianças... As crianças pequenas, hoje, andam nos bichos e antigamente não podiam porque a turma que bebia derrubava as crianças no chão... Então, hoje, ela é mais voltada para a família...

Porque vai tudo mudando, é um ciclo, as pessoas mudam o comportamento... Era muito inocente quando foi criada... Hoje é tudo diferente... O adolescente com 15 anos já bebe, já fuma.

G.D.Q.: Quais os momentos que consideras mais marcantes na Bicharada do Ari? E quais os “bichos” consideras que foram e os que são atualmente os preferidos da comunidade piratiniense?

S.V.F.G.: Olha, das crianças, como a gente falou anteriormente, elas gostam muito da girafa, da zebra... Apesar da gente ter falado que a zebra não é um bicho tradicional aqui do sul, nem do Brasil... Eu, particularmente, gosto dos bois, eu gosto muito dos bois, pois foi um desafio pra mim vencer o medo dos bois na infância, então hoje eu gosto muito dos bois, gosto de fazer os bois e enfeitar... Pra mim, os bichos mais importantes são os bois.

G.D.Q.: O seu Valdo Garcia, que eu já entrevistei, e é da época do início da Bicharada falou do boi Bordalesa que atropelava, (agora que tu falaste da tua infância e do medo que ele causava), da Boneca Mamãe Dolores, do urso, que eram personagens importantes da festa?

S.V.F.G.: Hoje a gente tem a boneca e o urso que as pessoas gostam bastante, mas eu, modéstia [à] parte, prefiro ficar com os bois e o carneiro... Que também sou apaixonada...

G.D.Q.: Na tua opinião o que se mantém na Bicharada do Ari, da tua infância para os dias atuais? Que que se mantém da bicharada da infância de vocês para os dias atuais?

S.V.F.G.: O que se assemelha agora... Bom, teve um período que ela esteve difícil... Porque, como já falei, saía muito tarde, e nesse período eu nem participava... Saía muito tarde, tinha muita bebida... O que se assemelha é o período em que eu tinha 15 anos... Ele voltou como quando eu tinha 15 anos... Ela voltou agora novamente saudável, onde não tem bebida, onde todo mundo pode dançar, andar nos Bichos, dançar... Então, pra mim é isso aí que eu guardei na memória... E a gente colocou o plano em prática e ela voltou.

G.D.Q.: Tem alguma música em especial que marcou a Bicharada do Ari?

S.V.F.G.: Eu creio que não tem como não tocar as marchinhas de Carnaval, tem “A cabeleira do Zezé”, e tem outras que as meninas vão lembrar.

G.D.Q.: Sobre os fantasiados, sabe me dizer qual é o significado, quais as representações deles na festa?

S.V.F.G.: Hoje em dia [são mais atualizadas] as fantasias... Então, antigamente as pessoas se fantasiavam, a cabeça era totalmente coberta e a gente não sabia quem estava debaixo da fantasia... Hoje, já, por exemplo, o homem se veste de mulher e a gente sabe pelo rosto, né?! As crianças se fantasiam, mas eles tiram as máscaras... O importante, é claro, que é ir fazer folia na Bicharada... Mas, hoje, a gente já sabe quem são os fantasiados... E antes mexia com o imaginário [das] pessoas... Até, inclusive, não tinha tanta máscara... Ou, se tinha, deveria ser muito cara e as pessoas colocavam fronha de travesseiro e atavam umas bolinhas, faziam furinho só para enxergar e então ficava difícil da gente ver quem é... Porque arrancavam a máscara antigamente... Atavam porque arrancavam... Chegava o fantasiado e arrancavam, puxavam a máscara... Por isso eles atavam.

G.D.Q.: Na tua visão, qual a importância desta festa popular para a cidade de Piratini?

S.V.F.G.: O Carnaval é a festa da alegria... Eu acho que a intenção é essa, é trazer alegria antes da Semana Santa, são 40 dias antes da Páscoa... É trazer alegria, repor energia do povo, encontro de colegas, encontro das crianças, da turma, que saiu de férias e às vezes nem vão se reencontrar, não vão ser colegas novamente... É um encontro, uma troca de energia.

G.D.Q.: Na tua opinião, é importante preservar essa festa, por que e o que precisa ser feito para que a festa seja preservada?

S.V.F.G.: Pra nós é importante que ela seja eternizada... Então, o que [...] é importante [...] conscientizar[mos] o público jovem... Que a gente tá tentando... O projeto é esse... Para que esse jovem de hoje, para amanhã ele levar para seus filhos, seus netos, enfim, dos professores para seus alunos...

A gente está querendo que mais pessoas da comunidade, de professores, se entrem no projeto, que cheguem aqui e digam “olhem eu tenho uma ideia”, “eu estudei lá e o Seu Ari tinha um galo e o galo era feito de tal jeito”... A gente [es]tá buscando ideia...

O projeto não é só nosso, só da secretaria... Ele é um projeto que a secretaria criou, mas ele é para o povo... Então, a gente está buscando crianças com ideias, como a Franciele falou anteriormente, professores que gostem dessa História... Tu mesmo (sic) és uma pessoa indicada para ser parceira... Que cheguem aqui e digam “eu sou voluntário, parceiro, eu trouxe um projeto de um bicho novo”... Assim ela vai acontecer e vai se eternizar a Bicharada... Talvez, daqui 50 ou 100 anos, tenha uma outra professora fazendo entrevista com outras pessoas.

G.D.Q.: Entrevistada falar –

S.V.F.G.: É importante, também, a gente frisar que deixa o convite... Quem sabe, o ano que vem, a gente formalize um grupo de voluntários da Bicharada... A gente deixa o convite para a comunidade... Que fique acionando as redes sociais, tirando dúvidas e perguntando, porque as pessoas perguntam quem pode entrar... Todos! Todos podem entrar... É nosso interesse, é nossa História, não é a minha, não é a delas, é a nossa História...

Então, a gente convida a todos da comunidade, pessoas de outras cidades que não conhecem a Bicharada, que venham conhecer... Estão de férias? Venham para Piratini! Que vamos confeccionar mais bichos, vamos sair mais, mostrar mais a nossa História... É um convite que fica para a população!

[FIM DA TRANSCRIÇÃO / DURAÇÃO DO ARQUIVO DE ÁUDIO 00:16:19]

APÊNDICE P –

Data da Entrevista: 23 de fevereiro de 2016

Nome do entrevistado: Franciele dos Santos Domingues (F.S.D)

Nome de entrevistador: Gisele Dutra Quevedo (G.D.Q.)

Projeto: Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

G.D.Q.: Qual é o seu nome?

F.S.D.: Franciele dos Santos Domingues

G.D.Q.: Sua idade?

F.S.D.: 21 anos

G.D.Q.: Data de Nascimento?

F.S.D.: 22/07/1994

G.D.Q.: Local de Nascimento?

F.S.D.: Piratini

G.D.Q.: Onde viveu sua infância e juventude?

F.S.D.: Vivi até os 3 anos de idade no 3º Subdistrito de Piratini, vulgo Paredão, e, posteriormente, na cidade de Piratini.

G.D.Q.: Onde trabalha?

F.S.D.: Trabalho na Secretaria de Cultura, Turismo, Desporto e Laser e Museu Municipal Barbosa Lessa.

G.D.Q.: Há quanto tempo tu participas da Bicharada?

F.S.D.: Faz em torno de 17 anos... Comecei a participar aos 4 anos de idade... Porque eu ouvia [de] onde morava o barulho da Bicharada e aí acabei tendo curiosidade e participei com 4 anos da primeira Bicharada.

G.D.Q.: O nome inicial desta festa popular era “Bloco da Boa Vontade”, sabe me dizer quando mudou para “Bicharada do Ari” e por quê?

F.S.D.: Inicialmente, era Bloco da Boa Vontade... Mas, é aquela história, a voz do povo é a voz de Deus... Eu acho que se intitulou “a Bicharada do Ari” justamente pela participação ativa dele... Isso deve ter se dado há mais de 40 anos [...] e foi a população que acabou batizando esse carnaval de rua como “Bicharada do Ari”... Eu acho que o Bloco Boa Vontade não pegou... Digamos o nome... Acabou sendo uma homenagem a ele...

G.D.Q.: Me fala sobre o senhor Ari Valente? Como és bem jovem, provavelmente não o conheceste pessoalmente, mas alguém da família falou dele?

F.S.D.: Pessoalmente não, mas ele é uma pessoa que, principalmente no período de Carnaval, se lembra (sic) muito dele... Porque dizem que, meses antes da data do Carnaval, ele já se empenhava para organizar, né?!, para arrumar os bichos, renová-los e criar novos bichos para a Bicharada... E fala-se muito que ele era uma pessoa humilde, mas que se empenhava ao máximo para ser filantropo... Tanto que a própria Bicharada, ela é um movimento ligado à filantropia, que recebe doações, como a colega falou... Então, a gente sabe isso dele, que era uma pessoa muito empenhada em fazer acontecer e se empenhava... Acho que... Acredito que queria ver também a nova geração bem encaminhada, tanto que era preciso que esses alunos tivessem boas notas na escola para poder participar da Bicharada.

G.D.Q.: E os demais participantes, que merecem destaque na tua opinião?

F.S.D.: Eu acho que todos tiveram grande importância, o Seu Ari, a Dona Biqueta... Mas, na minha infância, a figura que mais marcou... Assim, não consigo imaginar a Bicharada sem a figura do Madruga distribuindo balas... Eu comecei na Bicharada com o Madruga... O Seu Valdo Garcia tocando, também, com todo o seu grupo, é uma pessoa que marcou... Foram eles que foram dando o molde da Bicharada, digamos assim, o rosto da Bicharada.

G.D.Q.: Como se dava a relação entre organizadores e participantes, desde que a festa foi criada até os dias atuais?

F.S.D.: Eu acho que há um empenho muito grande entre os organizadores para que a comunidade participe, porque às vezes ela é intimidada e talvez não disponha de tempo durante a semana... São 11 dias... Então, esse organizador [...] vai até aquela pessoa que 'tá lá na calçada apenas admirando e convida as pessoas a andar e participar... É uma das ligações que a gente tem direto... E também, acho que seja interessante, mais adiante, talvez no próximo ano, [que] a comunidade se oferecesse, até mesmo com ideias mais criativas para os bichinhos... Quem sabe, uma nova atração durante a Bicharada, sem perder a raíz... Mas acho que seria um envolvimento importante, também.

G.D.Q.: Sabe como ela iniciou, o ano em que foi criada, qual era o objetivo principal? Sabe se tem algum registro, documento, em algum lugar, sobre o surgimento da festa?

F.S.D.: É bem aquela história... É a população que data esse início... Provavelmente, ela tem mais de... Deve ter em torno de 72 anos... Pois, até amadurecer essa ideia... Talvez os primeiros grupos que saíam nas ruas não chamassem tanto atenção... Depois, quando foi adotada essa festa popular do carnaval de rua... Então, provavelmente, mais de 70 anos de Bicharada... Até porque as pessoas que ainda vivem com mais de 80 anos deduzem que é esse tempo de Bicharada.

G.D.Q.: Mas registro mesmo não existe?

F.S.D.: Não existe... Até por ser um evento popular, não havia o registro... Uma nota de compra, era tudo muito artesanal... Então, provavelmente, não há registro.

G.D.Q.: Ela surgiu como uma vontade do povo e eles não tinham essa preocupação de registrar?

F.S.D.: É não era ligada a uma associação.

G.D.Q.: Na tua opinião, qual a importância da Bicharada do Ari para o carnaval piratiniense?

F.S.D.: Eu acho que a Bicharada é o coração do Carnaval piratiniense... Eu acho que ela não tem um reconhecimento ao nível estadual, embora ela seja um diferencial, uma peculiaridade, porque a nossa região sul, o estado do Rio Grande do Sul, ele não é propriamente um estado que vê o Carnaval como uma festa principal... Isso vai mais para a região do Rio de Janeiro, Salvador... E essa cultura da Bicharada ela justamente traz nela algo mais reservado, que o gaúcho é muito familiar, isso traz na Bicharada... E a Bicharada provavelmente começou como uma maneira de inclusão social e se manteve assim, são diversas etnias, diversas idades, e, como a colega falou, ela é uma festa que hoje é uma forma de lazer para as crianças, pois não é comum as crianças irem em bailes de carnaval (sic), somente bailes infantis e ela é justamente uma festa popular... Que as pessoas vêm até aqui e não têm nenhum custo... Enquanto os bailes de carnaval têm o ingresso, bebida, comida, e aqui eles se divertem sem nenhum custo. As crianças vêm... Se quiserem, andam nos bichinhos e tudo isso sem nenhum custo... Esse é o diferencial.

G.D.Q.: Quais os momentos que consideras mais marcantes na Bicharada do Ari? E quais os “bichos” consideras que foram e os que são atualmente os preferidos da comunidade piratiniense?

F.S.D.: Eu acho que o urso meio que virou uma lenda... Porque, no início, ele começa a aparecer... Ele é um animal selvagem que desperta um medo nas crianças... Como já ouvi falar que muitas mães diziam que se elas não dançassem na calçada, o urso ia pegar [...]... Então, cria ali uma questão da imaginação popular...

Durante mais de 20 anos, o urso meio que desapareceu e agora ele voltou, ele brinca com as crianças... Então, eu acho que ele é um personagem importante, e também é um mistério... Quem é que está debaixo do urso? Sempre foi um mistério, sempre mexeu com o imaginário das pessoas... Por isso meu favorito é o urso.

G.D.Q.: Na tua opinião, o que se mantém na Bicharada do Ari, da tua infância para os dias atuais?

F.S.D.: Eu vejo que a Bicharada é uma coisa que se manteve e que ela nunca foi um evento carnavalesco ligado a carnavalesco, ela não é um carnavalesco propriamente... Existem artesãos, ou quase artesãos, que se empenham nessa construção... Pois, anualmente, mesmo que não sejam trocados, eles [os bichos] são restaurados... Eu acho que sempre vai existir, na cabeça das crianças, uma coisa que é folclórica da Bicharada, que é esse medo que as crianças têm dos mascarados, dos animais, do urso... Que, apesar de hoje ser menos, os menores mesmo, alguns até choram... É uma coisa que desperta a imaginação deles mais para o lado do terror, é uma coisa que movimenta com o imaginário popular, é uma coisa que não se perdeu, é uma coisa que é a essência da Bicharada, é todo esse suspense...

G.D.Q.: E as mudanças, quais foram?

F.S.D.: Eu acho que ela começa como uma festa, digamos que do privado para o público, ela começa de um grupo de pessoas e reúne[m]-se fundos que as pessoas vão doando, doações das pessoas... E hoje ela é do domínio público para o público... Isso foi mudado! Hoje, ela é uma festa que vem sendo organizada pelo poder público para com a população e antes ela era organizada pela população para a população... Isso foi uma alteração bem grande...

E acho que também vem essa questão, como já havia sido falado, que inicialmente necessitava-se de fundos, de pessoas que abrissem a mão para fazer doação para consertar os animais, para vestir o urso... E agora o poder público traz esse recurso, ele oferece o recurso para que a Bicharada saia... É uma das alterações mais eminentes.

G.D.Q.: Tem alguma música em especial que marcou a Bicharada do Ari?

F.S.D.: “Anunciação”... Eu acho muito bonita, porque é um clássico do Alceu Valença que acabou ganhando ritmo de Carnaval... E “Bandeira Branca”... São algumas que, apesar de não ser fã dessa área musical, mas acaba ficando na cabeça da gente por meses, por causa da Bicharada.

G.D.Q.: Sobre os fantasiados, sabe me dizer qual é o significado, quais as representações deles na festa?

F.S.D.: Anteriormente, havia uma preocupação de quem estava fantasiado não ser descoberto... É uma coisa que ficou marcada na Bicharada... Eram os macacões, todo mundo usava macacões... Usava aquelas botinas, fronhas no rosto, para não serem descobertos e nem pelas mãos... E hoje não se preocupam. Hoje a fantasia ela é mais estética, digamos assim, é para vir bonito para o Carnaval e não para vir fantasiado e não ser reconhecido... Acho que alterou isso aí.

G.D.Q.: Na tua visão, qual a importância desta festa popular para a cidade de Piratini?

F.S.D.: O Carnaval surgiu, pelo que eu sei, justamente para extravasar todas as energias que antecediam a Semana Santa. Eu acho que é justamente, eu acho que fica um clima mais leve, as pessoas sorriem mais, toleram mais as brincadeiras, né?! Por um lado, a gente acaba adquirindo uma inocência, um espírito mais alegre, justamente por causa do Carnaval... As pessoas falam: vamos hoje para a Bicharada? Que roupa tu vai[s] usar? Há uma união na comunidade que acaba se reencontrando ali... A família...

G.D.Q.: Na tua opinião, é importante preservar essa festa, por que e o que precisa ser feito para que a festa seja preservada?

F.S.D.: Eu acho que a Bicharada... Ela começa como um pequeno aglomerado de pessoas querendo ter momentos alegres, momentos de lazer... E hoje ela é parte da História... O museu deve contar a História da Bicharada... As pessoas na rua devem falar sobre a Bicharada... E hoje eu tenho orgulho de trabalhar na confecção, junto com as colegas... Porque, quando eu comecei andando nos bichinhos, eu ficava pensando como é que eram feitos... Essa influência é porque já havia um afeto... Os

pais devem incentivar as crianças a vir, porque provavelmente serão os que darão continuidade...

Enquanto a gente estiver aqui, com certeza, com unhas e dentes e com muito amor, a gente vai dar continuação... Mas, depois, quando a gente não estiver mais eu espero que alguém preserve.

G.D.Q.: Entrevistada falar –

[FIM DA TRANSCRIÇÃO / DURAÇÃO DO ARQUIVO DE ÁUDIO 00:15:40]

APÊNDICE Q –

Data da Entrevista: 23 de fevereiro de 2016

Nome do entrevistado: Mirian Valadão Gomes (M.G.V)

Nome de entrevistador: Gisele Dutra Quevedo (G.D.Q.)

Projeto: Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

G.D.Q.: Qual é o seu nome?

M.V.G.: Mirian Valadão Gomes

G.D.Q.: Sua idade?

M.V.G.: 21 anos

G.D.Q.: Data de Nascimento?

M.V.G.: 27/12/1994

G.D.Q.: Local de Nascimento?

M.V.G.: Pelotas

G.D.Q.: Onde viveu sua infância e juventude?

M.V.G.: Aqui na cidade de Piratini

G.D.Q.: Onde trabalha?

M.V.G.: Trabalho na Secretaria de Cultura, Turismo, Desporto e Laser e Museu Municipal Barbosa Lessa.

G.D.Q.: Há quanto tempo tu participas da Bicharada?

M.V.G.: Bem, eu fui conhecer mesmo a Bicharada a partir do momento em que eu vim trabalhar aqui na Secretaria, porque faz parte do nosso trabalho... E comecei a ver como as crianças se divertem, né?!, e alguns até tem medo... E foi aí onde eu comecei a trabalhar diretamente com a Bicharada... Mas, anteriormente, eu não conhecia muito porque minha família é de religião e então eu não participava quando eu era pequena.

G.D.Q.: O nome inicial desta festa popular era “Bloco da Boa Vontade”. Sabes dizer quando mudou para “Bicharada do Ari” e por quê?

M.V.G.: Bom, eu conheço como Bicharada mesmo... E depois eu comecei a aprender um pouco mais sobre a Bicharada e vi que uma das pessoas que trouxe para Piratini, que fez acontecer, foi o “tio Ari”... Então, até hoje, é muito lembrado por todos, né?!, como tio Ari da Bicharada... Eu acredito que foi ele que trouxe essa cultura para Piratini há mais de 60 anos.

G.D.Q.: Me fala sobre o senhor Ari Valente?

M.V.G.: Bem, eu não tenho muito o que falar porque não tenho nenhum parente que tenha falado sobre ele... Então, eu não tenho o que falar e acho que as colegas já falaram tudo que poderia ser falado.

G.D.Q.: E os demais participantes, que merecem destaque na tua opinião?

M.V.G.: A Dona Biqueta, que confeccionava as bonecas... Inclusive, hoje temos uma boneca em homenagem a ela que é a Dona Quequeta, como ela era chamada e lembrada... Que sai durante os dias de Bicharada.

G.D.Q.: Quais os momentos que consideras mais marcantes na Bicharada do Ari? E quais os “bichos” consideras que foram e os que são atualmente os preferidos da comunidade piratiniense?

M.V.G.: É o carneiro... As crianças adoram e disputam muito.

G.D.Q.: Na tua opinião, o que se mantém na Bicharada do Ari, da tua infância para os dias atuais?

M.V.G.: Em 2014, foi quando a gente teve a ideia de confeccionar novos bichos com essa intenção de resgatar como era no tempo do tio Ari... Então, essa foi a intenção, foi quando voltou o urso... Onde a gente confeccionou novos bichos (sic)... Que são os bichos que agora [es]tão há dois anos na rua e, agora em 2017, [vão]sair novamente esses bichos que a gente confeccionou em 2014... Pois, anteriormente, os bichos não tinham nada a ver... Então, essa foi a intenção, de resgatar os verdadeiros princípios que o tio Ari tinha com a Bicharada.

G.D.Q.: Entrevistada falar –

M.V.G.: Eu acho que um dos pontos que se pode falar é sobre as redes sociais... A gente tem um grupo onde a gente passa todas as informações a todos que fazem parte do grupo... A gente posta os dias, os horários, os locais... É uma parte que [a gente] se dedica muito pra que chegue essa informação da festa a todas as pessoas, até mesmo de fora da cidade... No museu, também sempre fazemos uma exposição todos os anos sobre a Bicharada... Então, acho que esses são dois pontos importantes.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO / DURAÇÃO DO ARQUIVO DE ÁUDIO 00:08:41]

APÊNDICE R –

Data da Entrevista: 24 de junho de 2016

Nome do entrevistado: Paulo Crespo Cardoso (P.C.C.)

Nome de entrevistador: Gisele Dutra Quevedo (G.D.Q.)

Projeto: Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

G.D.Q.: Qual é o seu nome?

P.C.C.: Paulo Crespo Cardoso

G.D.Q.: Sua idade?

P.C.C.: 54 anos

G.D.Q.: Onde viveu sua infância e juventude?

P.C.C.: Nasci e me criei naquela casa ao lado do museu e cresci na casa do tio Ari.

G.D.Q.: Trabalha, onde?

P.C.C.: Sim, servidor municipal da Prefeitura de Piratini.

G.D.Q.: Que idade ele tinha, quando tu lembras dele?

P.C.C.: Ele nasceu em 1914, no dia 24 de outubro... Nasceu em 1914 e isso devia ser 1970, devia ter 50 e poucos anos.

G.D.Q.: E já tinha a Bicharada, há um bom tempo?

P.C.C.: Já, a Bicharada deve ter iniciado em 1950, por aí... Quando começou, tinha bem pouquinhos bichos... Era o boi Fortaleza e, na minha época, já tinha a vaca Bordalesa e o tocador... Era bem diferente naquela época... A Bicharada andava na rua, assim... E as pessoas ficam na volta em cima das calçadas esperando a Bicharada passar... E os bichos, atropelavam... Ficava o Edinho, com uma cordinha, segurando bem pertinho da cabeça da vaca... Porque nós éramos danados... Aí entrava eu e o Adão, que chamam Porquinho, embaixo da vaca e nós só [fazíamos] o movimento da cabeça dela e o Edinho dava corda e nós [subíamos] na calçada e [atropelávamos] todo mundo, [Risos]! E as pessoas saíam fora... Era engraçado de ver.

G.D.Q.: E o objetivo era esse, atropelar, beber muita cachaça e se divertir?

P.C.C.: Sim, era... E os instrumentos... Não era banda como hoje... Na maioria das vezes, saía o Seu Ermininho, ali de casa em cima de uma charrete, charrete puxada por gente... Agarravam a charrete assim e saíam [demonstra], tocando gaita.

G.D.Q.: E era marcha de carnaval ou não?

P.C.C.: Era, era... Aquelas marchas antigas... Era uma farra.

G.D.Q.: Eu estava pesquisando uma música que o senhor Valdo disse que o senhor Adão cantava para o boi levantar em cada pausa “Levanta-te boi! Desse frio chão, a viagem é longe, vamos para o sertão!”

P.C.C.: É... Tinha uma coisa assim... E a gente não aguentava muito tempo... Era muito pesado... A estrutura era de madeira e de ferro, e pesava... Eram feitos de saco de estopa... Abria o saco de estopa e costurava em cima... Fazia uma armação e, com ripa, fazia as costelas do boi, como nós [chamávamos]. E o tio Ari, antes do carnaval, saía para a rua para pedir, no comércio, dinheiro... E as pessoas ajudavam, a Prefeitura ajudava, o seu Dakir ajudava muito.

G.D.Q.: E a dona Biqueta, ela que fazia os bichos, né? Ela fazia por ser amiga do seu Ari ou por que ela gostava?

P.C.C.: Porque ela gostava, eu acho.

G.D.Q.: Sabe qual era o nome dela?

P.C.C.: Era conhecida como tia Biqueta e não faço a menor ideia qual era o nome dela.

G.D.Q.: Outra coisa interessante é que pesquisei e descobri que aquela música que o seu Ari cantava para o boi levantar é usada lá na Paraíba, nas festas de Bumba-meu-boi da Paraíba. Essa festa é uma espécie de teatro, que no caso na Bicharada não tem, mas algumas semelhanças existem, como a música que lá é usada quando o boi ressuscita e aqui era quando o boi levantava, o consumo de cachaça, o boi atropelar. Sabe se o senhor Ari se inspirava nessas festas e de onde ele tirou a ideia?

P.C.C.: Não sei, mas realmente nós [tomávamos] cachaça... Lembro, como se fosse hoje... O tio Ari vinha correndo e gritando “não deem cachaça para essas crianças”.

G.D.Q.: Era totalmente diferente né... Hoje existe uma série de regras, têm as pessoas que cuidam para que as crianças não extrapolem e estraguem os bichos, não pode ter consumo de bebida alcóolica?

P.C.C.: A diferença no andar... Parece que tinha que ter mais interação... As pessoas que andam na volta não participam... Não tem mais aquela coisa do boi atropelar... E parece, me parece, pelas lembranças que eu tenho, que as pessoas gostavam quando o boi ia em cima da calçada e fazia um clarão... Pois todo mundo sabia que era[m] duas crianças embaixo daquele bicho né?!... Que era uma brincadeira e não ia machucar ninguém... Mas aquilo era coisa mais linda! E os bichos eram diferentes... Os bois eu já te disse como eram... E a cabeça deles era uma cabeça de animal mesmo, era uma caveira, um osso dessecado de um boi ou uma vaca.

G.D.Q.: O seu Valdo contou que tinha uma senhora que era proprietária das cabeças e que o senhor Ari pegava, usava durante a Bicharada e as devolvia quando terminava a festa, lembra disso?

P.C.C.: E aquilo se perpetuava por anos... Se guardava aqueles bichos (sic)... Tinha o carneiro, o urso... O urso era assim: saíam dois, o urso e o tocador do urso. O

tocador era só um mascarado... E o urso... A gente ganhava um macacão e uma máscara e costurava barba de pau, com aquele cordão que existia antigamente como se fosse um fio de estopa, um pouco mais forte... Tinha todo o trabalho de costurar aquela barba todos os dias, tinha que remendar porque as pessoas agarravam e puxavam... E o urso saía com umas caixinhas de metal, para arrecadar dinheiro... Eu não sei que fim deu as caixinhas de metal, porque o tio Ari, antes de morrer, ele me chamou lá e disse: eu vou te dar umas coisas para ti... Ele me deu o rádio... O rádio... Eu não faço ideia do que [...] aconteceu com esse rádio... Eu perdi ele... Não sei que fim levou... Me deu o relógio de bolso dele... E me deu um dos maçaricos, que ele tinha a querosene de tirar tinta das portas e que eu muito vi ele usar (sic).

G.D.Q.: Diz que ele tinha muitos objetos.

P.C.C.: Tinha, tinha bastante coisa... Tinha uma talha atrás da porta... Tinha um relógio de parede, daqueles antigos de pêndulo... Tinha uma bicicleta daquelas antigas com uma barra circular no meio... Um troço bem antigo... Panela... Ele era organizado... Ele tinha umas caixinhas que ele fazia de madeira, umas caixinhas com tampa, colocava um cadeado e guardava lampião a gás, panela, pinico [Risos].

G.D.Q.: O seu Valdo falou disso também... Ele contou, inclusive, que tinha um que ele deixava só para bebida, para brincar e uma vez ele ofereceu para o senhor Valdo cachaça no pinico.

P.C.C.: Levava até pinico, [risos]... Ele era uma figura ímpar.

G.D.Q.: Era divertido, levava a vida numa boa?

P.C.C.: Estava sempre de bem com a vida, sempre brincando.

G.D.Q.: Nessa época ele já era casado?

P.C.C.: Já, já era casado com a Otália.

G.D.Q.: Ela existe ainda? Eu preciso procurar a família.

P.C.C.: Ela mora na rua que desce na Inácia Machado... Desce e vai lá embaixo, a penúltima casa à esquerda.

G.D.Q.: Eu preciso entrar em contato com a família até para poder pedir autorização para eles.

P.C.C.: Na realidade, o estádio do Guarani o nome dele é Nei Fabião Valente, era um irmão do tio Ari e aquela rua lado da Ponche Verde é João de Deus Valente... Então, o tio Ari colocou o nome dos dois filhos com o nome dos irmãos, Nei Valente e João de Deus Valente.

G.D.Q.: A minha rua chama-se Ari Fabião Valente... Eu brinco que foi obra do destino, pois antes o nome era Prolongamento da Edu Pinheiro Gomes, e depois mudou para Ari Fabião Valente.

P.C.C.: A tua é a primeira que entra na escola Rui Ramos... Sabe quem sugeriu o nome daquela rua? Foi eu.

G.D.Q.: Que legal! [...] Sabe quem está nessa foto com ele e o período?

P.C.C.: Não, mas provavelmente ao lado dele seja o Dedeus, filho dele. Eu tenho mais fotos dele... Mas não sei o ano e o nome das pessoas que acompanham... E tem outra coisa importante... O dono da máquina de tirar fotos era o tio Ari... A única que tinha em Piratini naquela época.

G.D.Q.: E aqui nessa foto, está difícil de identificar, mas parece ser o carneiro que tanto falavam?

P.C.C.: Aonde (sic)? Ah é o carneiro... É ele mesmo... Garanto que esse aí foi eu que fiz.

G.D.Q.: Que legal, então tu também fazias os bichos?

P.C.C.: Fazia sim... Eu trabalhava com ele e quando ele saía dizia: **Vou deixar com o Paulinho e vocês respeitem ele! Vocês respeitem ele!** Ele dava as costas para tomar café e nós [entrávamos] para baixo dos bichos e [largávamos] para a rua [Risos].

G.D.Q.: O seu Valdo comentou que começava por volta das 17hs e ia até à noite, pois o percurso era até o estádio do Guarani e voltavam?

P.C.C.: Não ia tanto... Principalmente porque naquela época depois do CTG não tinha nada.

G.D.Q.: Essa foto era na frente ao bar do Taylor?

P.C.C.: Era sim, bem provável. Sempre tinha o problema do local para fazer os bichos... O último local, na época do tio Ari, foi ali no sindicato, ao lado da igreja... Existia o sindicato... Era bem novo e [nós fazíamos] no porão... E antes também fizemos numa garagem que ficava em um beco ao lado do Banrisul, ali... Mas não lembro direito como era.

G.D.Q.: E aqui eram mascarados?

P.C.C.: Era... [No] início tinha muitos mascarados... A mãe do Mauro ajudava, e ele (tio Ari) costumava parar em frente às casas que ajudavam.

G.D.Q.: E na frente ao bar do seu Taylor tinham várias fotografias, provavelmente porque ele distribuía a cachaça?

P.C.C.: O Taylor era outro que era farrista também.

G.D.Q.: Interessante que essas fotos aqui tinham na secretaria também, na época que fiz minha monografia...

P.C.C.: Era comum fazer mais de uma cópia... Difícil era tirar a fotografia, pois geralmente era um filme com 12 poses... Mas daí tu fazia quantas cópias quisesse. Eu era para ter mais coisas dele, mas foi se perdendo e a gente não pensava que um dia ia ser importante.

G.D.Q.: Quando ele morreu, morava na casa dele ainda?

P.C.C.: Morava, a casa dele foi vendida depois que ele morreu... E as pessoas deixavam lá bicicleta para ele vender, pistola... Ele vendia de tudo um pouco.

G.D.Q.: Nessa foto o senhor Adel se reconheceu, ele disse que era ele nessa foto.

P.C.C.: Deve ser sim.

G.D.Q.: Outra coisa que o senhor Adel comentou era que o senhor Ari era muito bem visto e querido pela comunidade, tanto que quando se aproximava do Carnaval muitas pessoas procuravam ele para doar alguma quantia para que ele pudesse reformar os bichos.

P.C.C.: Mas era um santo... Era uma pessoa que nunca fez mal para ninguém e nem sabia fazer mal... Era bom demais, era brincalhão, parecia uma criança grande... Na realidade, ele parecia uma criança, sempre rindo... Ele tinha fumo em rama, fumo em rama e eu ia pra lá para fumar com ele [risos]... Os pais da gente não deixavam a gente fumar... Fumo em rama, cortava e [mostra como fazia], mas ele não sabia fumar, ele não tragava... [...] era mais um brinquedo... 'tava sempre com o cigarro nos beijos, um cigarro molhado, adorava um cigarro em palha...

Sabe o que é fumo em rama? Fumo em rama é uma corda... é uma corda, um rolo, um troço enrolado... uma corda preta melosa por fora, era coisa mais boa! [Risos] Aquilo tirava... Dava uma descascada naquele melado preto por fora e cortava com canivete... Me lembro do canivete que cortava (sic). E tu te levantava da cadeira e quando sentava de novo tinha uma pedrinha na cadeira. Dava risada, [Risos] gostava de fazer uma sacanagem para um...

E quando ia sair para as pescarias e as caçadas, ele ia colocando as coisas em cima do caminhão e os outros iam tirando e colocando de novo para dentro de casa...

Todo mundo gostava dele, todo mundo conhecia ele... Não tinha quem não conhecesse o tio Ari.

G.D.Q.: E a irmã dele, que morava com ele morreu antes dele?

P.C.C.: A tia Santinha morreu antes.

G.D.Q.: E a farmácia lembra quando terminou?

P.C.C.: Eu não conheci a farmácia... A farmácia em si eu não conheci... Pode até ter tido quando eu era pequeno, mas eu não me lembro dela... Eu me lembro do ambulatório... Já era uma espécie de ambulatório... Tinha uma cerca dentro da peça... Eu acredito que fosse uma espécie de balcão, na época da farmácia, e ali dentro tinha uns armários.

G.D.Q.: Onde ele tinha um aparelho de injeção, de vidro, né?

P.C.C.: Tu não conhece? Vou te mostrar um.

[Levanta e busca um aparelho da época]

G.D.Q.: Nossa é pequeno, eu imaginava maior.

P.C.C.: Isso aí vinha dentro de um estojinho de aço inoxidável... O aparelho e as agulhas... E aí tu pegava, fazia a injeção num, abria o aparelho e botava dentro d'água em cima do fogão e fervia... Fogão à lenha... Imagina a tragédia que era fazer uma injeção... Porque tinha que esperar... O fogão à lenha demora para ferver a água...

[Risos] Aí tinha que esperar ferver, tirar ele fervido, secava, colocava a agulha de novo...

G.D.Q.: E nem a agulha era descartável?

P.C.C.: Não, era a mesma para todo mundo... Toda a cidade com a mesma... Isto era interessante.

G.D.Q.: O seu Adel comentou que não tinha hora para virem buscar o seu Ari para fazer injeção.

P.C.C.: Tu imagina o que a gente fazia... Moleque, andando de bicicleta, saindo para os matos... Fazer o que, não tinha o que fazer, brincando de pegador ou de se esconder na praça... Vivia machucado e corria para a tia Santinha... porque, Deus o livre, chegar em casa machucado, levava uma tunda. Daí a tia Santinha fazia o curativo e ainda ia em casa para ajeitar pra gente não apanhar.

G.D.Q.: Foi ela ou a mãe do seu Ari que trabalhava na Legião da Boa Vontade, na parte térrea do prédio do Museu Farroupilha?

P.C.C.: Foi ela, a tia Santinha, irmã do tio Ari.

G.D.Q.: Sabe se teve alguma influência disso para o nome do Bloco da Boa Vontade ou o nome foi dado porque dependia da “boa vontade das pessoas” que ajudavam a fazer os bichos?

P.C.C.: Acho que era porque dependia da boa vontade da comunidade, não sei... Porque a tia Santinha... Eu me lembro da tia Santinha na Legião da Boa Vontade... A gente fazia os cursos: datilografia, carpinteiro, eletricista... Tudo era promovido pela Legião da Boa Vontade... E a tia Santinha, no início, não tinha salário... Ela trabalhou muitos anos sem salário na LBV... Aí, depois, quase no fim da vida dela, ela começou a receber.

G.D.Q.: Ela era solteira, ou casada? Por que moravam na mesma casa, né?

P.C.C.: A tia Santinha era casada com o Orlindo Corral... Não lembro bem o nome, pois eram vários irmãos, todos com o nome parecido... Tinha o Arlindo Corral que era dono das Lojas Arlindo, pai do Claudio Corral... Moravam tudo na mesma casa...

G.D.Q.: São muitas fotos, né?

P.C.C.: São muitas fotos e muitas histórias... Esses tempos eu estava comentando, quando eu ainda trabalhava na Secretaria de Turismo, que a gente se preocupa tanto com a história do Bento Gonçalves... Claro que foi importante e vai ser sempre importante, pois é a História de um povo e um povo sem História é um povo sem cultura... Mas a gente está pecando e deixando a nossa História e um dia ela vai ser importante para os nossos descendentes.

G.D.Q.: A intenção é justamente isso... Pois quando eu apresentava o meu projeto de pesquisa, as pessoas me questionavam “por que tu vai falar sobre Carnaval em uma cidade que foi a primeira Capital da República Rio-Grandense, porque não vai falar da Revolução Farroupilha”, e eu dizia “justamente porque a História da cidade já foi muito estudada sobre este aspecto”.

P.C.C.: Pois é, todo mundo já falou dessa História... A televisão já fez filme.

G.D.Q.: A festa da Bicharada do Ari também é uma tradição na cidade... Existe desde o final da década de 1940, início da década de 1950, de acordo com os relatos orais, e se mantém até hoje, por isso merece sim ser estudada e pesquisada, para que as próximas gerações possam conhecê-la.

P.C.C.: Faz parte da nossa História...

G.D.Q.: E outra coisa importante é que não têm no Rio Grande do Sul outras festas assim; onde será que ele se inspirou?

P.C.C.: Não... Não dá pra entender, né?!

G.D.Q.: Quando eu estava apresentando em um Congresso em Santa Catarina me perguntaram se o Carnaval de Pelotas também era assim... Não, no Rio Grande do Sul não encontrei outra festa de Carnaval com bichos, fantasiados e com mascarados.

P.C.C.: Não tem, é só em Piratini... É único... E aí a gente fica se perguntando... Foi coincidência, foi o quê? Por que colocar justamente no Carnaval, podia ter feito uma festa no Natal, na Páscoa, por que justamente no Carnaval?

G.D.Q.: E outra coisa interessante é que, como tu me disse[ste] que ele era analfabeto, não pode ter se inspirado através da leitura, porque se ele lesse, poderia ter sido através de algum jornal ou revista?!

P.C.C.: Não

G.D.Q.: Ele viajava?

P.C.C.: Capaz, o máximo que o tio Ari pode ter ido foi até Pelotas.

G.D.Q.: E será que as pessoas que vinham na cidade, viajantes, visitantes, não contaram sobre uma festa parecida para ele?

P.C.C.: Pode ser... Pois ele sempre foi muito comunicativo... Mas acho que essa parte da história se perdeu... Porque como ele já morreu....

G.D.Q.: É muito semelhante às festas de Bumba-meu-boi... Elas são diferentes em cada estado, mas são em forma de teatro... Mas todas têm algumas semelhanças com a Bicharada, como o grande consumo de bebidas alcoólicas, o boi atropelar e a música que o seu Ari cantava que era idêntica à que cantavam nas festas de Bumba-meu-boi da Paraíba para o boi ressuscitar.

P.C.C.: É muito estranho, né?!

G.D.Q.: E a música é que me chama atenção porque era cantada na Paraíba.

P.C.C.: E naquela época não tinha mídia... Provavelmente nem pelo rádio... Ele não pode nem ter lido porque era analfabeto... Lembrei o nome do senhor que segurava a corda do boi Fortaleza, era o Dinarte.

G.D.Q.: O boi Fortaleza era o que atropelava, né?

P.C.C.: E a Bordalesa também atropelava... Capaz que eu ia deixar outro atropelar sozinho... E o tio Ari vinha numa fera brigando [conosco]. O tio Ari era uma pessoa ímpar... Ele aparecia em quase todas as fotos, pois ele era o dono da câmera... Ele tinha uma câmera preta e enviava para revelar em Manaus.

G.D.Q.: Nessa foto aparecem as bonecas.

P.C.C.: Isso aqui tem duas... E não era aleatório... Eram pessoas conhecidas que ele fazia em homenagem.

G.D.Q.: E a Mamãe Dolores? Porque tinha a Mamãe Dolores... Foi a primeira boneca, né? Quando eu fiz a defesa do meu projeto falaram que tinha uma personagem de uma novela antiga, será que pode ter sido por isso?

P.C.C.: Ah não sei. Foi, foi a Mamãe Dolores... Mas nessa época não tinha TV... As primeiras televisões aqui em Piratini foram por volta de 1965... Eu lembro que quando o homem pisou a primeira vez na lua nós tínhamos uma [de] 124 polegadas a válvula e nós não conseguíamos ver quase nada.

G.D.Q.: Entrevistado falar.

P.C.C.: O que dizer do tio Ari... O que eu posso dizer era a maneira dele ser... Era um brincalhão, tava sempre brincando... Era uma criança grande, tudo virava brincadeira.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO / DURAÇÃO DO ARQUIVO DE ÁUDIO 00:40:10]

APÊNDICE S –

Data da Entrevista: 18 de julho de 2016

Nome do entrevistado: Angélica Barroso Panatieri (A.B.P.)

Nome de entrevistador: Gisele Dutra Quevedo (G.D.Q.)

Projeto: Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

G.D.Q.: Qual é o seu nome?

A.B.P.: Angélica Barroso Panatieri

G.D.Q.: Sua idade?

A.B.P.: 49 anos

G.D.Q.: Data de nascimento?

A.B.P.: 03/05/1967

G.D.Q.: Onde viveu sua infância e juventude?

A.B.P.: Em Piratini.

G.D.Q.: Trabalha, onde?

A.B.P.: Sim, I. E. E Ponche Verde.

G.D.Q.: Em que período começou a participar da Bicharada do Ari?

A.B.P.: Não consigo lembrar... Eu lembro de (sic) sempre participar, sempre ver... Quando eu era pequena, a gente tinha medo dos bichos... Eu via aquela movimentação na rua, mas eu fugia... O boi atropelava... Tinha um urso cheio de barba de pau sacudindo uma canequinha com moedas... Aquilo dava medo... Então, a gente fugia... Mas, toda noite a gente ia para a rua para ver e para fugir... Eu não lembro que idade eu tinha aí, mas era, sei lá, 4, 5 anos... O tempo que já levavam a gente para a rua, esse é o tempo que eu lembro.

G.D.Q.: O senhor Ari Valente, chegou a conhecê-lo? O que sabe sobre ele?

A.B.P.: A respeito do seu Ari eu o conheci, eu o conheci na Bicharada... Mas, também, prestava serviço na comunidade... Na minha casa, eu lembro dele (sic) colocando os vidros em casa... E ele fazia... Conversava muito com as crianças e eu lembro de (sic) sentar do lado dele enquanto ele preparava o cigarro... Então pegava um rolo de fumo, cortava e depois sovava... Sovava a palha e fazia o cigarrinho dele e fumava... E fumava muito. [Risos]

G.D.Q.: Em outras entrevistas também as pessoas comentaram que ele estava sempre fumando, mas que não tragava.

A.B.P.: É isso eu não lembro... Eu lembro do cheiro dele (sic)... Ele tinha o cheiro do cigarro... E o cigarro de palha... Tem algumas coisas que de vez em quando eu sinto esse cheiro eu lembro dele (sic), remete esse cheiro a ele...

O seu Ari era uma pessoa que tinha... Que tem imagem e tem cheiro na minha memória.

G.D.Q.: O seu Ari parece que era muito querido pela comunidade. Todas as pessoas que eu entrevisto que conviveram com ele, falam dele com carinho.

A.B.P.: Muito. Ele dava atenção para as pessoas... Eu era criança e eu lembro dele (sic) conversar comigo... Ficar ali trabalhando e eu perguntando como é que fazia e ele me dava massinha para brincar... Então, era uma pessoa que dava atenção para as outras pessoas... Esse era o seu Ari... E no Carnaval, mesmo na Bicharada, eu não lembro muito da figura dele, mas a gente sabia que era do seu Ari...

A minha memória de infância era o boi e o urso porque eu morria de medo. Então, passou a minha vida... Durante todo o tempo... Eu vendo essa história da Bicharada... E depois eu maior, né?!, adolescente... Tinha a Bicharada de novo, mas o seu Ari já tinha falecido... O Niltinho... Eu lembro do (sic) Niltinho conduzindo os bichos... E não sei se primeiro foi o bloco e depois ele assumiu, enfim, eu lembro dele (sic), dessa pessoa ali em volta das crianças, organizando, coordenando... E era minha adolescência... E aquilo era importante... Eu já não tinha mais medo, mas a Bicharada era um espetáculo... O boi continuava atropelando, o boi continuava passando por cima das pessoas, subindo por cima da calçada... Isso era o emocionante...

Claro, na adolescência, eu queria mesmo era sair, porque como eram pessoas... A gente quer se encontrar com os outros adolescentes, e os outros jovens... Mas, para sair, eu juntava toda a criançada da rua e eu levava todos para a Bicharada, [Risos]...

Chegou a ter a promessa de uma criança lá pelos 10, menos... 9 anos... Que dizia assim: “olha, quando tu ficar bem velhinha, eu prometo, eu vou te levar para a Bicharada”. [Risos] “Eu te levo na Bicharada, te prometo!” [Risos]

Então, era muito bom... As crianças continuavam tendo medo do boi, continuavam tendo medo dos mascarados... E assim foi até [os anos] 2000.

G.D.Q.: Me conta sobre o projeto que fez para recuperar a Bicharada, qual o nome, em que ano foi, quais os motivos e objetivos desse projeto?

A.B.P.: Por volta [do ano] 2000 aconteceu um vazio... A Bicharada estava tendo dificuldade de manutenção... Eu estava trabalhando no Museu Histórico Farroupilha e o Governo do Estado, naquela ocasião, pela Secretaria da Cultura, tinha um recurso para todos os municípios onde houvesse equipamento da Secretaria da Cultura... E disponibilizava, então, para o projeto do verão, um recurso, que era... Não lembro exatamente o valor, mas existia um valor razoável para que a gente pudesse fazer uso... Eu tinha o dinheiro disponível e não tinha projeto, quer dizer, [não tinha] um projeto maior...

Eu tinha iniciado naquele ano e não tinha tido tempo de discutir com ninguém... E eu fiquei pensando o que [...] nós podíamos fazer, onde nós podíamos aplicar esse

recurso... E eu disse, “olha, a Bicharada é algo que acontece há tanto tempo e que não tem incentivo financeiro, né?!” Todas as vezes, as queixas que eu escutava era que não temos dinheiro para fazer... E, enfim, então eu pensei “esse é um bom projeto”... A gente pensa em fazer oficinas, comprar material para fazer os bichos, ensinar outras pessoas a fazerem isso... E eu procurei então primeiro o Niltinho... Porque era ele que vinha durante muito tempo fazendo isso, sem nenhum apoio e ele disse: “olha, se é de governo eu não quero, se é de governo eu não quero porque depois vocês querem mandar na gente e tem política; eu não quero saber”... Então eu disse: “Puxa vida, e agora? Eu tenho o dinheiro e não tenho quem faça” [Risos]...

E aí, então, eu busquei outras pessoas na comunidade que também gostavam da festa e que se dispuseram a realizar... Que participaram quando crianças... O Niltinho disse que não ia fazer mais... Disse “bom, então eu vou aproveitar essas pessoas e com elas nós vamos fazer”. E aí nós retomamos, fizemos uma oficina de construção dos bichos e contratamos os músicos... Porque, até então, os músicos faziam de graça, né?” “Não, vou dar uma ajuda de custo para vocês, pra vocês então fazerem. Um reconhecimento pouquinho financeiro do que vocês contribuem para a comunidade (sic)”.

G.D.Q.: Foi quando a velha banda voltou?

A.B.P.: Aí a velha banda retornou, né?! Eles reorganizaram, com os que ainda estavam vivos, né?! O seu Nezinho ainda tocava... O seu Valdo... Acho que o Paconha também tocou... Enfim, eles reorganizaram o grupo que era a entrada, a primeira banda... Que participaram daquele ano puxando a Bicharada... Foi muito bom!!!

E aí fiquei com os próximos anos... Enquanto eu estive no museu... Eu... Estavam prontos os bichos... E nós continuamos apoiando e organizando... E as crianças aí já queriam entrar nos bichos... Já não têm mais medo do bicho... Porque elas acompanhavam e carregavam... Então a gente fez essa atividade, né?! Então, precisávamos nos organizar para ver quem é que saía primeiro nos bichos... Todos queriam entrar no bicho... Então, fazia fichinha e inscrição e distribuía e foi bem bom!!! E foram três anos da gente fazendo...

G.D.Q.: Foram três anos, por volta de 2000?

A.B.P.: Eu acho que sim, 1999, 2000, 2001 e 2002, quase quatro anos... E aí a gente fez a entrega para a Secretaria Municipal de Cultura, que assumiu... Quando eu encerrei, no último ano [em] que eu estive no museu, eu passei a tutela dos bichos para a Secretaria Municipal de Cultura... Como não sabia quem iria assumir, eu passei para a Secretaria e eles assumiram e continuam até hoje.

G.D.Q.: Qual era o nome do projeto?

A.B.P.: Revitalização da Bicharada... Acho que era, eu não tenho certeza... Mas eu tenho [...] e vou te passar.

G.D.Q.: Para ti qual é a importância da banda? O seu Valdo fala com muito carinho, pois foi criada para tocar na Bicharada... Ele conta que antes não havia instrumento de sopro e ele conta que comprou um e criou a banda com um grupo de amigos.

A.B.P.: Eu não lembro porque quando eu começo a lembrar já era a do seu Valdo... **na minha época de medo** (refere-se ao período em que suas lembranças da Bicharada são relacionadas ao medo que tinha do boi), já era deles... Tinha o seu Nezinho, o outro Valdo... Tinham dois, um tocava cavaquinho e o outro tocava violão e instrumento de sopro... Eu já lembro deles (sic)... Depois até montaram [...] outro grupo chamado de Chorões, os Chorões [Risos]... Porque eles eram um grupo de músicos na cidade.

G.D.Q.: E eles tocavam as marchinhas tradicionais de Carnaval?

A.B.P.: Sempre tocavam aquelas, “mamãe eu quero” [Risos]. E pra mim Carnaval ainda continua sendo isso... Eu lembro que [n]esse Carnaval eu estive em outro lugar... Muita música, muito trio elétrico... Muita música... E aí, daqui a pouco, eu cheguei em um barzinho e tinha alguém tocando isso... Aí eu disse “agora é Carnaval”... Pois, na minha infância, Carnaval era isso.

G.D.Q.: Chegou a descobrir qual a origem da Bicharada?

A.B.P.: [De] onde saiu isso... Eu só fui entender depois, quando eu retomei a Bicharada, quando eu fiz a pesquisa para saber que elementos tínhamos... Aí começa a perceber elementos comuns a outras festividades que usam o boi como centro... Afinal, a figura central dessa Bicharada é o boi, e é o boi que vem, que atropela e que corre atrás das pessoas e que brinca com as pessoas também... E as crianças têm muito medo... Então, fica aquela pergunta: mas que figura é essa? [De] onde que sai esse boi? Daí a gente percebe que o boi é presença em outras festividades em nosso país e que têm alguns elementos comuns...

Eu vi uma vez no Pernambuco, em Vitória de Santo Antão, uma festa assim... Era só um boi caminhando na rua... Uma festa de Carnaval que era só um boi caminhando na rua... Daí eu me perguntei: Meu Deus o que isso tem a ver com aquilo que nós estamos vivendo lá em Piratini?

G.D.Q.: Realmente, eu também sempre me pergunto, será que vem de Portugal, enfim de onde vem isso?

A.B.P.: Então, não sei se é elemento dos Entrudos, das festas portuguesas que também usam o boi como figura... Mas ainda tenho essa dúvida de saber [de] onde... Mas [...] tem um elemento que perpassa todo o nosso país com a figura do boi...

G.D.Q.: As festas de Bumba-meu-boi são diferentes em cada região, mas têm muitas semelhanças: o boi atropelar, o consumo de bebida e a música para o boi ressuscitar. Aqui não temos os elementos do teatro, da história da Catrina que geralmente faz parte da história das festas de Bumba-meu-boi.

A.B.P.: Quando eu coordenei, uma das preocupações que eu tinha era de não ter bebida, porque tinha muita criança... Pois, quando [a festa] surgiu eram mais velhos... E quando eu comecei a trabalhar, eu introduzi as crianças... Os bichos eram mais leves, a armação era mais leve e eu usei muito as crianças porque eu percebia nelas a curiosidade e o medo... E aí, para trabalhar isso um pouco, do perder o medo e desafiar o medo, eu estimulava que as crianças entrassem, conhecessem como é que era ser um bicho...

E o que é mais impressionante: as crianças quando entram dentro do (sic) brinquedo, elas se transformam no bicho, elas assumem a personalidade do bicho e quando saem elas sabem que é uma pessoa que está ali dentro, mas elas passam a ter medo do bicho... É muito bonito ver isso... E é divertido e eles assumem a personalidade do bicho, é muito bonito ver o que [...] acontece com as crianças... E, mesmo sabendo que é outra criança que está ali embaixo, eles têm medo... Têm medo, fogem, choram e depois entram, depois eles entram... Mas é muito divertido...

Acho que isso meche com uma série de imaginário, de identidades, e enfim, papéis, funções... Porque, se tu estás num papel, tu [tens] uma atitude, se tu estás em outro papel tu [tens] outra atitude... Então isso dá para fazer muita análise, tem muita coisa para pesquisar sobre isso.

G.D.Q.: Outra coisa interessante é que é uma festa que reúne toda a comunidade piratiniense?

A.B.P.: Todo mundo. Tem esse caráter de ser extremamente popular e realmente pública, porque é na rua, todos podem participar, não precisa comprar nada, não precisa pagar nada, é só ir, é só participar... E outra coisa que me chama a atenção é que as pessoas não assistem à passagem da Bicharada, elas caminham junto... Isso interfere, inclusive... Eu acho que atrapalha no Carnaval, na outra parte do Carnaval, que é a escola de samba, porque a escola de samba costuma passar na Avenida e as pessoas assistirem... Aqui em Piratini não, aqui em Piratini as pessoas acompanham como se fosse procissão... Eu acho muito divertido... Quando eu quero assistir à escola de samba, eu não consigo... Porque as pessoas vêm caminhando junto... Muito engraçado isso... E aí a gente conseguiu fazer essa retomada... Porque ela estava um pouco que esmorecendo.

G.D.Q.: Outra coisa interessante é a respeito do período que a Bicharada surgiu: algumas pessoas falam na década de 1940 e outros falam na década de 1950...

A.B.P.: É, eu cheguei a olhar, era por volta da década de 1940... Que eu tenho essa informação... E aí eles falam na dona Biqueta que era a senhora que fazia as bonecas... Porque tinham bonecas junto... Nós retomamos as bonecas... Como sabíamos que tinham bonecas... Elas eram inspiradas em pessoas da comunidade, faziam uma charge... E funcionava como uma espécie de serenata... E ele (Seu Ari) voltava todos os anos para tocar em frente às casas das pessoas que ajudavam.

G.D.Q.: Uma dificuldade que se tem é em relação a documentos, pois como a festa era feita pela comunidade não havia a preocupação de documentar e por isso temos apenas a memória das pessoas...

A.B.P.: Cada um fazia o seu... Eu acho que a primeira vez que se passa a ter uma organização de prestação de contas, de ver se fez mesmo, foi o projeto que o museu encaminhou... Porque nós precisamos registrar e eu lembro que nós fizemos uma boa divulgação... Tivemos espaço na rádio Gaúcha... Tivemos espaço no jornal Zero Hora.

G.D.Q.: Tu tens algum recorte, material do projeto?

A.B.P.: Tenho sim... Eu fiz uma cópia de tudo e guardei comigo para não se perder... Eu esqueci que tu vinha[s] hoje, por isso não trouxe... Mas vou juntar e te avisar para buscar lá em casa.

G.D.Q.: Que bom! Esse material será muito útil para minha pesquisa... O que gostaria de destacar como importante?

A.B.P.: Eu acho que a importância foi não deixar cair no esquecimento e envolver as crianças... Porque tu renova e tu dá mais uma sobrevida... Porque esses (crianças) vão querer de novo... E na verdade eu sempre fui uma boa tia... Eu não tenho filhos, mas eu vejo que a criançada se diverte... E aí, eu, pensando neles, de manter vivo porque isso se prolongará por mais tempo, porque o que é importante na infância a gente quer de novo e quer que os da gente também tenham, quer que os filhos da gente, as próximas gerações... Nós vamos garantir um bom tempo agora disto... Porque temos fixado bem numa memória... Nos agentes de memória e que as crianças são, pra mim, fundamentais... E foi bom... A organização [da festa]...

Eu acho que, a cada ano, se torna um pouquinho mais difícil... Porque os riscos que a gente enfrenta hoje são diferentes, a comunidade é diferente, as intenções também de lazer são diferentes, tenho percebido... No final do meu período ali, eu comecei a ficar com medo... Porque algumas pessoas já abusavam da bebida e já provocavam briga e com criança isso é difícil... Porque como tu envolve crianças e elas vão mesmo, são eles que carregam, dá medo quando tu começa ver que se tem muita bebida e outros tipos de droga... Não que aconteça no grupo ali... A gente sabe que tá protegido, mas o entorno é que mudou um pouco, o que é uma pena... Porque, daqui a pouco, as pessoas vão perder a coragem de sair na rua... Mas, por enquanto, tá indo bem... Todos os anos ainda sai a Bicharada e a gente sai correndo para ver... Já sabe o que vai ver, mas a gente sai correndo para ver.

G.D.Q.: Na tua opinião, o que continua e o que mudou na Bicharada do Ari ao longo dos anos?

A.B.P.: Na Bicharada continua... Então, o boi continua... O urso já não tem mais...

G.D.Q.: Esse ano teve, eles fizeram os personagens antigos de novo, só um pouco diferente, sem a barba de pau.

A.B.P.: Ah! Esse ano eu não estava aí, mas que bom. Mas, sim, tem a Bicharada, tem os bichos, o boi principalmente... A banda que acaba tocando as marchas de Carnaval... Agora, claro que eles utilizam um pouco mais das músicas atuais, mas ainda aquelas que remetem a festa de Carnaval... O movimento das crianças ao redor...

Embora mudou um pouco (sic), porque as crianças antes ficavam com muito medo e hoje elas são as protagonistas, são elas que fazem a Bicharada acontecer e isso é uma mudança. E bem, as pessoas continuam caminhando ao lado, continuam fazendo procissão... E quem organiza... Enfim, isso também mudou, mas hoje é o poder público que faz e antes era alguém da comunidade, era privado, mas era coletivo também, mas uma coletividade independente... Mas, mesmo assim, não se tornou algo muito burocratizado...

A participação da Bicharada continuou... O que eu chamo de espontâneo, por que quem quer vai... Isso também é um pouco diferente porque no início era um bloco organizado que fazia isso... Hoje é assim... [...] tirando os músicos... Os músicos [são] um grupo organizado... Mas, para conduzir a Bicharada, quem quiser, vai, não tem uma organização anterior... Eu lembro que eu privilegiava quem não andou anda, quem não carregou ainda carrega... É claro que tinha aqueles que estavam sempre lá empolgados e acabavam repetindo... Eu acho que são essa[s] continuidades, rupturas e mudanças... As que eu percebo são essas.

G.D.Q.: Por que a Bicharada do Ari é importante?

A.B.P.: Eu não consigo dizer o que é mais importante nessa atividade, a não ser a congregar as pessoas: isso é o fundamental! E essa coisa de desempenhar diversos papéis, de se experimentar, de se desafiar... Isso a Bicharada ajuda... Lidar com os medos... Quando é que eu sou corajoso, quando é que eu sou medroso... Eu posso ser tudo isso...

Eu acho que foi bem bom ter feito esse trabalho... Mas, depois, melhor ainda foi quando outros também quiseram fazer... Ter certeza que as coisas não vão acabar... E interessante que as pessoas que vêm de fora acham isso muito interessante porque é uma coisa da nossa cidade.

G.D.Q.: É interessante que provavelmente Piratini é a única cidade do RS que possui uma festa assim.

A.B.P.: Quando eu fiz isso, algumas pessoas lembraram que em Pelotas tinha o Bloco da Cerquinha e da Girafa, que eu não consegui entender direito como é que funcionava... Eram blocos da cidade que no Carnaval também saíam na rua... Mas eu não sei bem como é que era... E, em Arroio Grande, parece que também tinha alguma coisa semelhante a isso... Porque as pessoas... ah!, mas isso o meu avô falava... Minha mãe falava que tinha... E em Pelotas eu cheguei a ouvir esses dois nomes, a Cerquinha e a Girafa, mas não pesquisei sobre elas.

G.D.Q.: Mas não mantiveram?

A.B.P.: Não se mantiveram, não existem mais... Já existi[ram], mas hoje não existe[m] mais e aqui continua... Aqui continua, mesmo saindo às vezes quase sem ninguém, quase sem nada, sempre sai. A gente fazia muito tempo... O maior Carnaval do planeta está em Piratini, porque aqui começa um mês antes, começa em janeiro e todas as semanas de janeiro com Carnaval... Termina... Aqui não se faz a festa dos Reis, mas termina a festa dos Reis e já começa o Carnaval... É bem boa, bem grande e isso se mantém vivo.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO / DURAÇÃO DO ARQUIVO DE ÁUDIO 00:29:49]

APÊNDICE T –

Data da Entrevista: 06 de setembro de 2016

Nome do entrevistado: Paulo Eduardo Dias Taddei (P.E.D.T.)

Nome de entrevistador: Gisele Dutra Quevedo (G.D.Q.)

Projeto: Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

G.D.Q.: Qual é o seu nome?

P.E.D.T.: Paulo Eduardo Dias Taddei

G.D.Q.: Sua idade?

P.E.D.T.: 57 anos

G.D.Q.: Data de nascimento?

P.E.D.T.: 28/08/1959

G.D.Q.: Local de nascimento?

P.E.D.T.: Aqui em Piratini.

G.D.Q.: Onde viveu a tua infância e a tua juventude?

P.E.D.T.: A minha infância até os 9 anos eu vivi em Piratini, e dos 9 aos 25 anos em Pelotas, mas vinha passar as férias em Piratini, as férias de julho, de inverno e depois as de verão eu passava em Piratini.

G.D.Q.: Profissão?

P.E.D.T.: Sou advogado e atualmente também professor. Hoje, sou mais professor do que advogado, porque dou aula para preparatórios de concurso público.

G.D.Q.: Em que período participou da Bicharada do Ari? Como era a festa?

P.E.D.T.: Eu participei desde os 9 anos de idade, por aí... Eu lembro que a primeira vez que eu saí foi no pinguim e lembro que fiquei muito sufocado e acabei deixando o pinguim e fugindo e não saindo depois que o seu Ari foi ver que o pinguim não tinha saído... E depois, todos os anos, dali para frente, eu saía, saía no carneiro, na girafa... Sempre participei ativamente da Bicharada... Até que chegou o momento, na década de 1980, entre o período de 1985, 1986, 1988, foi nesse período... Não foi fora dele... Que nós montamos a Bicharada e o seu Ari pediu... Eu nunca mais esqueço... Ele nos deu todas as fantasias que ele tinha e pediu que nós não [deixássemos] morrer... E aí o “nós” que eu falo era o Bloco Carnavalesco Garra, que foi fundado em 1980...

E o Bloco Carnavalesco Garra era o único bloco de Piratini, que eu lembre, que tinha bateria, percussão... nós [saíamos] na rua... E aí nós resolvemos então adotar a Bicharada... Pegamos a Bicharada... E um ano nós saímos ali do clube, dali de baixo

e no outro fomos lá pra casa... casa dos meus pais, no caso... Eu lembro de nós pegando madeira da parreira... Enfim, destruindo tudo o que tinha para construir os bichos... E nós ficamos 2 ou 3 anos organizando a Bicharada... E [neste] período a Bicharada ainda tinha em termos de desfile uma semelhança com a Bicharada tradicional, que era boi atropelando, inclusive invadindo até pátio com o portão aberto... Era muito engraçado... Subindo pra calçada... Só uma coisa que, aí sim, nós tínhamos cortado, pelo menos durante o desfile, que era ingerir bebida alcoólica... Mas acho que o pessoal já chegava meio tocado...

Teve um ano que até eu me surpreendi na frente da casa do meu pai e da minha mãe... O número de pessoas que chegou foi uma coisa assim fantástica... Aguardando nós abirmos o portão para [saírem] os bois e os bichos de uma forma geral... Então assim, era muita gente e eu lembro uma presença... Nunca mais esqueço... Uma presença maciça de professores do estado, do município, enfim, todos fantasiados, aguardando sair o boi ali pelo portão... E aí o urso colhia, ia colhendo recursos pra nós [comprarmos] instrumentos... E nós compramos instrumentos e tal...

E aí, a partir da utilização desses instrumentos, houve uma cisão: o Bloco da Garra deixou de continuar administrando a Bicharada e passou para outra pessoa... Então que foi o Nilton, é claro... Nós nunca ficamos com problema, o problema só existiu naquele momento que houve um rompimento... Na verdade, foi porque nós [tocávamos] baile... A banda da Garra e ele entedia que nós não [podíamos] tocar baile... Enfim, porque, na verdade, nós entendíamos que nós é que tínhamos conseguido aquele recurso, a Garra e a Bicharada junto... Tanto que numa das nossas camisetas, na daquele ano, [es]tava escrito “Garra o Bloco da Bicharada”... E aí nós, no final das contas... A gente percebeu que o Nilton era muito dedicado, ele trabalhava conosco, junto conosco, tinha muita dedicação e aí nós achamos que, se seguisse nas mãos dele, apesar daquele pequeno transtorno, ia ficar muito bem representado...

E, aí sim, houve uma renovação até na forma de construção dos bichos... Os bichos que eram muito pesados, eram com madeira... Era um show... Nesses 2 anos, conseguimos reproduzir os animais... O próprio, que a gente chamava tocador, com a mesma “agressividade” dos bons tempos de Bicharada, do Dinarte, do Crescêncio, do Djalma, conhecido como Rapina... Então, conseguimos manter aquilo, aquela risada, aquelas pessoas correndo pela calçada, boi subindo calçada... Foi muito legal, durante 2 anos... E saía, também conosco, o seu Valdo Garcia, o seu Nei... Estavam sempre juntos... O falecido Valdinho, que era da Garra e tocava cavaquinho e percussão... Enfim, naquele período, quem deu sustentação ao pedido do seu Ari foi eu, o Nanato, o Cacalo, Niltinho, o Gilmar Sarubi, o Guta e praticamente todo o pessoal da Garra...

E eu lembro uma vez que foi muito emocionante... Eu dizendo para o pessoal: “nós temos que fazer uma homenagem enquanto as pessoas vivem, pois homenagem póstuma é para a família”... Bem, mas eu queria fazer aquela homenagem para o seu Ari... E nós, então... E eu lembro que nunca tinha visto tanta gente junta, ali entre a rua Comendador Freitas que desce a Prefeitura e a rua Bento Gonçalves... Eu nunca tinha visto tanta gente junta... E aí nós paramos a percussão e eu ensaiei um discurso e o seu Ari estava na calçada e se emocionou muito... E eu também me emocionei

muito... Enfim, colocando ali a grandeza dele como ser humano... Que isso é praticamente incontestável... E pela grandeza da obra dele, que a Bicharada é obra do tio Ari, [de] onde ele tirou, como ele criou...

Enfim, uma vez ele me falou... Eu tenho uma breve lembrança... Que tinha relação com as festas de bumba meu boi... Agora, como eu não sei, porque ele não era uma pessoa de muitas letras, mas de uma sensibilidade... Ele coordenava aquilo... Eu nunca vi alguém coordenar todo aquele pessoal... Porque, no início, era muita gente... E ele não precisava usar autoridade, autoritarismo, ele cativava... Era o tipo paz e amor... Chamava atenção, era disciplinador, mas cativava as pessoas.

G.D.Q.: Quais os fatos marcantes?

P.E.D.T.: A homenagem ao seu Ari, a rua tomada [pelas] pessoas, os telefonemas para a casa da minha mãe, o envolvimento que a gente tinha... Naquele período, praticamente a minha vida, as minhas férias eram destinadas à Bicharada e o Bloco da Garra... Também foi importante quando estava passando uma vez na escola Ponche Verde e o Júnior, do Picote, era pequeno e mexeu com o tocador e eles o seguiram atrás até a casa dele... Ele disparando e o boi e o tocador correndo atrás... E outra vez que duas jovens disserem o nome de quem estava embaixo do Boi e eles saíram correndo atrás delas, inclusive entrando no pátio da casa do seu Enio... Elas correndo e eles correndo atrás... Essas coisas muito espontâneas que aconteciam ficaram na minha memória... E a alegria das crianças era muito legal de ver.

G.D.Q.: Como era a Bicharada nessa época, quem participava dela?

P.E.D.T.: Participava o pessoal do Bloco Garra, praticamente todos os integrantes. Eram dois bois, um nós tentamos reproduzir, o Bordalesa, que era um boi tradicional do tio Ari... Que ficou no imaginário de todo mundo que viveu na década de 70... Aquilo foi muito forte na vida da gente, muito forte... Então nós tentamos reproduzir, era um boi menor preto, mas muito “agressivo”, e montamos um super boi com o que nós [tínhamos] no pátio... Super porque precisava de um guindaste... Só os mais fortes conseguiam carregar e era um boi cor de rosa que era o único tecido que conseguimos... Era uma cortina que nos doaram e era cor de rosa e construímos o boi... Os ursos nós [íamos] buscar barba de pau ali perto da Azenha e passava costurando... Era[m] basicamente os integrantes do Garra, mascarados e uma participação popular muito significativa... Aquilo nos sensibilizava muito, pois significava que estávamos conseguindo levar adiante o projeto do tio Ari.

G.D.Q.: Quais são as permanências, as adaptações e as rupturas que ocorreram daquele período para os dias atuais na festa?

P.E.D.T.: Bom, nós tentamos reproduzir o que era a velha Bicharada, em termos dos bichos... Inclusive, ficaram alguns bichos da época do tio Ari... Se não me engano, a girafa, que era mais difícil de fazer, o carneiro, os bois, que continuaram com cabeça de verdade... Inclusive, o boi rosa nós ganhamos de um matador e era muito pesado... Quem ia na frente (sic), sofria, pois era um peso horroroso...

Rupturas, claro... Lá atrás, o pessoal bebia, saía bebendo... Nós, durante o desfile, não permitíamos, pois começou a participar um número maior de crianças... E a maior

ruptura que houve, eu acho que foi naquela transição que eu te falo... Que nós nos dividimos... Quando houve uma dissidência e aí sim começou uma construção de bichos de forma diferente, com arame, não se usava mais madeira, eram bem [mais] “levianinhos” e aí mudou-se uma lógica... Quem ocupava os bichos eram as crianças, passou a ser uma Bicharada infantil... Pois até nós ali, 1986 a 1988, nós ainda tentamos ser fiéis ao modelo de Bicharada do tio Ari... O objetivo era aquilo que foi mágico para nós, que mexeu com nosso imaginário... Nós nos assustávamos muito com isso... A gente percebia nas crianças uma mistura de alegria e medo e isso nós conseguimos nesse período.

G.D.Q.: E os fantasiados, ao longo da História da festa, sempre estiveram presentes. O que eles representam ou simbolizam na tua visão?

P.E.D.T.: Eu diria assim... A sensação que eu tive nesse dia [em] que a rua estava cheia de gente em frente à casa dos meus pais... Eu acho que o fantasiado não está necessariamente ligado ao grupo que organiza... É a pessoa que se arruma e vai... Para nós, representava legitimidade, credibilidade, porque as pessoas estão gostando e estão participando... Quanto mais mascarados, mais bonito ficava, mais movimento tinha... Então, eu me pegaria nessas duas expressões porque dava legitimidade aquele pequeno grupo e também credibilidade até pelas pessoas que participavam. Era uma festa, a marca fundamental é que era um momento [em] que se percebia uma diminuição das classes sociais, não só das classes sociais como raciais... Era uma coisa mágica, e na época do tio Ari era mais mágico ainda. Pra mim e para o grupo da Garra era muito especial, pois fomos aquele grupo de crianças que tínhamos aquele misto de curiosidade e medo, a festa fez parte da nossa infância. Principalmente o Boi Bordalessa e o seu tocador, e os Ursos, davam muito medo e curiosidade de participar. Essa festa é uma coisa única, eu cheguei a pesquisar, muito superficialmente, quando nós organizávamos, mas embora ela possa se inspirar nas festas de bumba meu boi, ela é uma coisa única... Para defini-la: é a Bicharada do tio Ari.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO / DURAÇÃO DO ARQUIVO DE ÁUDIO 00:22:55]

APÊNDICE U –

Data da Entrevista: 07 de setembro de 2016

Nome do entrevistado: Otália Carvalho Bueno (O.C.B.) e João de Deus Bueno Valente (J.D.B.V.)

Nome de entrevistador: Gisele Dutra Quevedo (G.D.Q.)

Projeto: Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

G.D.Q.: Qual é o seu nome?

O.C.B.: Otália Carvalho Bueno

J.D.B.V.: João de Deus Bueno Valente

G.D.Q.: Sua idade?

O.C.B.: 73 anos

J.D.B.V.: 51 anos

G.D.Q.: E qual é o nome e a idade do outro filho, do teu irmão?

O.C.B.: 50 anos

J.D.B.V.: 50 anos, é o Nei Bueno Valente.

G.D.Q.: Data de nascimento de vocês?

O.C.B.:

J.D.B.V.: 21/02/1975

G.D.Q.: Local de nascimento?

O.C.B.: Aqui em Piratini.

J.D.B.V.: Aqui em Piratini.

G.D.Q.: Onde viveram a infância e a juventude?

O.C.B.: Em Piratini.

J.D.B.V.: Em Piratini.

G.D.Q.: Profissão?

O.C.B.: Aposentada

J.D.B.V.: Aposentado

G.D.Q.: Vocês sabem me dizer o ano que o senhor Ari começou a Bicharada?

O.C.B.:

J.D.B.V.: Por volta de 1940.

G.D.Q.: Como era a Bicharada quando ele criou?

O.C.B.:

J.D.B.V.: Ele criou a Bicharada para alegrar o povo... Ele gostava de fazer os bichos... Tinha o boi, a girafa, os carneiros, e os bonecos... Também tinha o galo, o elefante, e o carneiro.

G.D.Q.: Sabem por que o senhor Ari criou a festa da Bicharada, existia alguma outra festa assim? De onde ela surgiu?

J.D.B.V.: Não, ele gostava muito do povo, era para alegrar o povo piratiniense... Daí surgiu a festa, e os amigos dele ajudavam a fazer tudo... Tinha 2 ursos também, tinha os toureiros, tinha a vaca e o boi que iam na frente, e tinha 2 que iam brincando, toureando eles com um laço (sic). Um era o Dinarte e o outro era o Ari, irmão do Daili.

O.C.B.: E quem fazia as roupas era a Biqueta, avó do Cacaio. Ela fazia as roupas e as bonecas. Ela gostava de fazer as fantasias.

G.D.Q.: E a cabeça dos bichos eram de verdade e atropelavam né?

O.C.B.: Sim, era cabeça de verdade e os bois atropelavam.

J.D.B.V.: Quando ia atropelar, os toureiros puxavam... Era só para assustar mesmo.

G.D.Q.: Todo mundo participava, diz que vinha gente até de fora, né?

O.C.B.: Vinha gente de fora sim, de Pelotas, Rio Grande...

J.D.B.V.: Tinha os palhaços que iam em uma ala separada, atrás da Bicharada.

G.D.Q.: O que vocês lembram, que era mais importante, mais marcante na Bicharada do Ari?

O.C.B.: O pessoal enchia as ruas para olhar... O pai andava por tudo que era lugar em Piratini, e depois subia todo mundo no caminhão e iam pro Cancelão lá... Pro pai agradar os que moravam no Cancelão. [...] o pai dizia assim “temos que ir pro Cancelão”... Eu e meu irmão Bolinha sempre [o ouvíamos] dizer “temos que ir pro Cancelão pra agradar o povo de lá do Cancelão”... Enchia de gente.

J.D.B.V.: Na época já iam para o Cancelão.

G.D.Q.: E quais os “bichos” que vocês consideram foram os preferidos da comunidade piratiniense?

O.C.B.: Acho que era o boi.

J.D.B.V.: Tinha a girafa também que era muito bonita, era grande.

G.D.Q.: E do senhor Ari, havia um bicho que era o seu preferido?

O.C.B.:

J.D.B.V.: Ele falava no boi... O nome do boi era Fortaleza e a vaca era Bordaleza.

G.D.Q.: E a boneca “Mamãe Dolores” sabem se ele se inspirou em alguém para fazê-la?

O.C.B.:

J.D.B.V.: Foi ideia dele... Ele dizia “vamos fazer uma boneca para ficar bonito”, e os amigos dele ajudaram a fazer...

G.D.Q.: E a música, no início era com gaita, antes da banda do seu Valdo?

O.C.B.:

J.D.B.V.: Era com gaita... Era o seu Milinho que tocava gaita e o filho dele que tocava tamborim.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO / DURAÇÃO DO ARQUIVO DE ÁUDIO 00:08:35]

APÊNDICE V –

Data da Entrevista: 09 de setembro de 2016

Nome do entrevistado: Nilton Dieguez Cardoso (N. D.C.)

Nome de entrevistador: Gisele Dutra Quevedo (G.D.Q.)

Projeto: Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

G.D.Q.: Qual é o seu nome?

N. D.C.: Nilton Dieguez Cardoso

G.D.Q.: Sua idade?

N. D.C.: 60 anos

G.D.Q.: Data de nascimento?

N. D.C.: 13/03/1956

G.D.Q.: Local de nascimento?

N. D.C.: Piratini

G.D.Q.: Onde viveram a infância e a juventude?

N. D.C.: Todo o tempo em Piratini

G.D.Q.: Profissão?

N. D.C.: Desempregado atualmente.

G.D.Q.: Em que período participou da Bicharada do Ari? Como era a festa?

N. D.C.: Dizer data precisa é difícil porque eu era criança... A gente ajudava o tio Ari a confeccionar os bichos para poder sair nos bichos... Cada um tinha prioridade de ajudar a fazer o que gostava de andar... Tinha[m], por exemplo, os que gostavam de andar no urso... O finado Ari tinha um urso que era um macacão, forrado todo de barba de pau... [...] O urso tinha mais liberdade, [...] percorria todo o percurso e era o que arrecadava dinheiro para a Bicharada. Aí os que gostavam de andar no carneiro, confeccionavam o carneiro, que era também todo feito de barba de pau, madeira e tala de butiazeiro, conforme o boi. A cabeça era uma ossada original forrada. E tinha o galo, confeccionado pelo finado Davi; a girafa confeccionada por ele que era o mais difícil de fazer... Daí aquilo ali era sempre a mesma... E o boi, o carneiro e o urso todos [os] anos eram feitos novos... E a gente ajudava ele que era para poder participar (sic). E na época do finado Ari era diferente da minha... Quando eu peguei... Que quando a gente entrava em um bicho não podia aparecer para ninguém... Era surpresa, e tinha que ir do início ao fim, percorria quase toda a cidade e o boi atropelava tudo... Aí depois o seu Ari parou uns anos e depois assumiram esses guris da Garra, e me pediram um apoio para fazer, daí eu ajudei eles, e eles fizeram dois anos seguidos

(sic). E o que me revoltou foi um ano que o boi... Eles tinham mania de atropelar e atropelaram uma senhora com criança no colo de frente a escola Ponche Verde (sic)... Aí o que [...] eu fiz... Aí eu comecei a modificar os bichos para as crianças... Que criança a gente tem melhor domínio... Aí que eu fui modificando. O primeiro bicho, que foi confeccionado por mim mesmo, de início, foi o elefante... Que a minha ideia era fazer a cabeça só do elefante pra botar e seguir o corpo normal... Só que eu errei no tamanho, deu uma coisa diferente e aí eu fiz o corpo dele... Daí fiz o corpo e foi o primeiro... E duas crianças andavam e foi o que mais se destacou... Aí como antes não tinha quase recurso, conseguia pouco recurso no comércio... O Paulo César, teve um ano que foi secretário de turismo no governo do seu Carlos Carvalho que ajudou muito, deu muito material... Aí do elefante, eu fiz a girafa, toda de arame e também mais leve para criança... E depois me surgiu a ideia de fazer o camelo, que era o bicho mais perfeito que tinha... A gente olhava de perfil... E os bois que eram [tradicionais]... Aí virou só para criança e aí não tinha mais o problema de atropelar... A gente trouxe as famílias para a rua, que muita gente não ia. Foi na década de 1980 e fiz uns 15 ou 16 anos. Tem esse recibo aqui que é de 1991, que eu tive o contratempo com eles e fiquei sozinho e que eu paguei a taxa e fiz até 1998... Porque em 1999 eu já não fiz... Foi quando a Angélica assumiu... E nesse período que eu fazia, não era que nem hoje que eles têm verba do estado, do município que envolve mais ou menos 12 ou 13 funcionários com uns bichos ridículos... E a diferença também que tem que na minha época os bichos andavam num local livre de mascarados no meio, as crianças tinham liberdade para andar e hoje quando não é os mascarados atrapalhando, são as mães que colocam as crianças e ficam segurando... As crianças não tem liberdade de brincar, perde a graça... As crianças tinham liberdade de brincar e, [a] cada parada, nós [trocávamos] ara todos terem oportunidade de participar... Nós não [permitíamos] bebida alcóolica no meio... Andava sempre com um garrafão de água para dar para as crianças e hoje não tem.

G.D.Q.: O que que mais marcou esse período?

N. D.C.: O prazer da gente dar divertimento para as crianças, [para] o povo em geral... Porque a gente colocava a população toda na rua... Não é que nem hoje... Meia dúzia de gente assistindo.

G.D.Q.: Uma coisa interessante é que todas as pessoas falam que a Bicharada une quase toda a comunidade?

N.D.C.: Sem discriminação... Era pobre, branco, rico, preto... Todos, sem discriminação.

G.D.Q.: E os fantasiados, como é que era?

N. D.C.: Na minha época, tinha o pessoal que formava... Quem complementava muito era o Paulo César, que reunia a turma dele... A Lisete, e outros, acompanhavam a Bicharada, mas não no meio dos bichos. A gente fazia assim: o pessoal que queria se divertir e sambar, fantasiado, como as fogosas do 5º, tomavam a frente e depois vinha a turma da música, a banda do seu Valdo... O seu Valdo tocava, mas era tudo voluntário... Não era que nem hoje que tudo é pago... Todo mundo vinha por amor à camiseta mesmo... Aí tinha os guris que tocavam comigo... O seu Valdo meio que

coordenava tudo... Ele e o Nei... E então era o pessoal que queria se divertir e sambar bem na frente... Depois vinham os músicos e, por último, os bichos... Para ficar mais fácil de controlar e as crianças, assim, tinham espaço para brincar.

G.D.Q.: E ajudava a fazer os bichos?

N. D.C.: Tinha o Paulinho que morava ali perto da balança, tinha o que tinha o apelido de “Nega velha”, que eu não lembro o nome, o José Augusto Lopes, o Zezé dos anúncios, o Duda, filho do finado Teobaldo, o Toninho que trabalha hoje aqui na Shansa... Me ajudou muito também (sic)... E as crianças que gostavam de sair... Que, quando a gente estava confeccionando os bichos, estavam sempre na volta da gente, ajudando. Até um dia, nós estávamos confeccionando os bichos no porão do sindicato e, esse que morreu de carro agora a pouco lamentavelmente, o Daivid, ele veio para estudar... Ele e a irmã dele e moravam ali na frente... E estávamos confeccionando um boi, colocando os olhos... Que a gente usava papel luminoso... E ele perguntou “esse boi não tem sobancelha” e, eu de molecagem, disse “ué, por que vocês não colocam?”, “mas o quê?”, “Ué, o cabelo de vocês!”... Daí, pegaram uma tesoura e cada um doou um pouquinho e eles mesmo colocaram... Pouco antes do Daivid se acidentar, ainda ele comentou comigo... A ajuda que a gente tinha era o comércio que ajudava, porque da parte da Prefeitura não tinha ajuda... Está aqui uma prova que, em 1991, tive que pagar uma taxa para ter licença para o espetáculo da Bicharada... Quando eu fiz e os que fizeram comigo... O pouco que a gente tinha doava para aquilo ali. Hoje não, é tudo pago... No tempo do finado Ari, ele também tinha dificuldade... A Prefeitura prometia e não ajudava... Quem ajudava era a comunidade e o comércio em geral... Eu sempre tive apoio da loja Garibaldi, do SSZ, da Casa do Povo... O pessoal ajudava com material. Na Prefeitura eu tive uma encrenca, quando a Zaira era secretária e eu solicitava orçamento em material e chegava lá e ela negava... Dizia que só podia me dar dinheiro e eu dizia que dinheiro eu não queria, pois depois iam dizer que eu roubei e então assim eu não queria. Quando envolve política para mim não serve. Mas, tudo foi válido... Ao menos, a gente fazia uma coisa que a gente gostava e se divertia... A gente se divertia com eles também. Uma pena, não ter continuidade, agora que eles têm verba, que dizem que vem uma verba boa para isso... E as crianças não têm liberdade para brincar também... Muita falta de organização... As pessoas não deixam as crianças livres para se divertir... Tinha que conter o povo para não ficar pegando os bichos... Hoje eu não vou lá para ver a Bicharada... Para mim não é mais a mesma coisa... Na minha época, tinha 3 bois, a girafa, o camelo e o elefante... Quando eu via, tinha 6 pezinhas, 8 embaixo do elefante, de tanto que as crianças gostavam... Eu fico com mágoa de tanto trabalho e dedicação e agora ver que não tem mais a organização... Agora eles têm recurso e não se dedicam como a gente se dedicava.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO / DURAÇÃO DO ARQUIVO DE ÁUDIO 00:18:37]

APÊNDICE W –

Data da Entrevista: 12 de abril de 2017

Nome do entrevistado: João Carlos Almeida da Rocha (J.C.A.C.)

Nome de entrevistador: Gisele Dutra Quevedo (G.D.Q.)

Projeto: Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

G.D.Q.: Qual é o seu nome?

J.C.A.C.: João Carlos Almeida da Rocha

G.D.Q.: Sua idade?

J.C.A.C.: 62 anos

G.D.Q.: Ano de nascimento?

J.C.A.C.: 1955

G.D.Q.: Onde viveu sua infância e juventude?

J.C.A.C.: Em Piratini.

G.D.Q.: Profissão?

J.C.A.C.: Professor aposentado.

G.D.Q.: Me fala sobre as tuas lembranças da Bicharada?

J.C.A.C.: O que eu vou te passar foi contado pelo tio Davi... É uma pena que não ficou registro nenhum... Porque o tio Davi... Ele confeccionava os bichos junto com a mãe dele, a minha avó Biqueta... Ele sempre nos contava as histórias da Bicharada... Nas reuniões de família, ele sempre contava a história da Bicharada... Quando a gente era moleque, participava da Bicharada... O tio Ari foi o responsável por fazer a gente gostar do Carnaval... Inclusive, houve uma época nós fizemos uma Bicharada... O Ramão, irmão do Niltinho, o tio Ari saía para um lado e nós saía[mos] para outro... Nós tudo moleque queria fazer uma coisa bem melhor (sic), mas depois parou... O Ramão parou de fazer e depois ficou uma coisa só e seguiu só a Bicharada do tio Ari.

E depois, quando ele não pode mais fazer, por problemas de saúde, nós assumimos a Bicharada... E saía ali da casa da dona Ecy, mãe do Paulinho, o Bloco Garra... Aí depois nós passamos para o clube, ali onde é a boate agora... Nós passamos para ali... Eu não sei se tu chegou a conhecer naquela parte dos fundos... Tinha uma peça com churrasqueira e nós [fazíamos] os bichos ali e o Bloco Garra se reunia no Carnaval ali... E foi quando se fez essa mudança... Que até hoje usam ainda... Que [foram] as armações de arame... Porque antes eram feitos de madeira e o contorno pra fazer as costelas, para dar formato do corpo do bicho, era feito de tala de

butiazeiro... Então era um peso coisa mais horrorosa... E, então, por iniciativa do Niltinho, que aprendeu, com certeza, com o Ramão, começamos a fazer a moldagem toda... [desde as] cabeças todas... Eram feitas todas com arame... Que o Niltinho inclusive é um expert nisso...

Mas a Bicharada surgiu quando veio para cá e trouxe essa ideia o Cabo Caburé... Ele era um brigadiano destacado do Pelotão da Brigada de Pelotas para cá... E trouxe com ele... Como gostava muito de Carnaval, criou aqui o Bloco do Boi... Que eu calculo e o tio Davi também falava para nós... Que teria trazido das festas do Nordeste de bumba meu boi... E começou a incentivar os jovens que começaram a participar da festa do Boi... E, quando ele foi embora, o tio Ari assumiu o Bloco do Boi e, por incentivo do tio Davi e do seu Bastos, que era gerente da agência dos Correios aqui, na época... E então começaram a criar outros bichos e aí que criaram a Bicharada... Tinha o boi... Aí fizeram a girafa...

O tio Davi contava que tinha um tigre... Nós nunca fizemos isso aí... Tinha um tigre que eles usavam uma lanterna vermelha na boca... Que aí de noite iluminava... Tinha o galo, o carneiro, que era feito com barba de pau... E a vó fazia as fantasias... que ele pedia para a vó costurar... Tinha[m] as bonecas, umas fantasias de palhaço e umas fantasias de dominó... [Era] um vestido preto... Parecia[m] aqueles carrascos que a gente vê nesses filmes antigos, com aquelas carapuças... Tinha a roupa toda que era um vestido e depois tinha uma capa, e essa capa era toda aplicada com os símbolos do baralho... Símbolos das cartas de baralho que eram aplicadas nessas capas... Tinha o grupo de vermelho e o grupo de preto, todo de preto e outro todo de vermelho... E ele oferecia para quem quisesse sair... Daí saíam uns de palhaço e outros de dominó... E tinha o urso, que foi criado para arrecadar dinheiro para poder manter a festa e, na realidade, ele comprava inclusive bebida para distribuir, pois eram todos adultos, muitos já casados...

E as bonecas surgiram e tem duas versões, e as duas tem lógica... Que a minha vó fez porque na época tinha uma música antiga, chamada nega maluca [o entrevistado canta]: **“tava jogando sinuca uma nega maluca me apareceu vinha com filho nos braços e dizia para o povo que o filho era meu”**... E a vó fez e era uma negra com filho nos braços mesmo... Mas, também tem a versão que era baseada na novela “Direito de Nascer”, que tinha a Mamãe Dolores que criou Albertinho Limonta... Têm essas duas versões... A mãe diz que é a versão da música, mas também tem a da novela e aí eu não sei dizer qual é a versão certa.

G.D.Q.: O Paulo Cardoso comentou que têm algumas bonecas que eram personagens da comunidade de Piratini, lembra-se disso?

J.C.A.C.: Tinha... A vó fazia... Tinha gaúchos e outros personagens que eram baseados em pessoas da comunidade e ia mudando todos os anos... E eu lembro ainda do tempo que eles comentavam que, antes de ter a música do seu Valdo e do seu Neizinho, era a gaita do seu Clemente, que ia numa carroça atrás da Bicharada tocando.

G.D.Q.: Outra coisa que nenhum dos meus entrevistados falou, mas está na dissertação do Chamorro, é que ele diz que havia peças de teatro debochando de

situações do cotidiano da cidade, algo que acontece em festas de bumba meu boi mas nenhum dos meus entrevistados falou, lembra-se disso?

J.C.A.C.: Não, sinceramente eu desconheço... Nunca ouvi falar... Nem a minha mãe, a minha vó ou o tio Davi me falou sobre isso.

G.D.Q.: O que foi mais marcante para ti das mudanças da festa do período antigo para o atual?

J.C.A.C.: A festa não era como hoje... Antes, quem saía de baixo do bicho voltava, não trocava... Essa troca veio depois que o Museu assumiu, no tempo da Angélica... Porque tinha muita criança e aí ia trocando... Porque na nossa época não... E ninguém sabia quem estava em baixo do bicho, e nós [andávamos] na volta e [queríamos] espiar... [Metíamos] a cabeça para ver e o tio Ari nos corria. Era como se fosse uma fantasia de bicho... Era muito interessante... Hoje em dia, saiu um pouco... Até as gurias estão tentando... Já fizeram um estandarte, uma boneca... Mas precisa voltar, pois está perdendo a identidade... Pois antes o boi atropelava, o urso saía correndo, corria as pessoas... Mudou muito a mentalidade também... Porque antes o pessoal que assistia se colocava na calçada e também respeitava a coisa... Hoje em dia é capaz de ir lá e tirar... Os tempos são outros... Pelo que eu conheço, e adoro o Carnaval, não existe no Brasil inteiro algo igual.

G.D.Q.: Quais as tuas lembranças mais importantes da Bicharada?

J.C.A.C.: Eu nasci e me criei naquela casa ao lado do Clube, e ela tem um pátio grande e os bichos o tio Davi moldava lá em baixo e depois levava para o tio Ari. ...

A minha vó (Biqueta) me ensinou muita coisa, para mim e para os outros netos ... eu nasci em 1955 e a Bicharada já existia há muito tempo, por isso eu nasci e me criei vendo, vivenciando a festa ... a nossa época de Carnaval, de dezembro e janeiro quando começava a função da Bicharada nós a vivenciávamos, participávamos sempre da festa

[FIM DA TRANSCRIÇÃO / DURAÇÃO DO ARQUIVO DE ÁUDIO 00:29:47]